

A RAZÃO DA MINHA VIDA - EVA PERÓN



EVA PERÓN

A RAZÃO DA MINHA VIDA

Coleção PERSONALIDADES

Por considerá-la a maior personalidade política feminina do Século XX, a REVISTA Editor e Livraria resolveu homenageá-la reeditando esta excepcional obra, cujo conteúdo deve ser meditado profundamente por ricos e pobres, governantes, políticos e trabalhadores, jovens e idosos, pois traz pensamentos e mensagens que podem tornar o mundo mais justo, humano e realmente digno de ser vivido.

EVA PERÓN

Deus levou para si a maior Líder Popular do Século, quando ela tinha apenas 33 anos de idade.

Pouco tempo após a morte de Eva, o Governo Perón, que havia conseguido dar a INDEPENDÊNCIA POLÍTICA E ECONÔMICA à Argentina, que inclusive estava iniciando a exportação de tecnologia nuclear, foi desestabilizado e derrubado por golpe de Estado, patrocinado por interesses político/financeiros internacionais.

A black and white photograph of Eva Perón in profile, facing left. She is smiling and speaking into a vintage microphone. Her hair is styled in a classic 1940s fashion, pulled back. She is wearing a dark, possibly fur, coat. The background is dark and out of focus.

A RAZÃO DA MINHA VIDA

Coleção PERSONALIDADES

EVA PERÓN

**A
RAZÃO
DA
MINHA VIDA**

Capa: S.E. Castan

Maio de 1999

Tradutor: Hélio J. de Oliveira

Fotografias: Serviço Internacional de Publicações Argentinas

1ª Edição composta pela Revisão Editora e Livraria Ltda.

EVA PERÓN

A RAZÃO DA MINHA VIDA

Revisão Editora e Livraria Ltda.

Caixa postal, 10466

90.001-970 Porto Alegre, RS., Brasil

230 páginas 16x21 cm

Autobiografia - História - Política

I.S.B.N. N° 85-7246-021-7

ISBN 85-7246-021-7



9 788572 460217

EVA PERÓN

**A
RAZÃO
DA
MINHA VIDA**



Todos na vida temos um
dia maravilhoso”. Para mim,
foi o dia em que a minha vida
coincidiu com a vida de Perón.

Evita Perón

A obra social e humana, levada a cabo em seis anos por Eva Perón, demarca a transição histórica da Argentina, que, do privilégio odioso imposto como sistema pela oligarquia, passou para o império da justiça, que, em essência, constitui a obra doutrinária e prática do peronismo. Eva Perón, colaboradora insuperável do líder do povo argentino, o General Juan Perón, demonstrou ser, através de todo o seu dinamismo criador, do seu amor pelos humildes, o fator mais eficazmente capacitado para coadjuvar a profunda transformação social argentina, constatada com verdadeiro rigor, por todo o povo da República.

Seria longo enumerar as extraordinárias realizações levadas a cabo, desde 1946, por aquela, que com toda a propriedade, foi denominada a Paladina dos Humildes. Não foi, certamente, tarefa fácil a desta mulher excepcional, cujo caráter e férrea vontade jamais desfaleceram perante os obstáculos duma luta titânica, que, à luz dos acontecimentos, assume envergadura histórica. Todo o país pôde ver esta admirável mulher enfrentar as maiores dificuldades com toda a decisão; nenhuma vacilação, nenhum temor, conseguiu apagar as ânsias de justiça e de redenção social entesouradas no seu coração vibrante, as quais, mais do que nunca nessa hora, são o bálsamo que mitiga a dor e cura a ferida de todos aqueles que precisam de luz para suas almas e bem estar para suas vidas.

Em 1946 Eva Perón inicia sua múltipla tarefa em prol do povo. Junto do General Perón, trabalha sem cessar. Não há repouso para ela: repouso que não procura nem quer. Todas as suas fibras da sua nobre vontade trabalham pelo bem estar desse povo que ela ama de maneira entranhável e apaixonada. Vão surgindo, então, as maravilhosas realizações que constituem um motivo de orgulho para o sentimento civil dos argentinos. Contra a força oponente da oligarquia, em luta aberta com os poderosos, ela lançou o ardente clamor da verdade. Defende e alenta os trabalhadores e os humildes.

Empreende a campanha para a consecução dos direitos cívicos da mulher, não existindo descanso na vida de Eva Perón. Trabalha de sol a sol, queimando a sua vida. A Fundação que ela criou e que leva seu nome, erige Policlínicas, Escolas, Clínicas de Reconstituição, Lares de Trânsito, o Lar da Empregada, Lares para Anciãos, Cidades Infantis, Cidades Estudantis, Cidades Universitárias, Escolas de Enfermeiras, Bairros Operários, Provedorias, Colônia de Férias para trabalhadores e Colônias Infantis de Férias. Ausculta permanentemente as angústias, as necessidades do seu povo e alvitra as soluções materiais e espirituais para cada caso. O seu nome e sua obra ultrapassa as fronteiras da Pátria, e os olhos do mundo admiram essa extraordinária ação. Dos mais longínquos recantos da terra querem ver essa mulher que para muitos é sómente uma concepção idealista. Assim, é convidada pelos governos de velhos países da Europa, onde trava contato com os povos, que aclamam a sua presença, deixando neles a lição exemplar da sua vida, da sua prédica e do seu exemplo.

A sua obra é retificação do passado, realização do presente e projeção sem dimensões para o futuro. Na realidade a sua ação é tão vigorosa, tão evidente, que é preciso esperar a passagem do tempo para avaliar sua obra em toda sua dimensão. Eva Perón é julgada já nas suas estupendas realizações e na projeção das mesmas; na sua ação orientadora do movimento gremial argentino; no amor ao seu povo, que é o amor de Perón e o amor a Perón; no seu fanatismo pela causa e pelo Líder; na sua apaixonada inclinação para o bem; na sua fina sensibilidade feminina, que começa com o cuidado e proteção às crianças e se estende ao amparo da ancianidade; na sua vitoriosa batalha, após a qual consegue a inclusão da mulher na vida cívica da República; na sua histórica concepção da dor sem fronteiras e na luminosa aspiração, à qual entrega os dias e as horas da sua vida, para construir um mundo melhor, de amor, de paz e de justiça.

OS EDITORES

Eva Peron

A razão da minha vida

PREFÁCIO

Este livro emergiu do âmago do meu coração. Por mais que as páginas falem dos meus sentimentos, pensamentos e de minha vida, o leitor encontrará nele tão somente a alma, a existência do general Peron, bem como o amor que sinto por ele e à sua casa.

Muitos criticar-me-ão por ter escrito isto pensando somente nele. Entretanto isto não é exato.

Tenho minhas razões poderosas, indiscutíveis e indubitáveis, pois não fui nem sou mais que uma humilde mulher. Um pardal entre muitos em revoada, enquanto ele é o condor que voa alto entre os cumes e próximo de Deus.

Se não fosse por ele, que veio a mim e ensinou-me a voar em outro estilo, talvez nunca soubesse o que é ser um condor, nem contemplar a magnífica grandeza do meu povo. Por isso, nem minha vida, nem meu coração e o que tenho me pertencem. Tudo o que sou, tenho, penso e sinto são de Peron.

Jamais esquecerei que sou um simples pardal. Se expando meu vôo até as nuvens é por ele. Se quase chego a tocar o céu é por ele. Se conheço o meu povo, o quero e o sinto acariciando o meu nome é somente por meio dele.

Por isso, a ele dedico este conto que, tal como o dos paraísos, é destituído de beleza, mas, sendo humilde e sincero, encerra todo o amor do meu coração.

PRIMEIRA PARTE

As causas da minha missão

I

Acaso e destino

Muita gente não explica o destino da minha existência. Frequentemente, detenho-me a pensar na seqüência dos acontecimentos que constituem o meu viver.

Alguns dos meus conterrâneos atribuem-no à eventualidade, esse fenômeno raro e inexplicável que nada explica. Todavia, não foi o acaso que me levou ao lugar que hoje ocupo, nem à vida que desfruto.

Obviamente, isto tudo seria absurdo, como a sorte, tal qual acusam meus críticos acérrimos, se proviesse da noite para o dia, de uma mulher superficial, de cultura escassa, vulgar, alheia aos interesses da Pátria, indiferente aos sofrimentos do povo e à injustiça social, fútil, e que de súbito tenha me tornado uma fanática defensora da causa da população e que, abraçando este anseio, voltei-me a uma vida de incompreensível sacrifício. Quero enfaticamente explicar o fenômeno, escrevendo estes apontamentos.

Não o faço para contradizer ou refutar ninguém. Quero apenas que os homens e as mulheres do meu País saibam o que sinto e penso; que partilhem dos grandes sentimentos que trago em meu coração e dos ensinamentos que transcreverei, recebidos de Perón e que não me considero no direito de mantê-los em sigilo.

II

Um sentimento grandioso

Para desvendar o motivo condutor ao que tudo o que agora me sucede, reporte-me aos primórdios de minha vida. É possível que tenha me expressado mal, argumentando: a razão principal, porque é certo que sempre agi, guiada e impelida pelo sentimento.

Ainda hoje, neste caudal de acontecimentos de que tomo parte, deixo-me, comumente, guiar, antes pelo sentimento do que pela razão.

Sou costumeiramente forçada a apelar ao bom senso, para justificar o que sinto: eis porque, para justificar minha vida atual, em que a obediência ao que a existência impõe, tive que retroceder aos primeiros anos dela, perquirindo esses sentimentos que explicam tudo aquilo que para meus obsessivos críticos constitui um *sacrifício incompreensível* que não é, para mim, nem *sacrifício* nem *incompreensível*.

Assim, pulsando no meu coração, deparei-me com um sentimento fundamental que domina o panorama do meu viver: este sentimento é a minha decidida **revolta contra a injustiça**.

III

A causa do sacrifício incompreensível

 tema de *ricos e pobres* foi, a partir de então, o tema obsessivo de minhas preocupações. Creio que nunca o comentei com outros, nem mesmo com minha mãe, porém, sobre ele pensava com frequência. Faltava, entretanto, dar um passo além no percurso das minhas constatações.

Obviamente, não ignorava a existência de ricos e pobres; que estes eram mais numerosos que aqueles e que se achavam em toda a parte.

Ao completar onze anos, comparei os pobres à grama dos campos e, os ricos, às árvores das florestas.

Entretanto, ouvi de um trabalhador que a existência dos pobres era devida aos demasiadamente ricos. Compreendi, como num clarão, que ele tinha razão. Mais convencida pela razão, *senti* que dissera a verdade. Além do mais, já naquela época, os pobres, mais sinceros e bondosos, mereciam mais a minha fé do que os ricos. Logo percebi que a terceira dimensão era a injustiça social.

A maioria dos seres sabe, sem qualquer dúvida, que existem pobres pelo fato de haverem ricos, porém concluem isso em etapas sucessivas, fazendo a afirmação parecer evidente. Em compensação, percebi, de chofre, o sofrimento, o que fez com que se apresentasse aos meus olhos, de forma lógica e natural. Senti, então, no meu íntimo que, o que queria que fosse, constatava um sentimento de indignação e revolta. Não compreendia que, havendo pobres há, ao mesmo tempo,

ricos, e que a ganância demasiada destes seria a causa que determinava a pobreza daqueles.

Daí em diante, jamais pude apreciar essa injustiça sem um sentimento de indignação. Pensar naquilo causava-me uma sensação de asfixia, como se, não pudesse remediar o mal, sofresse com a falta de ar.

Hoje, julgo que nos habituamos à injustiça social desde a nossa tenra infância. Até os pobres se convencem de que a pobreza é natural e tem lógica. Acostumaram-se à miséria de que são vítimas, da mesma maneira como se habituam ao veneno, progressivamente inoculados nos corpos.

Todavia, nunca pude me acostumar ao veneno. A injustiça social parecia-me artificial e ilógica desde os onze anos de idade.

Talvez, isto seja o único fato insusceptível de explicação e que se me apresenta sem causa aparente. Tal como a estética, que se manifesta cedo, fazendo surgir os poetas e pintores, assim a injustiça social apareceu-me mostrando a face de rara e dolorosa intensidade, qualquer que seja a forma como se manifesta.

Pode um pintor explicar como vê e sente as cores? Pode o poeta expor por que faz os poemas? Da mesma forma, não posso justificar porque sinto a injustiça nem porque não me conformarei em aceitá-la como material, ao contrário da maioria.

Mesmo sem encontrar justificativa plausível, este fenômeno me é inaceitável, tornando-me uma revoltada contra a iniquidade social, revolta que me conduziu pela mão, desde as primeiras constatações até ao dia de hoje ... É a causa decisiva que explica como uma mulher superficial, comum e indiferente tenha podido se dedicar a tal e *incompreensível sacrifício*.

IV

Um dia, tudo mudará

Nunca imaginei vir a ter qualquer participação direta na luta ao lado do meu povo, pela conquista da justiça social.

Mulher débil, nunca imaginara que esse grave problema pudesse, um dia, bater à porta do meu coração, angariando meu humilde esforço.

À medida que avançava em anos, mais me sentia oprimida.

Talvez, por isso, procurei afastar-me de mim, esquecendo a obsessão; por ventura essa tenha sido o motivo que me fez dedicar-me por inteiro à estranha e profunda vocação artística.

Recordo-me que, na infância, gostava de declamar. Diria estar sempre a querer me comunicar com os outros, desejando expressar algo grandioso que sentia borbulhar no centro do meu coração.

Hoje, quando falo a meu povo, percebo que estou transmitindo aquilo que, em vão, desejava dizer nas festividades escolares.

A vocação artística levou-me a descortinar outros cenários; perdi contato com as injustiças vulgares do dia-a-dia, começando a vislumbrar, no começo, e penetrar, depois, na essência das grandes injustiças.

Não as via somente na ficção, mas sentia-as na realidade da nova vida. Simulava não vê-las, nem à desgrça. Desviei propositadamente os olhos ao infortúnio. Quanto mais tentava esquecê-las, mais elas me envolviam. As evidências da injustiça social em que minha Pátria se debatia, manifestavam-

se a cada passo, em todo o momento, perseguindo-me em cada esquina do caminho, em tudo e em todos os dias ...

Logo a revolta da iniquidade transbordava da taça do meu silêncio, quando resolvi, então, participar de alguns conflitos.

Pessoalmente, nada tinha a ganhar, passando-me por mediadora amigável. Ao contrário, tornara-me malquista por aqueles que, contrários ao meu ponto de vista, exploravam sem dó a fraqueza alheia.

Aquilo superava as minhas forças. De nada valera-me o intento que a mim mesma fizera, de enclausurar-me num pertinaz e misterioso silêncio.

Minha rebeldia interior começava a aflorar ...

Por vezes, devo reconhecer que minhas reações foram impróprias, minhas palavras e atos, excessivos, a respeito da amplitude da injustiça que os afrontava.

Desoprimia-me, dessa forma, libertando-me pelo desabafo, que é mais violento quanto maior for o ímpeto que nos oprime.

Nalgumas dessas reações, lembrava-me: — Um dia isto mudará.

Ignorava se estava suplicando, praguejando ou expressando ambas as coisas ao mesmo tempo.

Conquanto as frases fossem inseparáveis de qualquer rebeldia, confortava-me como se de maneira convicta, cresse nelas. É possível que já, então, acreditasse verdadeiramente, que aquilo mudaria um dia. Ignorava, todavia, quando e como aquilo ocorreria, não me passando pela cabeça que a sina me estava reservando uma posição humilde, mas, entretanto, numa cruzada redentora no porvir.

Onde minha infância se passou, os pobres eram bem mais numerosos que os ricos. Na ingenuidade, teimava que haveriam outros sítios ou no resto do mundo, onde os fatos

se desenvolvesse de outra forma, diferente, com a proporção invertida. Por exemplo, sonhava que as cidades fossem lugares maravilhosos, cheias de riqueza. Tudo o que ao redor ouvia, confirmava aquela crença, como se fossem paraísos, brandura, onde as pessoas fossem *mais pessoas* do que no meu vilarejo.



Certo dia, talvez nos meus sete anos, conheci a cidade pela primeira vez. Logo percebi que era muito diferente do que eu tinha imaginado. O que por primeiro vi foram os bairros pobres. Pelo aspecto das ruas e dos prédios, percebi que, na cidade, também haviam pobres e ricos. A dolorosa constatação penetrou-me na alma com profundidade, a tal ponto que, ainda hoje, quando volto do interior, sinto-me tomada da mesma e indefinível tristeza que naquela época experimentei.

Que me recorde, apenas uma vez assaltou-me a sensação melancólica igual a que provocou aquele desapontamento: foi quando soube das inexistência dos Reis-Magos, seus camelos e brinquedos.

Aquela descoberta, a certeza de que também na cidade haviam pobres e ricos, marcou-me a alma com ferrete doloroso e pungente.

Naquele mesmo dia, compreendi, sem contestação possível, que os pobres, em muito, ultrapassavam os ricos, não só na minha cidade, como em todas as partes do mundo.

V

Resignei-me em ser vítima

erto dia, movida pela curiosidade provinda das minhas inclinações, debrucei-me sobre as colunas da imprensa que se intitulavam *do povo*.

Andava à cata de companhia ... Não é, porventura, verdade que, cada vez que, correndo os olhos pelas páginas de um livro, estamos, a rigor, procurando antes uma companhia do que um roteiro a seguir ou um guia que nos oriente?

Quem sabe se não foi por isso que corri os olhos pela imprensa esquerdista do País? Porém, não encontrei, nem companhia, nem roteiro e nem qualquer guia que me orientasse.

É bem verdade que os jornais do povo esbravejavam contra o capital e contra os capitalistas com linguajar rude e forte, desmascarando as iniquidades do regime social, que oprimia o País. Porém, nos detalhes e ainda no fundo da prédica, percebi sem dificuldades a influência de idéias remotas separadas do autenticamente argentino: sistemas e fórmulas alheias aos nossos pontos de vista, concebidas pelas mentes de homens estranhos à nossa cultura e sentimentos nacionais. Notava-se logo que eles desejavam para o povo argentino, não aquilo que ele aspirava. A constatação pôs-me em alerta. Havia outra coisa que ainda repugnava meu espírito: a solução para a injustiça social era a mesma para todos os povos e países do mundo. Eu, porém, considerava inconcebível que, para destruir esse grande mal, fosse preciso aniquilar, concomitantemente, algo tão elevado como a Pátria.

Nesta altura, quero deixar claro que até alguns anos passados, muitos sindicalistas argentinos, patrocinados por organizações estrangeiras, consideravam a Argentina e seus símbolos, como meros preconceitos do capitalismo e da religião.

Mais tarde, comecei a desconfiar daqueles veementes defensores do povo. Pela leitura daquela imprensa deduzi que, em minha Pátria, a iniquidade social só poderia ser banida por uma Revolução, por ventura, internacional, do exterior e conduzida por seres alheios à nossa cultura. Não cabiam, para mim, senão soluções nacionais, resolvendo problemas visíveis, com soluções simples, ao contrário das rebuscadas teorias econômicas. Isto é, optar por soluções patrióticas, próprias para remir o próprio povo. Assim, perguntava-me: Para que aumentar ainda mais os sofrimentos das vítimas dessa injustiça, tirando-lhes os anseios de Pátria e de Fé, a que estão acostumadas? Por conseguinte, seria como tirar da paisagem o firmamento que a emoldura.

Em vez de atacar a Pátria e a Religião, por que tais dirigentes não trataram de uni-las a favor desse mesmo povo? Suspeitei de que aquela gente trabalhava mais para o enfraquecimento da moral da nação do que pelo bem-estar do operariado. Por isso, não gostei da solução.

Embora sabendo pouco da situação global, tinha a orientação do coração e do sentido comum. Pesarosa, voltei às minhas meditações anteriores, convencida de que não possuiria lugar naquela luta inglória. Resignei-me a viver na minha revolta íntima e que, agora, se somava àquela outra, gerada no meu coração, oriunda da deslealdade daqueles pretensos condutores do povo, cuja traição acabara de descobrir. Resignei-me em ser vítima.

VI

Meu dia maravilhoso

Na vida de todos nós há sempre um momento que se nos apresenta como definitivo. É um dia que supomos ser monótono, sem oscilações, sem curvas, nem paisagens. Pensamos, nesse momento, que, para o futuro, teremos uma rotina para o resto da nossa existência, cingidos a um rumo tomado em definitivo. Foi mais ou menos isso o que me ocorreu naquela etapa da vida.

Anteriormente, disse que me resignaria a ser vítima. Pois iria além: na verdade, acomodei-me a passar uma vida comum, monótona, que supunha estéril e inevitável. Não via maneira de evitá-la. Do outro lado, aquela minha vida se agitava dentro da monotonia diuturna, não me reservando tempo para nada.

Entretanto, o fato era de que, no fundo do meu íntimo, não me conformava em aceitar aquela insípida situação como definitiva.

Finalmente, chegou o *dia maravilhoso*, quando minha vida coincidiu com a de Peron. Aquele primeiro encontro deixou no meu coração uma impressão indelével. Não posso furtar-me ao prazer de descrevê-lo, porque ele assinalava o início da minha verdadeira existência ...



Hoje, sei que os homens se classificam em dois grupos. Um, muitíssimo numeroso, arregimenta os que se ligam às azáfamas comuns e fugazes. Esses só concluem roteiros

conhecidos, já palmilhado pelos pioneiros. Outro, muito pequeno, é formado por homens que só se ligam a grandes realizações. Estes só se aprazem na glória.

Aspiram, na atualidade, o ar do próximo século que lhes há de entoar as virtudes e que vivem quase na eternidade. Enfileiram-se, nessa legião de escol, os homens para quem uma nova vereda a desbravar oferece sempre o encantamento e o fascínio irresistível. Para Alexandre, foi o caminho da Pérsia. Para Colombo, o das Índias. Para Napoleão, o que levava ao império do mundo. Para San Martin, o da escalada dos Andes e à liberdade da América. Neste mundo restrito, formava-se o homem com quem me deparei. No meu país, o que estava para ser feito era, nada menos, que uma Revolução. Para isto, o número dos homens capazes de concluir o áspero caminho se deduz ao extremo de quase desaparecer totalmente.

Muitas foram as revoluções aqui realizadas. Muitas se fizeram em outros países do mundo. Qualquer revolução é sempre um caminho difícil de percorrer. Ela é reservada ao reduzido número dos que sentem, no íntimo, o engodo das empresas arriscadas. Daí, a causa de terem fracassado, no passado, as revoluções almejadas pelo povo ou realizadas com seu apoio integral. Quando a Segunda Guerra Mundial afrouxou a influência dos imperialismos, que, protegendo a oligarquia, se haviam encastelado em nosso país, um punhado de homens se atirou ao empreendimento de realizar a Revolução que o povo almejava.

Aquele punhado tencionava palmilhar o novo percurso. Todavia, aos primeiros embates da dura realidade, a maioria deu para repetir o que já fora alardeado até ao cansaço em outros movimentos ... e a Revolução, essa foi jogada para o meio da rua, desfeita no ar, na esperança frustrada de um

povo, a feição de qualquer coisa frustrada e por consequência, não realizado ...

Porém, entre os mentores daquele movimento, havia um que insistia em progredir pelo árido caminho traçado. Eu vi este homem surgir do miradouro da minha velha inquietude interior. Era diferente de todos. Os outros bradavam: fogo e mandavam avançar. Ele ordenava: fogo e avançava ele próprio, resolutamente, numa única direção, sem hesitar ante qualquer obstáculo.

Naquele momento, senti que os seus grito e caminho eram os meus próprios grito e caminho. Coloquei-me a seu lado. Surpreendeu-me. E, quando, afinal, me ouviu, só atinava em dizer-lhe com as melhores palavras: — Se a causa do povo é como afianças, tão longe quanto se deva ir pelo caminho do sacrifício, estarei ao teu lado até desfalecer.

Ele aceitou minha oferta e aquele foi o meu *dia maravilhoso*.

VII

Sim, este é o homem do meu povo!

Não tardou que, da beira da estrada, *homens comuns* nos apedrejassem, cobrindo-nos de injúrias e insultos. Os *homens comuns* são os eternos inimigos de tudo o que é inédito, de todo o empreendimento inusitado, de toda a concepção extraordinária e, por conseguinte, de qualquer Revolução. Já foi dito que o medíocre *é o mais feroz e frio inimigo do gênio* ... O que quer que tenha o mínimo traço de extraordinário, na restrita concepção da palavra, assume, para eles, um significado de loucura imperdoável, de fanatismo e se torna, portanto, perigoso.

Eu os tenho visto a fitar-me *compadecidos e misericordiosos*, com aquele *quê* de superioridade que os caracteriza em corpo e espírito.

Esses nunca conseguirão compreender como e porque se deve fazer algo diferente do que eles imaginam, Nada fazem que não se volte em proveito próprio.

Viram Peron avançar. A princípio riram, chamando-o de louco e acreditando que o fosse. Porém, logo que perceberam que aquele *louco* incendiava corações, onde as labaredas já tocavam-lhes os interesses e ambições, ficaram alarmados. Daí, uniram forças e organizaram-se nas trevas para expulsá-lo do cenário.

Todavia, não contavam com o povo. Ignorando-o, não lhes ocorreu alguma vez que este poderia realizar por si os próprios desígnios e resolver o destino.



Então, pergunto: por que os homens humildes, os operários do meu país não reagiram como os *homens comuns* e, ao contrário, creram desde cedo em Peron e o compreenderam? A justificativa só pode ser uma: basta ver Peron para acreditar nele, na sua sinceridade, na sua lealdade e na sua franqueza.

Eles o viram e lhe deram crédito. Repetia-se, sem variações, o caso de Belém, ocorrido a dois milênios passados. Os primeiros a acreditar foram os humildes, os desamparados, não os ricos, os eruditos, nem os poderosos.

Ocorre que os ricos, os eruditos, e os poderosos têm os olhos da alma vendados pelo egoísmo e pela avareza.

Os pobres, em compensação, tal como os de Belém, vivem e dormem ao ar livre, com as janelas da alma escancaradas para as coisas e os sucessos extraordinários. Por isso viram, por isso ainda crêem. Bem sei quantas vezes ele não apostou a partida numa única carta!

Finalmente, ganhou. Felizmente, porque, do contrário, tudo estaria perdido, inclusive a vida.

Eu, de minha parte, mantinha-me fiel à promessa de permanecer ao seu lado. Sustentava a lâmpada que lhe iluminava nas vigílias, Encorajei-o como pude e soube, encobrendo-lhe as costas com o meu amor e a minha fé.

Quantas vezes não me recostei imóvel a fitá-lo, do canto do gabinete da Secretaria de Trabalho e Previdência, vendo-o paciente e bondosamente recolher as lamúrias dos trabalhadores humildes, dirigir-lhes palavras de consolo, prodigalizar em mancheias soluções para os problemas que há anos afligiam aquela gente! Quantas vezes!

Jamais apagar-se-me-ão da memória aquelas cenas iniciais da nossa vida em comum! Foi ali que o conheci, franco, cordial, humilde, generoso e incansável. Foi ali que

vislumbrei a grandiosidade da sua alma e o coração indômito do seu nobre coração.

Ao fitá-lo meu espírito se alarga, como se tudo aquilo fosse um céu azul e de ar mais puro. A velha angústia que me oprimia o coração começava a desfazer-se, tal como a neve de derrete aos raios do Sol. Sentia-me felicíssima, repetindo, cada vez, com mais força: sim, este é o homem do meu povo e ninguém irá comparar-se a ele!

Cada vez que o via cumprimentar as mãos calejadas de um trabalhador, fazia com que eu me sentisse entre o povo, apertando nele e por ele, pela primeira vez, as mãos da felicidade ...

VIII

A hora da minha solidão

 incêndio se espalhava entre nós. Os *homens comuns*, da oligarquia comodista e tranqüila, pensavam ter chegado o momento de dar um fim ao incendiário pensamento que alimentava o incêndio. Assim deliberaram a execução dos planos.

Isto ocorreu no momento derradeiro da Argentina oligarquista. Depois, amanheceu ...

Durante oito dias tiveram Peron entre suas mãos ignóbeis. Embora não estivesse com ele no cárcere, aquele tempo ainda me punge nas entranhas. Mais intensos do que se estivesse compartilhando com ele, numa masmorra daqueles oito lúgubres dias. Quando se despediu, recomendou-me que mantivesse a calma. Confesso que, antes, nunca o vira tão magnífico e sereno. Recordo-me de um embaixador, nosso amigo, que veio oferecer-nos refúgio. Com poucas palavras e com gestos simples, Peron externou-lhe que ficaria na Pátria, decidido a enfrentar tudo entre o seu povo. Desde que Peron partiu, até quando o povo o trouxe de volta - e para mim - meus dias foram períodos de dor e angústia febris. Deixei a casa à procura de amigos que se propuseram a fazer algo por ele. Perambulei, assim, de porta em porta. No penoso e incansável caminhar, sentia os batimentos do coração, queimando, qual brasa, a minha pequenez. Nunca me senti tão pequena, tão insignificante, como naquela semana memorável. Percorri todos os bairros da grande cidade. Desde lá, tenho conhecido a gama completa dos corações que palpitam sob o céu da minha terra.

A medida que descia dos bairros altos, orgulhosos e ricos, em direção aos pobres e humildes, mais sinceras, generosas e cordiais, eram as portas que se me abriam.

Conheci, no alto, o que eram os corações frios, calculistas e prudentes dos *homens comuns*, incapacitados de pensar e de realizar algo extraordinário, que se traduziam em orgulhosos e nauseantes.

Foi este o madeiro mais amargo do meu calvário. A covardia daqueles homens que podendo fazer tanto, nada se predispuseram em agir. Lavaram as mãos, qual Pilatos, magoando-me mais do que os bárbaros espancamentos de que fui vítima, quando um bando de covardes me indiciou: “Essa é a Eva Peron!” Os golpes sofridos fizeram-me bem. A cada pancada eu morria e, ao mesmo tempo, renascia. Foi aquele batismo de dor, simultaneamente bárbaro e inefável, que purificou-me de todas as dúvidas e de todas as covardias. Por acaso, não lhe havia dito: “Tão longe quanto te acompanho no sacrifício, estarei junto a ti até desfalecer.”

Naquele dia, convenci-me de que não é difícil morrer pela causa que amamos ou mais simplesmente, morrer por amor.

IX

Uma enorme luz

 onservo muitas lembranças daqueles dias aziagos. Interligados com as sombras da traição e da covardia, surgem do mar de minhas recordações, os gestos iluminados da lealdade e do valor. Entretanto, não é meu propósito referir-me a esse capítulo em detalhes.

Outubro de 1945 é um quadro de sombras e de luzes. Será mais prudente não nos aprofundarmos muito nele, contemplando-o de longe. ... Isso, todavia, não me impede de registrar, aqui, com toda a franqueza e com antecipação do que está por vir, quando me decidir a pormenorizar tais sucessos, que a luz veio unicamente do povo.

Esta obra visa somente expor as causas e os fins da missão que tenho me devotado; não podendo esquecer um episódio que se mantém em meu espírito, como motivo determinante do que sou neste momento, para a Pátria e que, pelo profundo significado, contribuiu para me conduzir ao lugar que agora ocupo no cenário do movimento justicialista. Lembro que, em minha solidão, enquanto, com desespero, percorria a cidade, esperava receber a qualquer momento, alguma mensagem do Líder prisioneiro e ausente. Estava certa que, de alguma maneira surgiria alguém para me dar informações do lugar em que estava e do seu estado de saúde. Aguardava por essas notícias com a alma pendurada em um fio, torturada pela angústia.

Guardo daquele dia, diversos bilhetes escritos por ele. Em todos se nota, pelo traço claro e firme da letra, o espírito sereno com que enfrentou os acontecimentos. Em todos, a mesma recomendação insistente: “Cuida dos meus

trabalhadores, acalma-os, não os deixes se preocuparem comigo, aconselha-os a evitar qualquer violência.”

Quanto a mim, confesso com sinceridade, continuava a procurar em todas as cartas, uma palavra ao menos que falasse do seu amor por mim.

Não tardou que esta palavra viesse. Eram todas referências aos seus trabalhadores, que, naquela época, começavam a ser motejados pela oligarquia com o apelido de *descamisados*. Esta rara insistência me iluminou o espírito, como num súbito clarão.

Por que não percebera antes?! Aquele *confiar-me seus trabalhadores* era a sua palavra de amor, a mais sensível expressão de amor!

Capacitar-me da verdade, foi naquele momento, como ainda é hoje, um grande archote de luz, iluminando-me a vida.

A mim, uma humilde e pequena mulher, confiava ele o que mais caro lhe era ao coração: os seus trabalhadores!

Pensava comigo, poderia ter encarregado esta tarefa a outra pessoa, a qualquer dos seus amigos mais chegados, a um dirigente sindical. Mas não! Fora eu a escolhida para o melindroso encargo: a mim, que só sabia amá-lo, com todas as forças da alma!

Esta era, sem dúvida, a prova mais certa do seu amor. Prova que estava a exigir uma resposta condigna. E eu lhe dei. Dei-lhe então, como continuo ofertando-lhe hoje. Enquanto existir, não me esquecerei de que Peron me recomendou seus trabalhadores *descamisados* na hora mais difícil da sua vida. Enquanto restar-me um sopro de vida, não me esquecerei da sua prova de amor, confiando-me o cuidado dos seus operários. Era a maneira de expressar o testemunho do amor que sentia por mim. Hoje sei, sem nenhuma dúvida, que aquela foi a mais pura e sublime maneira de fazê-lo.

Desde então, cada vez que quero exprimir-lhe o amor de mulher - e quero salientá-lo neste momento - não atino como meio mais puro, mais tocante, que o de oferecer-lhe um pouco de minha vida, incinerando-a por amor aos seus *descamisados*.

É este, muito simplesmente, o meu dever de gratidão para com ele e para com eles, e eu o cumpro feliz, como se cumprem todos os deveres impostos pelo amor.

X

Vocação e destino

Não foi certamente o acaso o motivo do que sou hoje, no meu país e para o meu povo. Estou convicta de ter sido forjada para a tarefa que realizo e para a vida que sigo. Quando perquiro, na intimidade de minh'alma, o destino que me coube seguir, mais adquiro a certeza de que acaso e a contingência nada mais são do que hipocrisias desprovidas de conteúdo.

Se a contingência e o acaso governassem o mundo, tudo se revolveria num caos grotesco. Ninguém poderia conviver num cenário tão mutável. Não. A casualidade não conduz o mundo, nem os seres humanos. Por sorte, Deus seja louvado, tudo se processa de forma bem diferente, numa harmonia, a que alguns denominam de destino; outros, de providência e, os demais, Deus. Creio com certeza, numa potência desconhecida, que prepara os seres humanos para o desempenho da missão particular que a cada um atribui nesta Terra.

Se esta força maravilhosa é divina ou se foi colocada por Deus na índole da sociedade ou na própria essência da alma, não me cumpre averiguar. Somente sei que ela existe, conduzindo-nos sem violência ao nosso destino, desde que não nos furtemos à colaboração generosa. O que não admite contestação é que a vontade espiritual é infinitamente mais fecunda que a outra, que a tudo subjuga numa contingência fortuita.

Sim, porque quem se julga filho da sorte, a nada se sente obrigado. É por isso que o acaso carece de personalidade e não faz quaisquer exigências. Aquele, porém,

que se considera filho do destino, da providência ou de outra força qualquer, ignorada, mas, em todo o caso, superior à sua própria vida e natureza, sente-se irremediavelmente responsável pela missão que lhe foi investida. Escuso-me por essas divagações que, sem intuito deliberado, saíram-me envolvidas num tom filosófico, que não lhes quis atribuir. Todavia, julgo que devia proferir tudo quanto disse, de um lado, porque sinto-as desse modo, e de outro, porque se me parecem truísmos.

Toda a minha vida é uma prova irrefutável do que acabo de afirmar. Se não tivesse chegado a ser o que sou, hoje, toda a minha existência teria ficado sem explicação. Por que tenho sofrido sempre, frente à injustiça? Por que nunca me resignei a aceitar a divisão entre pobres e ricos como um fenômeno natural? Por que esta sensação de revolta face aos detentores do poder, dos possuidores onipotentes do dinheiro, que sugam o sangue dos humildes e dos pobres? Por que não pude livrar-me nunca desta angústia que me abafava? Por que até ao advento do *meu dia maravilhoso*, me senti solitária, desconcertada, como se minha vida carecesse de sentido e razão? Estas e outras perguntas teriam ficado sem resposta, se não tivesse me deparado com Peron, se não visse nele a causa do meu povo.

Não! Não é certamente o acaso que coloca um homem e uma mulher à frente de um acontecimento expressivo! Pelo contrário, poder-se-ia dizer que as grandes causas temperam as almas que as abraçam. Em parte, isto pode ser vocação, entretanto, é evidente a existência de outro fator, cuja explicação não está em nós e que não se condiciona a qualquer contingência.

Todo aquele que se vir de súbito guindado a um cargo de responsabilidade, na direção de um magno propósito, deverá procurar na vida passada, vasculhar as suas lembranças

à cata da explicação, que, sem dúvida, a encontrará. Só desta maneira poderá conscientizar-se da responsabilidade e habilitar-se a trabalhar lealmente pela obra que abraçar. Julgo que os espectadores dos fatos dessa natureza mostrar-se iam desavisados, atribuindo tudo à sorte. Não seria mais plausível aceitar a presença de algo além?

É claro que não estou afirmando ser Deus quem determina todas essas coisas. Considero que Ele, no magnífico ordenamento de todas as leis e potestades, deverá ter criado alguma que dirige aqueles que, livre e generosamente, se deixam levar. Esta é a despreziosa explicação que dou à minha vida e ao meu caso. Entre os alfarrábios de Peron, conservo um que focaliza um tema similar, datado antes de assumir a presidência. Nele, está abordado com sinceridade, o que lhe é nato, neste assunto sempre atual da vocação e do destino.

Nada melhor do que reproduzi-lo integralmente, tal como ele o concebeu. Pois ali se lhe retrata a alma, na simplicidade e na grandeza, poupando-me ao grave encargo de lhe fazer o esboço, o que, de resto, seria impossível aos meus meios escassos. Para conhecer o Sol, não basta apenas a sua descrição. Ninguém, que não o sentiu, tentaria, jamais, descrevê-lo. Para conhecê-lo é preciso senti-lo e fitá-lo. Todavia, fitando-o, a luminosidade nos ofuscará.

Vão, a seguir, suas palavras, sua alma e seu coração. Convido-te simplesmente a lê-los.

XI

Sobre minha eleição¹

Tanto na vida dos povos como na dos indivíduos, nem tudo depende do destino, disse Peron. «A eles cabe auxiliar o porvir. Tanto em minha vida, como na do meu povo, esta verdade cumpre-se à risca.

Não conduzo meu povo apenas por um decreto do destino. De uma forma paralela, posso afirmar e demonstrar que este povo se preparou com paciência, embora de forma inconsciente, para esta hora do destino. A providência limita-se a dispor os meios de molde a se harmonizarem aos acontecimentos de tal e não de qual maneira. No entanto, estes sobrevêm, quase sempre, porque o queremos. Tivesse nascido em qualquer outro ponto do país e, talvez, não fosse o Presidente da República. Mesmo porque, nesta alternativa, o meio lhe teria impelido a outras direções. Não teria sido militar nem teria aprendido na carreira escolhida todo este acúmulo de conhecimentos e nem teria se colocado na conjuntura de promover uma Revolução. Estas são as pequenas coisas que estão nas mãos da Providência. Ela combina as infinitas circunstâncias, sem que ninguém ouse, jamais, devassar o mistério do seu mecanismo. Quanto ao resto, nós o fazemos. Foi assim que me vi, um dia, na encruzilhada que resolveu meu destino.

O país estava só. Marchava sem rumo. Tudo havia sido entregue ao estrangeiro. O povo gemia, oprimido, negado, privado da justiça. Países estranhos e forças internacionais atrelavam-no a um domínio em nada diferente da opressão

¹ Extraído dos apontamentos do general Peron.

colonial. Adverti que tudo isso tinha remédio. Em pouco tempo, concluíra que estava em minhas mãos conduzi-lo. Neste preciso instante, o problema do meu país passou a ser um problema da minha consciência. Resolvi-o, decidindo pela Revolução. Nesta decisão consistiu minha ajuda ao destino.



Passados dois anos e meio, tudo parecia perdido. Tinha lutado intensamente na Secretaria do Trabalho e Previdência. O povo me compreendia. Os trabalhadores do país sabiam agora o que era justiça social e trilhavam no meu rastro, como no encalço de uma bandeira.

Porém, as forças conjuradas da oligarquia e dos poderes internacionais se impuseram, em dado momento, mais do que o povo e mais do que a minha própria vontade. Isto foi em outubro de 1945. Essa é, todavia, a história conhecida.

Durante oito dias conheci toda a sorte de solidão, de abandono e de amargura. E, tal como num dia pressenti ser imperioso fazer uma Revolução, assim senti que este era o desejo do povo, vivendo no momento supremo da sua história.

Conheceu que tudo se havia perdido, mas que tudo ainda poderia ser recuperado. Advertiu a tempo que tudo dependia da decisão que adotasse. E adotou-a. O resto foi feito pela providência. Porém, a decisão, esta sim, coube ao povo: foi a ajuda que ele deu ao seu destino. Eis aí as razões da minha eleição. Duas decisões em dois momentos providenciais.

Mas para a grande culminância deste supremo momento foi antecedida por um longo período de preparação.

A mim, prepara-me a vida, o lar paterno, minha infância na Patagônia bravia, a vida na montanha e minhas viagens pela Europa.

Acamaradei-me com a vitória. Vencer a natureza é tarefa bem mais árdua do que conduzir e dominar homens. E quantas vezes não tive de enfrentar as forças naturais! E quantas vezes não as venci!

Tudo isto habilitou-me a sentir com maior intensidade a sorte do meu povo. Este encadeamento de sucessos anteriores preparou-me para o momento crítico da decisão.

Quanto ao povo, antes de adotar, em outubro de 1945, a vontade de me resgatar e de me confiar logo a direção do seu destino, passara igualmente por longa etapa de preparação. Esta etapa resumiu-se num lento despertar.

No período que transcorreu de 1943 a 1945, o povo nada mais fez do que sair de uma velha letargia de mais de um século. Ao longo de todos esses cem anos, vivera apenas das suas velhas glórias. Não esquecera a façanha dos granadeiros. Subsistia, límpida e pura, a irrenunciável vocação para a liberdade e para a justiça. Assim, foi-me fácil despertá-lo. Bastou-me, para tanto, insistir nos velhos temas da hora inicial da sua vida: a justiça, a liberdade, a independência e a soberania.



É evidente que minha eleição não foi obra do acaso. A providência desempenhou obviamente o seu papel. Isto agradeço a Deus. Entretanto, o povo e eu a auxiliamos. A chave do porvir jaz em que velemos para que isto se de sempre entre nós.»

XII

Por demais peronista

uem leu o capítulo anterior, está apto a compreender porque, sendo Peron como é: - genial na sua grandeza humilde -, sou eu como sou: fervorosa e fanaticamente peronista. O próprio líder ousa dizer-me, às vezes, em tom carinhoso, que sou por demais peronista.

Lembro-me de que, numa tarde, estivera a falar-lhe longamente — do que poderia falar, senão dele, dos seus devaneios, dos seus feitos, da sua doutrina, das suas conquistas? De súbito, interrompeu-me, dizendo: “Tanto me falas de Peron que vou acabar me antipatizando com ele!”.

Não se admire, portanto, quem, procurando nestas páginas um retrato meu, acabar deparando-se com a figura dele. É que reconheço que, de há muito, deixei de existir em mim mesma. É ele quem mora na minha alma, o dono de minhas palavras e dos meus sentimentos, senhor absoluto do meu coração e da minha vida. Velho, velhíssimo milagre de amor, que, podendo repetir-se no mundo, nos faz cada dia menos milagroso.

Certa feita, disseram-me que eu era por demais ligada ao peronismo para poder conduzir um movimento feminista em minha Pátria. Muitas vezes tenho repetido esta frase nos pensamentos e, conquanto haja *sentido*, desde logo, sinto tratar-se de uma falácia. Hesitei durante um longo tempo em procurar uma explicação que tornasse evidente aos meus olhos, a razão dessa mentira. Hoje posso afirmar minhas conclusões: **É verdade, sou peronista, fanaticamente peronista.** Mas não em demasia. Demasiadamente seria se o peronismo não fosse, como é, o anseio de um homem que,

identificado com a causa de um povo, cobra valor infinito. E, ao pé do vocábulo - **infinito** - não procede salientar a palavra **demasiado**.

Peron diz que sou excessivamente peronista porque não pode medir sua própria grandeza com a régua da humildade. Os outros, aqueles que sem o dizer, assim pensam porque pertencem à categoria dos *homens comuns*. E, como tal, não merecem resposta.

Quanto à assertiva de que **sendo peronista, não posso liderar um movimentos feminista em minha pátria**, isto merece, a meu ver, uma explicação a parte.

— *Como iria a senhora, diziam-me, dirigir um movimento feminista, fanaticamente apaixonada, como está, pela causa de um homem? Não está com isto reconhecendo, implicitamente, a superioridade do homem sobre a mulher? Não é isto contraditório?*

Não. Não é. Pois eu o **sentia**. Agora **sei**. O feminismo não é incompatível com a natureza da mulher. O natural, na mulher, é a entrega de si mesma, a entrega por amor, que lhe vão nessa entrega a glória, a salvação e a eternidade.

O melhor movimento feminista do mundo não seria assim, aquele que se entregasse por amor à causa e à doutrina de um homem, que tivesse demonstrado ser tal, em toda a extensão da palavra?

Da mesma forma que uma mulher alcança a eternidade e a glória, doando-se por amor a um homem, e se poupa da solidão e da morte, assim penso que um movimento feminista alcançará, no mundo da glória e da eternidade, se não se devotar à causa de um homem. O que importa, acima de tudo, é que a causa e o homem sejam dignos dessa entrega total!

Ora, Peron e a sua causa são suficientemente grandes e dignas para receber a oferenda total do movimento feminista da minha Pátria. Mais ainda. Todas as mulheres do mundo

poderiam brindar-se ao seu Justicialismo, certas de que, entregando-se por amor a uma causa, que é já patrimônio da humanidade, estariam sublimando sua própria essência feminil.

Por que, se bem é verdade, que a causa se glorificaria, recebendo-as, não seria menos certo que elas, por sua vez, se glorificariam na entrega. Por isso sou e continuarei sendo peronista até o último alento; porque a causa de Peron me glorifica e dando-me, como me dá, a fecundidade de sua vida, está, de passo em passo, projetando-me na eternidade das obras que por ele realizo e que me sobreviverão, como minhas filhas diletas, muito depois que me tenha ido deste mundo.

Mas não é somente pela causa que Peron defende que sou peronista. Sou-a também pela sua pessoa, como homem, ao ponto que não saberia dizer ao certo qual dessas duas razões prevalece sobre a outra.

Já disse como e em que medida sou peronista. Agora, resta-me dizer como e em que medida o sou por ele.

Aqui aconselho a virar a página àqueles que pensam que entre Peron e mim se deu um matrimônio de *conveniência política*.

Os que assim pensam, só verão nesta página literatura e propaganda.

Casamo-nos por amor e amávamo-nos porque queríamos a mesma coisa, se bem que de maneira diversa; ele, cômico do que se propunha a fazer, eu, pressentindo-o, no íntimo de mim mesma; ele com a inteligência e eu, com o coração; ele aparelhado para a luta e eu, disposta a tudo, mas tudo ignorando: ele, culto, eu, simples, ele, enorme, eu, pequena; ele, o mestre, eu, sua aluna; ele, a figura, eu a sombra; ele, seguro de si, eu, certa apenas dele. Eis porque nos casamos antes mesmo da batalha decisiva pela liberdade do nosso povo, previamente certos de que nem o triunfo, nem

a derrota, nem a glória, nem o fracasso poderiam destruir a unidade dos nossos corações. Sim, eu estava certa dele!

Sabia que o poder não o afetaria, nem haveria de transformá-lo. Sabia que continuaria a ser o que sempre fora: sóbrio, madrugador, insaciável em sua sede de justiça, simples e humilde. Tal como o vira pela primeira vez: estendendo, generoso, a mão espalmada aos homens do povo. Sabia que não se sentiria a gosto nos salões onde campeia a mentira, que um homem do seu quilate repeliria. Sabia, por outro lado, como deveria pautar minha conduta, para harmonizá-la a dele. Para tanto, deveria galgar altos cumes, mas não me escapava o quanto era maravilhosa sua humildade, que o fazia descer a mim.

Apliquei-me, a partir daquele momento, a fazer com que cada dia visse ele em mim um defeito a menos, até que desaparecessem de todo. Que outra coisa poderia fazer, conhecendo seu planos e projetos? Porque ele não me conquistou com palavras bonitas, nem acenando-me com falsos chamarizes. Não me prometeu glória ou honrarias. Nada maravilhoso. Mais ainda, creio que nunca me prometeu coisa alguma. Falou-me unicamente do seu povo, com tanta frequência que acabei me persuadindo que sua verdadeira promessa de amor estava ali, no seu povo, no meu povo, no nosso povo.

Tudo isto é muito simples e fácil de compreender. É o caminho que percorre todas as mulheres quando amam o homem de uma causa. A princípio, esta causa é simplesmente a *sua causa*. Passado algum tempo, começamos a dizer a *minha causa*. E quando o amor atinge, enfim, sua perfeição definitiva, este sentimento egoísta, que nos leva a dizer *minha causa*, é substituído por outro, de unidade total, e passamos a dizer *nossa causa*. Quando este momento chega, já não se pode afirmar que o amor à causa seja maior ou menor do que

o amor ao homem que a advoga. Creio, por mim, que sejam uma e mesma coisa. Eis porque digo agora: sim, sou peronista, fanaticamente peronista!

Todavia, não poderia dizer que amo mais a Peron do que à sua causa e vice-versa; que, para mim um e outra são um único envolvimento, tudo num só amor.

Quando afirmo, nos meus discursos e conversas que a causa de Peron é a causa do povo, e que Peron é a Pátria e é o povo, nada mais faço que dar uma prova irrecorrível de que tudo na minha vida está selado por um único amor.

XIII

A aprendizagem

Posso continuar falando de Peron? E ainda que alguém dissesse: pudera!, o que, à propósito de ser deselegante, seria torpe, devo continuar tecendo elogios ao meu Líder. Quem, melhor do que eu poderia fazê-lo? Conheço-o como mulher e como peronista. Conheço-o em sua missão de presidente e em sua vida no lar. Sei como trabalha e como descansa. Como fala e como silencia. Como se alegra e como sofre. Como ninguém, conheço seus pequenos gestos. Esses gestos que definem as grandes almas. Além do mais, estaria sendo desleal para com meu povo, se não o fizesse. Tanto mais que ninguém poderá pensar que os meus elogios tenham o menor laivo de interesse.

Dele tenho recebido tudo o quanto poderia aspirar; a rigor, muito mais do que mereço. Mas não é levada por um sentimento de gratidão que falo dele a toda a hora, em toda a parte, nos meus discursos, como nas minhas palestras privadas. Não. Faço-o por necessidade, pela mesma razão que leva os poetas a compor versos e as rosas a florescer



Tenho bem presente no espírito, por exemplo, o modo por que me ensinou sua doutrina, mostrando-me seus programas, pondo-me a par dos grandes problemas da vida nacional. Como me fez distinguir o possível do impossível, e o ideal do prático.

Cada conversa que tenho com ele se resume numa lição maravilhosa, num tom que nunca foge da amenidade. Não sou eu, sua mais constante discípula, a única a afirmá-lo. Afirmam-no todos quantos dele se acercam, qualquer que seja o motivo. Acontece que ele sabe falar com simplicidade tanto das coisas mais simples como das mais complexas. Nada há, para ele, que não tenha uma explicação acessível, mesmo para os menos avisados. Ninguém se enfastia com ele. Ninguém se sente importuno. Todos os que, por qualquer razão, entram no seu gabinete, acanhados e constrangidos, vêem esse constrangimento desaparecer como por passe de mágica, ao condão de suas primeiras palavras. Logo no cumprimento inicial, ninguém o verá como o Presidente, o líder de milhões de homens e mulheres, mas, simplesmente, um amigo afável e cordial. É amável e solícito com todos, como se mostra em todos os atos da vida. Foi assim, numa cordialidade encantadora, que me ensinou tudo o que sabia para me desembaraçar, com proficiência, da missão que me cabe, e, coisa estranha, dando-me a sensação de ser eu quem estava ensinando.



Dele aprendi, por exemplo, a deixar de lado tudo o que seja negativo e a procurar sempre empresas irrealizadas, regiões ínvias, que ninguém ousa trilhar. Frequentemente ocorre-me conceber uma idéia, sentir que é fecunda e útil, e que, se realizada, renderá grandes benefícios à causa do povo. Exponho-a primeiro ao círculo restrito dos amigos. Quase todos a aprovam, conquanto nem todos convictos do seu préstimo.

Entretanto, há alguns que tentam dissuadir-me. E assim venho a saber que dissentem comigo. Neste aspecto particular, eu, porém, quando absolutamente convencida das excelências da idéia, quando *sinto* que tem por força para dar certo, inclino-me a corporizá-la, sem atentar para vaticínios.

E são estas as melhores realizações de minha vida!

Assim nasceu a Fundação, e, também assim, surgiu o Movimento Peronista Feminino.



Ainda com ele, aprendi a realizar. Ele é sempre construtivo, tanto na palavra como na ação. Com frequência, me diz: “Não te esqueças que “o melhor é o inimigo do bom”. E aludindo à doutrina: “De nada valeria uma doutrina, com todas as suas vantagens, se não houvessem homens para realizá-la ...”.

Confesso que padeço de uma febre permanente de realizações, febre que ele me contagiou.

Foi ele quem me ensinou que nem sempre os planos são indispensáveis à realização dos grandes programas. Se os há, melhor, mas em se não dispondo deles, o que importa, acima de tudo, é iniciar as obras, para, mais adiante, formular os planos.

Mas, para que não se pense que Perón tenha pecado contra a arte de governar, apresento-me a dizer que ele foi o primeiro Chefe de Estado argentino a gerir os destinos da Pátria, disciplinada a um plano determinado.



Ainda mais, com Peron aprendi a lidar com os homens.

Neste ponto, reconheço a subsistência de alguns tantos defeitos, se bem que, a rigor, não esteja de todo segura de que em verdade o sejam.

Peron nunca espera muito dos homens. Satisfaz-se com pouco. Hipoteca, sem restrições, sua confiança, até receber prova em contrário. Eis porque nada há que ele mais profundamente deteste do que a mentira, especialmente se vinda dos amigos ou colaboradores. Eu, em compensação, exijo muito mais dos meus amigos e colaboradores imediatos.

Para começar, não posso ter a minha volta, colaboradores em quem não confio plenamente. Nisso, poucas vezes tenho errado.

Certa vez, alguém me indagou:

— Por que confiaste em mim, logo à primeira vez que me viste?

Não consegui dar um resposta imediata. Simplesmente, respondi:

— Porque *sentí* desde logo que podia confiar em ti ...

Algumas vezes, muitas, infelizmente, devo desconfiar, tanto mais porque pesa sobre meus ombros muitas obras e a ingente responsabilidade de cuidar das costas de um homem e de uma causa.

Nisso de se conhecer os homens, há muito de intuitivo. E, na devida conta do tema, porque me agrada. A este respeito, quero dedicar um capítulo à parte.

XIV

Intuição

 tema da intuição estimula-me especialmente porque, muitas vezes, tenho ouvido louvores a respeito de minha própria capacidade intuitiva. Ainda que, poucas vezes, tenha me detido a pensar num elogio, freqüentemente tenho ouvido elogios à minha intuição que incorreria em inverdades se pretendesse não ter meditado, vez por outra, sobre este ponto. Aqui, arrolo minhas reflexões a este respeito, que visam menos expor um problema psicológico, do que dizer o que penso, com a mais absoluta franqueza.

A intuição não é, segundo minha concepção, um sexto sentido, como dizem alguns, nem uma faculdade quase misteriosa das mulheres, como aludem outros. Simplesmente, não é uma maneira de ser da inteligência. Cada criatura tem uma inteligência própria, que se diferencia das demais. Numa, atua rapidamente, noutras, de com mais vagar.

Cada um vê as coisas pelo prisma dos próprios interesses, esquecendo-se que, por imposição da nossa natureza, vemos os objetos, os seres e a vida de uma maneira peculiar.

Nós, as mulheres, percebemos a dor e a padecemos em grau mais elevado que a dos homens. Na mulher, a inteligência se desenvolve à sombra do coração. Daí, que atua nela através do prisma do amor. O amor, cujo mistério é infinito, faz a inteligência perscrutar horizontes que esta, por si só, e aguda como é, jamais conseguiria penetrar.

Os homens não sentem nem sofrem o amor com intensidade, como nós, mulheres, sentimos e sofremos. Por

ser um truísmo, isto não necessita de demonstração. A inteligência se desenvolve no homem, livre e sem entraves de qualquer espécie. Este tudo vê por meio de um arrazoado frio, quase matemático, tanto mais frio e matemático, quanto menos tenha sofrido o amor.



Os que elogiam minha intuição, referem-se ao rápido conhecimento que faço das pessoas com quem trato. Por vezes, tenho confiado em pessoas que outros desconfiam, e, de modo inverso, desconfiado, quando outros confiam. Quase sempre o tempo me deu razão.

Será esta uma virtude misteriosa? Creio que não. Ao contrário, tudo me parece bastante simples. Olho as pessoas de maneira bem diversa da maioria. Olho-as através de um cristal muito fino: o amor a Peron e à sua causa. O amor aguça o olhar da inteligência. Se não fosse assim, como poderia aprender, pela intuição, tantas coisas que, por vezes, não entendo?

Certa noite, recolhi-me tarde. Não pude fechar os olhos. Obsedava-me um problema nacional que, durante a jornada, fôra submetido pelos técnicos do Governo à consideração do presidente. Eu, que com ninguém falara a respeito, só conhecia o assunto pelas publicações dos jornais. Era, um problema árduo e difícil que eu jamais intentara resolver. Mas a solução proposta me desagradava. E o pior era que não sabia ao certo o porquê. É claro que, no dia seguinte poderia dizer, simplesmente isso: que a solução não era do meu agrado. Todavia, deveria invocar as razões. E não havia meio de encontrá-las!

Tampouco não as encontrei. Mas deliberei confiar ao Presidente as minhas dúvidas, e acertei, porque ele, a quem também preocupava o problema, já resolvera revisá-lo no dia seguinte.

Estranho? Misterioso? Não. Simplesmente a maravilha do amor, iluminando uma inteligência igual à de todos.



Não é de estranhar, pois, que esta virtude ou sentido extraordinário esteja presente em todos os atos de Peron, provocando a admiração de todos quantos o conhecem ou com ele tratam.

Ele que ama profundamente seu povo, tudo vê através deste grande amor. Portanto, conforme está demonstrando, é imperioso que visualize tudo de uma maneira especial, diversa da que orienta o olhar dos demais. Ele vê pelo povo e para o povo.

Como surpreender-nos, pois, de que ele, iluminado por este grande amor, adivinhe onde está a felicidade dos argentinos e a grandeza nacional?

Estou habilitada, mais do que ninguém, a dar testemunho desta intuição maravilhosa. Peron conhece os homens num relance, por mais que procurem empanar-lhe a presença. Tenho-o visto resolver graves problemas de maneira contrária à prestigiada pelos técnicos e especialistas. À minha pergunta de dúvida, responde sempre:

— É uma questão de simples bom senso. Os especialistas vêem o problema do ponto de vista técnico, acanhado e restrito, como o campo de um microscópio. Eu sou forçado a abrangê-lo em sua integridade, com lentes planas. Devo vê-lo como o povo o veria.

Depois de meditar muito nestas explicações, conclui que o senso comum e a *intuição* são, ambas, virtudes ainda não bem definidas, acaso idênticas. Mas creio, em todo o caso, que estão presentes em todos os seres em maior ou menor proporção, e que somente crescem e se desenvolvem quando um grande amor as vitaliza com o sopro maravilhoso do seu poder infinito.

Também posso garantir que nenhum *homem comum* poderá, auxiliado pela intuição, fazer ou pensar coisa alguma, uma vez que os *homens comuns* se arrebanham no número daqueles seres inferiores que desprezam o amor como coisa exagerada.

XV

O caminho que escolhi

Empossado Peron, na presidência da República, pouco demorou a convencer-se da impossibilidade material de aglutinar as responsabilidades e trabalhos do seu cargo, com o desejo firme de manter contato permanente com a população. Este contato, que tem sido absolutamente necessário, não criava lacunas de qualquer espécie.

Nosso povo vivera, por mais de um século, submisso a governos oligárquicos, mais desatentos em cuidar dos interesses populares, do que dos de uma minoria privilegiada, talvez oculta e refinada, porém, acima de tudo, terrivelmente egoísta.

Ultrapassado este século, interrompido aqui e ali por uma tentativa ocasional de governar para o povo, ou melhor, por um outro gesto isolado que nunca chegou a se cristalizar, surgiu Peron no cenário nacional e, em menos de três anos de incêndio revolucionário, como governante, chegou ao coração do povo. Este soube, assim, das vantagens deste contato íntimo.

Ao longo de três laboriosos anos, homens e mulheres, associações de classes econômicas e políticas, bem como o povo inteiro, desfilavam, arcando com antigas dificuldades e esperanças fraudadas, na presença realizadora do condutor. Todos esses problemas e todas essas esperanças haviam sido satisfeitas por ele, na medida de suas possibilidades, e, freqüentemente, além das medidas.

Com Peron na Presidência, investido de um poder pleno, escasso na nossa República, como não haveriam de redobrar-se as ilusões daquela gente que experimentava o

gosto de um governo nascido do povo e exclusivamente voltado para o mesmo povo?

Todavia, iria ser precisamente a plenitude do poder o que iria impedir o Condutor de se manter em contato direto com o povo. Enquanto à testa da Secretaria de Trabalho e Previdência, não tivera outros problemas que os inerentes à solução das necessidades mais prementes da população. Agora, porém, elevado à Presidência da República, bem diversa era a natureza dos temas submetidos à sua consideração e todos instando por soluções definitivas, sob o perigo de deixar soçobrar tudo o que tão arduamente se erguera em três anos de reforma social.

De que teriam valido três anos de Revolução se, ao final da luta, tivéssemos novamente recaído nas mãos dos nossos tradicionais exploradores capitalistas? De que teria valido a reforma social, num país sem riqueza e sem trabalho, entregue manietado às injunções externas do capitalismo internacional?

Tudo isso foi visto claramente por Peron, desde o dia em que se tornou presidente. E foi para prevenir esse perigo que ele se devotou a fazer o que fez: firmar a independência econômica da Nação. Em quatro meses elaborou um plano de governo para o quinquênio. Em dois anos consumou a independência econômica. Não pretendo consignar, aqui, tudo o que o General tem feito como presidente da República, muito embora me aprovesse escrever a respeito páginas sem conta.

Direi somente que este empenho gigantesco, arrancado da própria organização do Governo, devia culminar com a Reforma Constitucional, deixando pouca margem para manter contato com o povo.

Se não tivéssemos procurado, de comum acordo, uma solução, sem a havermos achado, a voz do povo não teria

chegado cada vez mais abafada à torre do governo, bem como silenciado de todo.

Por outro lado, era necessário manter aceso, nos espíritos, o fervor revolucionário. A Revolução acabava de ser posta em marcha. Impunha-se para Peron, e para o próprio governo, ir vencendo as etapas sucessivas. Nisto, nada haveria de impossível, uma vez que a população mantivesse aceso o fervor revolucionário e não se deixasse envolver pelas lamentações dos *homens comuns*, para que todo o ato revolucionário surgisse de forma impulsiva e imperdoável.

Entre o decreto, a lei revolucionária e o seu cumprimento, ou seja, entre o governo e o povo, erguem-se inúmeras barreiras, nem sempre perceptíveis do alto, mas detectadas claramente na planície. O contato de Peron com o povo era algo indispensável.

Além do mais, haviam modestas, porém, prementes necessidades populares, cuja medicação imediata deveria ser providenciada. No rol das esperanças dos *descamisados* havia muitas ilusões modestas que eles depositavam em Peron, tal como os filhos almejam dos pais.

No âmago de uma família remediada, os pedidos e exigências são os mais variados possíveis: os mais velhos pleiteiam assuntos elevados; os menores aspiram a obtenção de brinquedos. Ora, na grande família, que é a Pátria, também os pedidos formulados ao presidente, pai comum de todos, eram os mais diversos e imagináveis. Aliás, tínhamos constatado esta miríade de aspirações populares, desde quando Peron foi empossado. As esperanças populares iam de uma obra governamental, beneficiando toda uma cidade, a uma bola de futebol, pedida por um pequerrucho do norte, a uma simples boneca, desejada por uma garotinha do interior.

Urgia conciliar todos os pedidos, grandes e pequenos, se não quiséssemos que o povo deixasse de ver, em Peron, o seu condutor. Reservei para mim a humilde tarefa de atender aos pequenos pedidos. Escolhi o meu lugar dentre o povo, para melhor descortinar, da planície, as barreiras que pudessem embaraçar a marcha da Revolução.

Resolvi ser **Evita** para que, por meu intermédio, tivesse o povo e, especialmente, os trabalhadores, desimpedido o caminho que os levassem ao Líder. A solução não poderia ter sido melhor.

Os problemas governamentais sobem a Peron, todos os dias, por intermédio dos ministros, dos funcionários de Estado ou dos próprios interessados. Mas, cada uma dessas pessoas, como não podia deixar de ser, dispõe apenas de escassos minutos da jornada estafante de um presidente, como Peron. Os problemas populares, entretanto, chegam-lhe todos os dias, à hora do almoço ou do jantar, nas tardes aprazíveis dos sábados e nos domingos tranquilos. E chegam-lhe pela minha voz franca e leal, em circunstâncias propícias, quando o seu ânimo se livrou dos problemas graves ou de preocupações agudas.

O povo pode estar certo de que não haverá divórcio possível entre ele e o Governo. Mesmo porque, para que tal ocorresse, deveria o Chefe do Governo começar por se afastar da sua própria mulher!

XVI

Eva Peron e Evita

Nada há de extraordinário ou de contingente no meu destino. Não poderia afirmar que considere lógico ou razoável tudo o que me tem ocorrido, mas tampouco estaria sendo sincera se escondesse que me parece, quando menos natural.

Já arrolei as grandes causas da minha missão a serviço da Pátria. Todavia, esta exposição ficaria inacabada sem algumas esparsas referências aos motivos circunstanciais que me impeliram a uma íntima colaboração com o General Peron, depois de sua escalada ao poder.

Antes de abordar o tema, considero conveniente relembrar que Peron não é apenas o Presidente da República. É, também o condutor do povo. Eis aí uma circunstância fundamental, intimamente ligada à minha decisão de me tornar numa esposa de Presidente diferente do padrão antigo. Eu poderia, se quisesse, cingir-me a esse padrão. Digo isso em alta voz e sem rodeios porque não ignoro o que se tem procurado justificar, por aí, o absurdo de que os salões da oligarquia me haviam rechaçado. Nada mais longe da realidade, nada mais falso! Eu poderia ter sido uma mulher de presidente diferente das outras. Aliás, missão simples e agradável, de dias festivos, de receber honrarias, de requintes e cosméticos, no representar um papel, de acordo com o protocolo. Isto é: fazer o mesmo que fizera antes e acredito que sofrivelmente, no teatro e no cinema.

Pergunto, agora, por que me teria rechaçado a oligarquia? Pela minha origem humilde? Pela minha passada atividade artística? Qual! Desde quando atentou essa classe de

gente, aqui, ou onde quer que seja, para essas coisas, em se tratando da mulher de um presidente?

A oligarquia nunca se mostrou hostil para quem lhe pudesse ser útil. O poder e o dinheiro não tiveram, jamais, maus antecedentes para um oligarca genuíno. A verdade é bem outra: fui eu que, de Peron, aprendera a trilhar vias pouco freqüentadas, que me recusei a, subservientemente, ajustar-me ao padrão antigo. Além do mais, quem quer que me conheça um pouco, não digo de agora, mas de antes, quando era uma simples **moça argentina**, sabe bem que não fui talhada para representar a fria comédia dos salões oligárquicos. Não nasci para isso. Muito ao contrário, repeli sempre do fundo da alma, “essa encenação teatral” das altas rodas.

Lembro mais, que eu não era apenas a esposa do Presidente da República. Era também, e acima de tudo, a mulher do condutor máximo dos argentinos.

A dupla personalidade de Peron devia, por força, corresponder, em mim, também uma dupla personalidade: uma, a de Eva Peron, a mulher do Presidente, a quem incumbe uma tarefa simples e agradável, de dias festivos, de honrarias, de funções de gala; a outra, a de **Evita**, a mulher do Líder de um povo que nele depositara toda a sua fé, toda a sua esperança, todo o seu amor. Somente uns poucos dias ao ano represento o papel de Eva Peron. Creio que deste papel, simples e agradável, me desincumbo cada vez melhor. Em compensação, toca-me, os mais dos dias, desempenhar o papel de Evita, primeira peronista argentina, ponte estendida entre as esperanças do povo e as mãos realizadoras de Peron. Esse sim, me é deveras difícil, ao ponto que nunca me sinto totalmente satisfeita do modo por que o desempenho.

De Eva Peron não interessa falar. O que ela faz e diz aparece profusamente nos jornais e revistas de todo o mundo.

Interessa-me falar, e muito, de **Evita**. Não porque sinta qualquer vaidade pelo fato de o ser, mas porque, quem compreender a Evita achará fácil entender, depois, os *descamisados*, o próprio povo, e este nunca sentirá mais do que a realidade é ... nunca se converterá em oligarca, o pior dos males que poderia sobrevir a um peronista ...

XVII

Evita

 uando escolhi o papel de **Evita**, fi-lo plenamente consciente de estar optando pelo caminho do povo. Hoje, há quatro anos daquela escolha, me é fácil demonstrar que não errei. Ninguém, a não ser o povo, me chama de **Evita**. Somente os descamisados aprenderam a me chamar assim. Os homens do governo, os dirigentes políticos, os embaixadores, os homens de empresa, os profissionais, os intelectuais, tratam-me de *senhora*; alguns, inclusive, dizem publicamente *Excelentíssima* ou *Digníssima Senhora*, e, ainda por vezes: *Senhora Presidente*. Esses, só vêem em mim a Eva Peron. Os *descamisados*, todavia, só me conhecem pelo apelido de **Evita**.

De resto, eu própria me apresentei assim, no dia em que saí ao encontro dos humildes do meu país, alegando que “preferia ser Evita a ser esposa do Presidente da República, desde que, sendo Evita, pudesse mitigar uma dor ou enxugar uma lágrima ...” E, coisa muito estranha, disse-me um embaixador, um político, um dirigente, qualquer, enfim, dos que habitualmente me tratam de “senhora”, disse-me, repito, **Evita**, e esse tratamento soaria tão falso e artificioso aos meus ouvidos, como se um moleque de rua ou um homem humilde do povo me chamasse de “senhora”. Mas, talvez mais falso ainda do que aos meus próprios, soasse aos ouvidos de quem o pronunciasse. Agora, sem me perguntarem qual dos dois tratamentos prefiro, minha resposta rápida e terminante é: prefiro o do povo.

Quando uma criança qualquer me diz Evita, sinto-me, ao influxo dessa palavra, um pouco mãe de todas as crianças

desamparadas da terra. Quando um operário profere esta palavra, sinto-me, ao seu conjuro, companheira de todos os homens de trabalho de minha terra e do mundo. Quando uma mulher me chama de **Evita**, sinto-me sua irmã, a irmã de todas as mulheres da humanidade. Assim, quase sem me dar conta, classifiquei com três exemplos, as atividades principais de Evita, com relação aos humildes, aos trabalhadores e à mulher.

Verdade é que, sem qualquer esforço artificial, sem que nada me custe intimamente, tal como se houvesse nascido para isto, sinto-me responsável por todos os humildes, como se lhes fosse mãe; luto, ombro a ombro, com o operários, como uma companheira a mais de oficina ou de fábrica; frente às mulheres que confiam em mim, considero-me mais velha, incumbida da missão sagrada de velar por elas, sem assumir, com isto, uma honra, mas uma responsabilidade pesada. Penso que, se cada homem, cada mulher, se sentisse um pouco mais responsável por todos e cada um de seus irmãos, a humanidade seria certamente mais feliz!

Do operariado, atendo os problemas sindicais. Dos humildes, recebo as queixas e a exposição de suas necessidades, procurando providenciar solução adequada a tudo o que não concerne propriamente ao Estado, fazendo, portanto, as vezes de colaboradora oficiosa do Governo. Afinal, tudo é água para o moinho do Líder.

Da mulher, avio os problemas, nos seus aspectos sociais, culturais e políticos.

Se me perguntarem qual das três atividades prefiro, hesitaria, sem atinar de imediato com uma resposta exata e definitiva.

Se adquirida durante o desempenho de minha atividade sindical, minha resposta seria por ela; se me perguntassem quando com a atenção voltada aos problemas dos meus

descamisados ou das mulheres de minha Pátria, optaria, talvez, pela atividade que me dedico neste momento. Não o faria premida por conveniências diplomáticas ou políticas. Não. Mesmo porque, quando trabalho, parece-me superior e muito bem adequado aos meus gostos, à minha vocação e às minhas inclinações a tarefa por mim desempenhada. Concordo, entretanto, que, o que em última instância me agrada, é estar em contato íntimo com o povo, confundida entre suas manifestações mais puras: os trabalhadores, os humildes e a mulher. Com eles não tenho que adotar as poses a que me vejo forçada, quando faço as vezes de Eva Peron. Falo e sinto como eles, com simplicidade corriqueira e franqueza clara, e, por vezes, rude, mas leal.

Sempre nos entendemos. Já Eva Peron, nem sempre se entende com os que assistem às funções que se vê obrigada a representar. Não infiro daí, que o papel de Evita me seja fácil. Ao contrário, é árduo ao extremo, que, como já disse, nunca me sinto totalmente satisfeita do meu desempenho como tal.

Em compensação, como é fácil o papel de Eva Peron! E não me admiro, pois, não é, por acaso, mais fácil representar o papel no teatro do que vivê-lo na realidade? No meu caso particular, é certo que, como Eva Peron, nada mais faço do que jogar um papel que outras mulheres já viveram; mas como **Evita**, vivo uma realidade que, talvez mulher alguma tenha vivido antes, em toda a história da humanidade.



Já disse que não sou guiada por nenhuma ambição pessoal. E, talvez, não tenha dito a verdade. Sim, confesso que tenho uma ambição, uma única e grande ambição pessoal: quisera que o nome de Evita ficasse inscrito para sempre na

história de minha Pátria. Quisera que dela se dissesse, numa pequena nota inscrita ao pé do capítulo maravilhoso que a história certamente dedicará a Peron, algumas poucas palavras: “Houve, junto de Peron, uma mulher que foi o veículo das esperanças do povo, que Peron convertia mais tarde em realidades ...” De forma sobranceira, sentir-me-ia compensada se essa pequena nota terminasse assim: “Dessa mulher sabemos apenas que o povo a chamava carinhosamente de **Evita**.”

XVIII

Pequenos detalhes ...

Nesta incumbência de união entre o povo e seu Líder, há uma circunstância que me devo cingir escrupulosamente: não me imiscuir em assuntos próprios de Governo.

Não o consentiria, de resto, o Presidente que, pela sua formação militar, tem uma noção severa das responsabilidades e limites. Mas, a respeito disso, sou compelida, de tempos em tempos, a dizer ao povo, cara a cara, o que seu Líder lhe diria, e, inversamente, sinto-me obrigada a dizer ao Líder o que seu povo anseia por lhe falar. Esta função leva-me, por vezes, a abordar com o General, temas que, em virtude de sua natureza, são próprios e exclusivos do Governo. Quando estas ocasiões se apresentam, tenho bem presente no espírito que eu própria escolhi colocar-me ao lado do povo.

Não há dúvida que os funcionários do governo bastam a Peron, para o cumprimento integral de sua tarefa, mas, penso também não ser inútil que a voz de alguém, intimamente identificada com ele e sua causa, lhe chegue a cada dia, portadora das notícias frescas de um povo que ele estremece com amor até às entranhas.

Desincumbindo-me, assim, de minha missão, estou certa de lhe alegrar o espírito com as palavras e o amor do seu povo, que vou depondo suavemente em seu coração, enquanto descansa das fadigas.



Quanto às características inéditas deste procedimento, não me preocupam. Ao contrário, a originalidade alegra e conforma meu espírito. Enquanto os *homens comuns*, medíocres desprezíveis, venenosos e estéreis, se afobam à procura de um alvo para ataque traiçoeiro e embuçado, o nosso movimento lhes oferece todos os dias algo sem precedentes, algo único, que nos pertence com exclusividade. Bem sei que quando criticam minha posição relativa ao movimento, visam menos esse alvo do que o triunfo da Revolução em si. Fere-lhes o meu contato com o povo. Sabem que enquanto esta comunicação não se romper – e não se romperá por mim – o povo terá livre acesso a Peron e Peron poderá satisfazê-lo. Sabem que enquanto isto se der eles não voltarão. Eis por que anseiam em me destruir. Não me podem qualificar de ambiciosa e isto os irrita. Pudessem atribuir-me a mínima ambição pessoal e regozijar-se-iam em prazer, denunciando ao povo que nele procurara a mim mesma.

Estão certo de que assim poderiam separar-me da população. Não se convencem que eu, nos meus admiradores, nada mais busco senão o triunfo de Peron e de sua causa, por isto é que este triunfo se materializa no próprio povo.

Nem mesmo quando me cerco dos que trabalham ou dos que sofrem, o faço procurando satisfação egoística, de quem se julga vítima de um sacrifício pessoal.

A cada dia esforço-me para banir de minha alma toda e qualquer atitude sentimental em presença dos que me procuram. Não quero sentir pudor de mim mesma, frente a eles. Caminho em direção ao meu trabalho, convicta de estar cumprindo com o meu dever, na esperança de dar satisfação plena à justiça. Nada de lirismos, nada de charlatanismos vazios, nada de comédias, nada de artifícios, nada de romance. Nem mesmo quando me acerco dos necessitados,

poderá ser alegado que me faço de dama caritativa, que abre mão do seu bem-estar para se atribuir a condição de instrumento superior de uma obra de misericórdia.

Proveio do próprio Peron a frase: "Nada há de construtivo, fora do amor", fazendo-me aprender o que seja uma obra altruística e a maneira de a cumprir. O amor não é, segundo a lição que dele aprendi, nem sentimentalismo romântico, nem pretexto literário. O amor é, antes de mais nada, uma doação constante, e entregar-se é dar a própria vida. Enquanto não se entrega a própria existência, o que se dá é, simplesmente, justiça. Quando se começa a oferecer a própria vida é que se está cumprindo uma obra de amor. Não pretendo, com isto, estar realizando obras de amor, que estas eu as compreendo demasiado próximas de Deus. Sinto-me plenamente satisfeita em estar auxiliando, na medida do possível, a realização plena da justiça social. Eis porque batizei este labor fraternal de auxílio aos pobres de **ajuda social**. Eis porque o creio ser profundamente justicialista. Esta ajuda é incompatível com os excessos do coração. Porque é obra de justiça, sei que devo cumpri-la com a atitude de um juiz, como quem se desincumbe de uma missão que lhe foi confiada e nada mais. Com amabilidade, sim, mas sem alardes.

Talvez isto seja um pequeno detalhe, mas, em todo o caso, um detalhe que tem poupado muitas humilhações inúteis. Ninguém se sentirá feliz, mesmo cumulado de riquezas, a troco de uma humilhação que lhe afete a dignidade, de todos os tesouros, o mais caro dos homens.

SEGUNDA PARTE

Os trabalhadores e a minha missão

XIX

A secretaria

Quase toda a minha atividade social se desenvolve na Secretaria de Trabalho e Previdência, onde ocupo um pequeno setor. Desempenho o expediente no mesmo gabinete que ocupou o General Peron, de 1943 a 1945. Tudo isso tem um significado especial.

Muito embora a Constituição Justicialista tenha transformado a Secretaria em Ministério, os operários argentinos continuam a chamá-la de *Secretaria*. Eu própria nunca a chamo de outra maneira. Este detalhe comprova que o povo sente ali, viva e fresca, a presença de Peron.

Foi ali que, pela primeira vez, uniu sua personalidade vigorosa de condutor com a população. Foi ali onde obteve os seus primeiros discípulos. Foi ali que desfrutou os primeiros êxitos. Foi ali, ainda, que firmou a decisão irrevogável de servir ao povo, com todas as energias e acima de qualquer sacrifício. Para todos nós, ele ainda está presente na velha *Secretaria*, como no tempo de suas primeiras lutas.

Fui para a Secretaria do Trabalho por várias razões. Primeiro, porque nela sentia mais facilidade de me comunicar

com o povo e com seus problemas. Depois, porque o titular da pasta é um velho trabalhador, com quem, como tal, **Evita** poderia se entender francamente e sem grandes formalidades burocráticas. E, finalmente, porque ali me seriam concedidos, como foram, os elementos necessários ao meu trabalho.

Na Secretaria, recebo os trabalhadores, os humildes e os que me procuram por qualquer motivo pessoal ou coletivo. Os funcionários da casa colaboram comigo na resolução dos problemas sindicais, colhendo os dados necessários e examinando-os, à luz das possíveis repercussões econômicas e sociais. Quanto à minha tarefa de ajuda social, desempenho-a também na Secretaria, já que, neste aspecto, o pessoal lotado na casa se restringe a diligenciar os detalhes relacionados com os pedidos de audiências.

Quanto ao movimento político feminino, estes não tomam o meu tempo na Secretaria, porque prefiro atendê-los na sede central do Partido Peronista Feminino ou na residência particular.



Os cuidados do operariado me tomam quase a totalidade do expediente na Secretaria, no que me mostro ligada com a própria essência do Movimento Peronista, triunfante graças ao apoio irrestrito do operariado organizado do País.

O Presidente costuma dizer que os governos e os estados estão deslizando insensivelmente, do período em que tudo se resolvia em função das organizações políticas, para a época em que tudo se resolve de acordo com as organizações sociais. Eis porque o governo peronista, inspirado pelo seu Líder, trata de antecipar-se no tempo, alicerçando-se, cada

vez mais, nas organizações sindicais. Apoiando-me neste conceito visionário de Peron, julgo que a população está, hoje, mais cabalmente representada pelas suas organizações classistas do que pelos partidos políticos.

Os partidos políticos caem frequentemente em poder dos círculos fechados, das *panelas* interesseiras, integradas por dirigentes que se mantêm nos cargos por força de conchavos nem sempre claros, quando não de negociatas. Tal não ocorre no centro das organizações de classe, cujos dirigentes escolhem entre viver em íntimo consórcio com a massa, que representam, ou serem varridos do cenário diretivo, pela mesma.

Em decorrência da minha experiência de quatro anos, posso, hoje, afirmar com absoluta certeza, que os dirigentes gremialistas conhecem mais a fundo a realidade popular do que os líderes políticos. A bem da verdade, afirmo que esses superam àqueles somente quando sabem manter contato honrado e permanente com as associações de classe. Ao dizer *contato honrado*, refiro-me a esta classe de ligação que não visa atar o trabalhador ao jogo dúbio das ambições pessoais.



Foi na Secretaria que aprendi o que sei a respeito de sindicalismo e dos entraves trabalhistas. Ali encontrei tudo em marcha. Inclusive um estilo e uma técnica para a resolução dos questionamentos sindicais: o estilo e a técnica do General Peron. Limitei-me a seguir-lhe as pegadas, guiada pelo seu exemplo, onde, muitas vezes, tenho recorrido ao seu conselho de mestre e condutor.

Somente assim, consegui que a Secretaria continuasse a ser a casa e o lar dos operários argentinos, tal como a concebera e corporizara o General Peron, nos primórdios da luta.

XX

Uma presença superior

Do mirante da Secretaria descortina-se todo o panorama sindical argentino. Ninguém, como eu, que o vi em 44 e 45, de um cantinho do gabinete de trabalho, onde ele me permitia permanecer, enquanto trabalhava, ninguém, como eu, poderá atestar a mudança radical operada por ele neste setor de minha Pátria.

Até 1943, as reivindicações trabalhistas tinham, na Argentina, uma doutrina e uma técnica, em nada diferentes da doutrina e da técnica em vigor nos demais países do mundo. A doutrina e a técnica eram, pois, internacionais. Quero dizer, estrangeiras em toda a parte e em todos os povos do mundo. De vez em quando, uma coisa qualquer que é internacional, perde, inclusive, o direito de ter uma pátria, mesmo no país de origem.

Os dirigentes das reivindicações trabalhistas argentinas se haviam formado naquela doutrina; somente aquela técnica lhes fôra ensinada. Nada direi que foram, em geral, maus dirigentes, nem incorrerei no erro torpe de afirmar que representaram ilegitimamente seus companheiros. Não. Creio, pelo contrário, que se desempenharam o melhor que puderam na confiança ou no desespero da massa que neles confiaram. Sim, porque, face ao egoísmo brutal da oligarquia capitalista e cruel, que outro sentimento poderia a massa operária pôr na eleição de seus dirigentes, senão o clamoroso desespero? Por isso, ele resolveu, muitas vezes, escolher os candidatos que propunham as soluções teoricamente mais radicais, ao invés de outorgar mandato àqueles que estavam em condições de

pleitear e, porventura, obter algum benefício prático e imediato, ainda que mínimo.

Explica-se, assim, que, eleitos pelo desespero de uma massa sofredora e exacerbada pelo ódio, se vissem, aqueles dirigentes, na impossibilidade de dar satisfação aos seus representados, compelidos a desviar a atenção da massa para o plano da política internacional, em tiradas líricas de propaganda doutrinária, que nada tinham que ver com as necessidades mais prementes e reais do povo. Contudo, o grande erro desses dirigentes não foi esse, a que, afinal de contas, eram quase forçados. O pecado capital desses homens foi pensar, falar e atuar em idiomas estrangeiros, frente aos companheiros, de costas para a realidade doméstica. Não advertiram — porque não creio que agissem de má fé, pelo menos a maioria — que o problema do operariado argentino quase não se assemelhava ao que assoberbava os trabalhadores do velho mundo, a braços com a superprodução e à mingua de reservas econômicas. Não aferiram bem a realidade nacional.

Alguns, porém, talvez os mais altos dirigentes daqueles tempos, não agiam de boa fé.

Da mesma maneira que admito que a maioria atuasse animada pelo alto espírito sindical, devo dizer também que alguns traíram à massa. E isto dizendo, acredito não estar afirmando nada estranho nem desconhecido para o operariado argentino. Está vívida na memória de todos a obscura ligação desses pretensos próceres trabalhistas com a mais autêntica oligarquia. Não estamos esquecidos de como, ao amparo da imprensa conservadora e do capitalismo, conjurados contra os argentinos, intentaram a destruição do líder de 1946. Deixaram, com isso, patente aos olhos do povo, ser uma mentira grosseira a antipatia que esses falsos dirigentes socialistas e comunistas, dedicassem ao capitalismo.

Explica-se, também, porque foi tão lento e doloroso o avanço das organizações argentinas e tão sangrento e excessivo, o preço pago por esse raquítico progresso.



Mas não é desses falsos mentores trabalhistas, hoje definitivamente aliados à oligarquia, que me proponho a falar aqui, mas dos outros, dos de boa fé e de autêntico espírito sindical.

Já disse que até 1943 se viveu em submissão a uma determinada doutrina e técnica de combate. Acreditava-se firmemente ser esse o melhor e ainda o único caminho para atingir o bem-estar planejado. Foi somente Peron, quando da Secretaria de Trabalho e Previdência, falou ao povo de outra técnica, que este se deu conta do erro cometido e do esbanjamento inútil de tantos anos e esforços. A princípio, o Coronel desconcertou-o.

Durante cinquenta anos ouviram os dirigentes falar contra a Pátria e, conseqüentemente, em desmerecimento do Exército! E agora vinha um militar — um “obscuro Coronel” (alvitrava a oligarquia), querendo mostrar-lhes o caminho da justiça e da felicidade!

Para cúmulo, o novo líder lhes falava dos valores do espírito. Ao invés de pregar o combate entre o capital e o trabalho, vinha exumar os velhos princípios esquecidos do cristianismo. Como, pois, não haveria de desconcertá-lo? Aos poucos, porém, foram acreditando nesse “Coronel”. Muitos lhe hipotecaram a sua confiança, somente para ouvi-lo. Outros, logo que o viram. Os mais, quando suas promessas começaram a cumprir-se. Em pouco tempo, os dirigentes

probos do sindicalismo argentino aliavam-se a Peron. Ficavam na calçada fronteira os que se negavam a ouvir promessas, os que com antecedência furtavam o olhar às realidades. Esses tinham hipotecado, antecipadamente, suas posições a favor da oligarquia e do capitalismo. A troco disso, iam, em breve, ganhar o esquecimento dos trabalhadores, o olvido, que é a moeda com que o povo paga àqueles que o atraíçoa.



A técnica de Peron impôs-se ao final de dois anos de luta acirrada. Empossado na presidência, ficava ainda o perigo de que alguns tantos despeitados especialistas do sindicalismo intentassem congregiar, em volta de si, a massa obreira, valendo-se, para tanto, da antiga retórica e das velhas idéias, tão bem tramadas por eles, na cátedra estrangeira que os formara ... e lhes pagara; e que, ainda para o mesmo fim, procurassem apresentar a Secretaria como uma repartição a mais do governo, fria e burocrática, ao estilo do extinto Departamento Nacional do Trabalho, que, em 1943, concitara o desprezo absoluto e unânime dos trabalhadores argentinos. Poderia ainda ter acontecido que, ausente da Secretaria, o criador genial da nova doutrina e da nova técnica das reivindicações trabalhistas, viessem os dirigentes, inclusive os peronistas, a cair na cilada da velha doutrina e dos velhos métodos, inconscientemente vitimados por uma infiltração traiçoeira e paulatina.

A presença de um velho dirigente sindical à testa do Ministério do Trabalho foi a primeira providência adotada no sentido de neutralizar esse perigo. Aquela presença infundiria confiança; a confiança que inspira um companheiro ou um

amigo. Mas não bastava. Para prevenir todo e qualquer perigo impunha-se qualquer coisa a mais. Este algo a mais foi, e continua a ser, a minha presença, menos pelo que eu possa fazer ou valer, do que pelo fato de estar demasiado perto de Peron, para que, aonde quer que eu vá, não me acompanhe um pouco de sua própria presença. A sombra é o sinal mais certo da proximidade de quem a projeta. Ora, minha presença na Secretaria é a sombra do líder. E é à sua sombra que eu me esforço por palmilhar a rota por ele traçada. Não me foge o abismo que vai entre mim e ele. Onde ele ministrava uma lição magistral, eu apenas sei balbuciar. Onde ele solucionava um problema em quatro palavras, eu gasto uma semana. Onde ele decidia, eu apenas sugiro. Onde ele via, eu vislumbro.

É que ele é o condutor e, eu, a sombra de sua presença superior.

XXI

Os trabalhadores e eu

Minha ligação com os trabalhadores orienta-se por normas simples, muito embora sejam, por vezes, os problemas que se apresentam, geralmente complicados e de complexa solução. Apesar disso, sinto-me à vontade entre eles e nunca há, entre nós, a menor altercação. Muitos perguntam o que sou para os trabalhadores do meu país. Prefiro, antes, explicar o que eles são para mim. Um trabalhador, qualquer que seja o seu sexo, é, antes de tudo, um *descamisado*.

Que são, para mim, os *descamisados*? Não posso falar deles sem que me recorde dos dias solitários de 1945. Definir o que seja um *descamisado*, sem recordar aqueles dias, é, para mim, tão impossível como tentar explicar o que seja a luz sem pensar no sol. *Descamisado* foram todos os que estiveram na Praça de Maio a 17 de outubro de 1945, os que vadearam o Riachuelo, vindos de Avellaneda, da Boca e da Província de Buenos Aires; os de disposição alegre, numa resolução firme estampada no rosto, desfilaram naquele dia inesquecível pela Avenida de Maio e pelas diagonais que desembocam na Casa do Governo; foram-no ainda os que fizeram calar a oligarquia e àquele tresloucado que disse: “eu não sou Peron”; os que reclamaram durante todo o trajeto da jornada pela presença de um Líder, então prisioneiro; os que acenderam fogueiras com os jornais vendidos a um embaixador estrangeiro, por trinta dinheiros, ou talvez por menos. Todos os que estiveram naquela noite na Praça de Maio são *descamisados*.

Se houve algum que, não sendo materialmente falando, um *descamisado*, tenha sofrido naquela noite, ao par dos

autênticos, este também fez jus ao título e foi naquele momento e será sempre, para mim, um autêntico *descamisado*. Como o são, aliás, todos os que, caso houvessem estado em Buenos Aires, teriam acorrido à Praça de Maio; todos os que, hoje ou amanhã, seriam capazes de fazer o mesmo que fizeram aqueles primeiros *descamisados* de 17 de outubro de 1945. Para mim, *descamisado* é todo aquele que se sente povo. Eis o que nobremente importa: amar, sofrer e gozar como o povo, mesmo não trajando à maneira do povo, pois isto é mero acidente. Um ricoço poderá vir a ser, materialmente, um *descamisado*, mas nunca o poderá ser de forma legítima. Donde se vê que também aqui me declaro inimiga das formas, conforme o que estabelece a doutrina peronista.



Para mim, os trabalhadores são, antes de mais nada, *descamisados*. Todos estiveram na Praça de Maio naquela noite memorável. Muitos, materialmente; todos em espírito. Nem todos os *descamisados* são, necessariamente, operários, mas, para mim, todo o operário é um *descamisado*. Não esquecerei jamais que devo a cada *descamisado* em particular, a vida de Peron. Em segundo lugar, eles são parte integrante do povo, deste povo cuja causa ganhou meu coração desde há muitos anos. Em terceiro lugar, constituem a força poderosa que mantém a estrutura do edifício da Revolução. O movimento peronista seria, sem eles, desprovido de definição.

O General Peron disse ser impossível o Justicialismo sem o sindicalismo. E é verdade, primeiro, porque quem disse foi o General Peron, e, segundo, porque é, efetivamente,

verdade. No momento presente, o sindicalismo é, no meu país, a força organizada mais poderosa que mantém o ideal peronista. Os quatro milhões de trabalhadores congregados na Confederação Geral do Trabalho e na Central Operária Nacional definiram-se, em massa, pela doutrina Justicialista de Peron. Eis porque cada trabalhador é, antes de tudo, para mim, um peronista autêntico, por sinal o melhor dos peronistas, porque, além de povo, é *descamisado*.

Todas estas manifestações são, para mim, dos operários que se aproximam do meu gabinete de trabalho, trazendo consigo, as esperanças, ilusões e problemas. Quando me defronto com eles, sinto-me uma amiga de todos, cuja gratidão infinita só se pode exprimir de uma maneira: com absoluta e profunda lealdade.

Eles o sabem. Sabem que não sou o Estado, nem, muito menos, o patrão. Por isto dizem de mim: “Evita é compulsiva, mas leal!” Sabem que só tenho um preço, e este preço é meu amor ao povo. Pelo amor ao meu povo daria tudo quanto tenho, inclusive a vida. Sabem que quando os aconselho a transigir, faço-o pelo seu próprio bem, tanto como quando os encorajo a lutar.

À medida que o tempo avança em nosso movimento, esta confiança mais se consolida, pois que, a cada dia, o faço para lhes dar novas provas de lealdade. Reciprocamente, é cada vez maior a confiança que eles me dispensam, ao ponto de esperarem de mim, até quando tudo se perdeu.

Freqüentemente sucede que um problema mal dirigido, seja porque não se dispõe de meios econômicos suficientes para resolvê-lo, emperra, sem solução satisfatória para os interessados. É quando o meu trabalho, de simples e fácil, se torna árduo e difícil. Mas é também, quando após muitos empenhos, proponho uma solução adequada e recebo, ao

oferecê-la aos trabalhadores, as alegrias mais puras de minha vida.

Não deram eles, por acaso, a solução para um problema perdido, quando, no dia 17 de outubro de 1945, reconquistaram Peron para eles e para mim? E, quando já não me resta recurso algum, recorremos ao supremo definitivo, à plenipotência de Peron, em cujas mãos não há esperança que não se converta em realidade, por muito desesperadora que seja esta esperança.

XXII

Uma só classe de homens

Devo, aqui, repetir uma lição que muitas vezes recebi de Peron. É aquela que se refere ao conceito justicialista de capital e trabalho, e que me baseio para as minhas tarefas de caráter sindical. O objetivo fundamental do justicialismo, em relação ao movimento trabalhista, é fazer desaparecer a luta de classes e substituí-la por uma cooperação entre o capital e o trabalho. O capitalismo, tudo querendo dar ao capital, explora os trabalhadores.

O comunismo, para solucionar o problema, idealizou um sistema de luta que só acabará quando houver uma só classe social, resultado a que deverá chegar pelo caminho da destruição, que será, por seu turno, o efeito de uma longa luta sem quartel, travada entre o capital e o trabalho.

O justicialismo também quer chegar a uma só classe de homens: a dos que trabalham. É essa, por sinal, uma das verdades fundamentais do peronismo. Mas não quer atingir este resultado pela luta e, sim, pela cooperação. Não queremos uma só classe proletária, mas uma só classe de homens desproletarizados, que vivam e trabalhem dignamente.

Aspiramos a que os operários recebam salários que lhes permitam viver como seres humanos e a que os patrões se sujeitem a ganhar para a manutenção da indústria, para progredir e para, por seu turno, viver dignamente. Com dignidade, mas não principescamente.

Não queremos que ninguém explore ninguém. Eis tudo. Foi isto que Peron quis assegurar ao povo e que ficou claro na nova Constituição.



Eu, entretanto, talvez pela minha maneira de ser, nem sempre me tenho situado neste justo ponto de equilíbrio. Reconheço-o. A justiça está, para mim, quase sempre um pouco mais além da metade do caminho. Mais perto dos trabalhadores do que dos patrões.

É que, para atingir o plano único que Peron anseia, os trabalhadores deverão galgar ainda alguns degraus, mas, de outro lado, terão, os patrões, que descer muitos.

O certo é que eu, que vejo em cada operário um *descamisado* e um peronista, já não posso dizer o mesmo dos patrões, salvo quando bem provado. Sou sectária, sim. Não o nego e já o tenho dito noutras ocasiões. Mas, poderia, alguém, a rigor, negar-me este direito? Poderá negar-se aos trabalhadores o humilde privilégio de me terem mais próxima deles do que dos patrões?

Quando busquei amparo, no meu amargo calvário de 1945, quem, senão eles, me escancararam as portas e me estenderam a mão, num gesto amigo? Meu sectarismo é, além do mais, um desagravo e uma reparação. Durante um século os privilegiados foram os exploradores do operariado. Impõe-se equilibrar este século com outro, mas ao contrário, onde os privilegiados sejam os trabalhadores. Quando este século houver transcorrido, será o momento de medir com a mesma régua a operários e patrões, se bem que aí, então, terá o justicialismo, confio, logrado nivelar os homens numa única classe: a dos que trabalham.



Não tenho premonições de profeta, mas atrevo-me a predizer que, ao cabo deste século, a humanidade relembrará, com carinho, o nome de Peron. Os homens o abençoarão por lhes haver ensinado a viver.

XXIII

Descer

Muitos julgam, e tem a ingenuidade de me dizer, que, lidando com os operários, imponho a mim mesma um sacrifício excessivamente grande e penoso.

Mais de uma vez, sobretudo a princípio, quando os visitantes ainda não haviam sido advertidos de “minhas respostas”, foi proferida, na minha presença, a palavra *descer*.

— “A senhora desce generosamente até aos trabalhadores”, diziam.

Ou, ajustando a idéia a um conselho:

— “Talvez não convenha a senhora fazer o grande sacrifício de se abaixar até eles ...”

Sei bem que, por vezes, bastou, como resposta, um olhar carregado de indignação.

Doutras, meu sentimento de revolta extravasava em palavras e reconheço que era ríspida até com amigos, que não me compreendiam. A verdade é que nem me sacrifico nem desço. Nada, no trato com os trabalhadores, me é desagradável. São homens simples, sim. Dizem tudo cruamente, concordo. Não fazem rodeios para dizer o que pensam, de vez que ainda não aprenderam a mentir. E, quando alguma vez não correspondi ao que eles esperavam, disseram-me sem rodeios., sem que por isso me tenha sentido ofendida.

Eu nunca seleciono os operários que me visitam. Não ignoro que, vez por outra, tem-se infiltrado um comunista nas filas dos meus visitantes peronistas. Seria mentira se dissesse ter destratado uma só pessoa.

Por vezes, temos travado polêmicas em tom enérgico e por horas a fio, acerca de problemas de suma gravidade, mas nunca me vi forçada a *descer* e recolher uma expressão torpe ou indigna. A grã-finagem, se persuade, dizendo que desço pelo fato do meu convívio com o operariado, muito teria de aprender com esta aproximação e talvez mesmo (digo-o sem a menor esperança), talvez *subisse* um pouco em honradez e dignidade.



Nas altas rodas da sociedade, fala-se com rodeios, das “exorbitantes pretensões” dos trabalhadores. Nada mais falso! Eu afianço que nunca, a não ser por exceção, pleiteiam nada acima do justo, e quando o fazem, isto se deve a um simples erro de cálculo, que cedo se arrependem, ou oriundo do concelho de falsos amigos infiltrados nas suas fileiras, quando não por insinuações ardilosas dos próprios patrões, que vêem num pequeno aumento de salários, um ótimo pretexto para majorar a mercadoria dez vezes mais do que o referido aumento justificaria.

Nossos operários mostram-se tão sensatos em pleitear melhorias que, por poucas vezes, não pude obtê-las para eles, com a conseqüente surpresa, benefícios substancialmente acima dos que eles próprios aspiravam.



Nunca faltam trabalhadores humildes no meu gabinete. Muitas vezes vejo-os palestrar com ministros, altos

funcionários, embaixadores, visitantes ilustres e famosos no mundo inteiro.

Gosto imensamente de ver como estes homens de mãos calejadas não temem em se ombrear com quem quer que seja, e de como se sentem nivelados aos seus interlocutores. E, até mesmo certas vezes — por que não? — dão-me a impressão de se sentirem, ao menos quando no meu gabinete, *mais* do que os outros, talvez, porque convictos de que neste local são eles os privilegiados.

Os outros poderão aspirar ao direito de minha amizade, mas os trabalhadores sentem-se com direito a algo mais. Esse algo mais é o meu carinho. Observando o modo como os trabalhadores tratam os meus visitantes ilustres, tenho aprendido muito.

Sei, agora, que os que sabem lidar com o afeto dos operários, são, em regra, dignos do movimento peronista; como também os que não estão aptos para a nossa luta e que se mostram incapazes de angariar este afeto. Mesmo porque o trabalhador só dá sua amizade ou o seu afeto a quem honrada e lealmente lhe oferece reciprocidade. No mais tem uma percepção agudíssima, que lhe permite descobrir, ao primeiro relance, o aventureiro que só deseja servir-se dele, como ponte para as suas ambições pessoais.



Poderia escrever dias inteiros acerca dos ínfimos detalhes do meu labor sindical. Quis, todavia, acentuar o fundamental, o que tornará mais acessível, para muitos, o verdadeiro sentido irrenunciável de gratidão e de amor.

Entretanto, ninguém a quem não se haja oferecido a oportunidade de conhecer a alma generosa e nobre dos homens que o trabalho tornou dignos, como só podem sê-lo os que trabalham, ninguém que não esteja bem capacitado disso, poderá desvendar o verdadeiro sentido de tudo o que deixo registrado neste capítulo.

A tal dignidade, nunca se poderá descer. Seria tão absurdo como dizer: vou *descer* ao cume do Aconcágua.

A tal dignidade somente se poderá subir e minha ambição principal é subir, cada dia, um pouco mais.

XXIV

As tardes das quartas-feiras

Nas tardes de todas as quartas-feiras o General Peron atende, exclusivamente, às associações de classe. A casa do Governo, nestas tardes, adquire um aspecto especial. Isto porque, conforme a praxe, as audiências do Presidente são, geralmente, individuais, se bem que não falem, de vez em quando, visitas de núcleos mais ou menos numerosos. Em tais tardes, no entanto, as audiências são diferentes, tanto pelo número de visitas, como pela quantidade invulgar de membros que integram cada delegação. Trata-se, por outro lado, do único dia da semana em que o meu trabalho se processa paralelo com o do Presidente.

Talvez, convenha que os meus leitores conheçam alguns detalhes deste meu trabalho e a sua natureza.

As tardes de quartas-feiras são, para mim, como jornadas de safra. Todo o trabalho da semana rende seus melhores frutos nestas cinco ou seis horas que passo no Palácio. Durante a semana recebo e ordeno os pedidos de audiências, formulados pelas associações de classe. É óbvio que essas entidades quereriam estar sempre visitando a Presidência, no que reside grande parte das dificuldades inerentes ao meu papel de *Evita*. É neste aspecto particular do meu trabalho que mais transparece, talvez, para o meu povo, a utilidade desse papel humilde que a sorte me reservou. Assim, ao menos, eu penso.

Nem todas as associações classistas podem avistar o Líder nessas quartas-feiras, embora assistam a todos os mesmos direitos.

Parto deste princípio muito simples e faço o possível para que cada sindicato se entreviste com o General, no mínimo, uma vez por ano. É claro que este privilégio cabe aos dirigentes superiores, os quais, não raro, se fazem acompanhar dos companheiros das filiais dos sindicatos, esparsas pelo interior do país. Esta circunstância se dá, mais freqüentemente, cada vez que um sindicato realiza a assembléia geral.

É de praxe que cada audiência se prenda a um motivo excepcional, de vez que o tempo do Presidente da República é, infelizmente, escasso. Porém, há sempre um motivo extraordinário na vida das organizações operárias. Por vezes, trata-se de problemas da alçada exclusiva do Presidente, em seu duplo caráter de condutor do país e do movimento. Ninguém, a não ser ele, tem esta dupla investidura e plenipotência. Há sempre problemas sindicais cuja solução deve contemplar, a um tempo, os interesses dos trabalhadores, os do povo e os da própria Nação. Nestes casos especiais, somente o Líder dos trabalhadores, o condutor do povo e da Nação, está habilitado a contemplar o panorama em toda a integridade. Somente ele pode fazer ver aos trabalhadores até onde o problema é passível de solução. Eu também participo, com relativa freqüência dessas audiências e me sinto feliz, verificando como o Líder recebe diretamente dos trabalhadores as aspirações populares e como se cientifica com correção dispensando intermediários, onde o chefe pensa, projeta e realiza.

Penso, com muita satisfação, que não serão, decerto, muitos povos que assim, de forma tão singela e sem formalismos, podem estabelecer contato com a autoridade suprema do país. Mais ainda, julgo que seja este o segredo do êxito com que governa Peron os destinos do seu povo. Porque, nessas audiências, não é obrigação falar

exclusivamente do motivo que a originou. O próprio General indaga de seus visitantes sobre os problemas que neste momento lhe prendem a atenção de governante e de chefe do movimento. Ora se fala do custo de vida, ora dos salários em geral, ora da política internacional. Por isso, em dado momento, quando surge um sério problema internacional, pode o General Peron dizer aos argentinos: “Não farei o que o povo não quiser.”, o que basta para tranquilizar a população. Os cidadãos sabem que Peron lhe interpreta claramente as expectativas. Noutras vezes, as audiências se ligam ao anseio dos requerentes de fazer conhecer ao Presidente o estado das atividades de classe.

Os sindicatos trabalham o ano inteiro a favor dos representados. E, assim, além dos esforços dirigidos ao aumento dos salários e condições de trabalho, dedicam-se a construção de policlínicas e casas de saúde, à organização de cooperativas e mutualidades, até à implantação de cursos de capacitação sindical, incluindo as fundações de clubes, de bibliotecas, etc.. É prazeroso ver a alegria daqueles homens, quando se lhes depara a oportunidade de externar, perante o chefe, o resultado de terem ouvido os conselhos e as recomendações do amigo e do Líder.

Noutras vezes, move-os o intento de informar ao Presidente as conclusões de uma assembléia geral da classe. Nesses casos, é habitual a assistência de delegados de todo o país e a minha própria.

Ouve-se, em primeiro lugar, a palavra dos dirigentes, que expõem ante o Presidente, para eles o sempre *querido Coronel* da Secretaria do Trabalho e Previdência e o *primeiro trabalhador argentino*, as conclusões gerais da assembléia. Em seguida, o Presidente toma a palavra para alongar-se nos assuntos de âmbito nacional ou para os visitantes a par da condução dos negócios públicos. Os delegados haurem, das

palavras, os benefícios que são de imaginar e se habilitam a, recolhendo em versão direta as palavras do Líder, se tornarem seus fiéis arautos nos recantos mais longínquos do país. Muitas vezes, o Chefe de Estado leva sua confiança ao extremo de abordar, nessas palestras das quartas-feiras, temas que talvez fossem mais apropriadas a uma palestra íntima e privada. É por intermédio dessas entrevistas que o povo vem a conhecer tudo quanto o seu chefe pensa a respeito dos problemas mais variados, incluindo, nesse número, aqueles que somente ele, como Chefe de Estado, está em condições de proferir uma palavra autorizada. Exceção feita, nessas audiências numerosas, a que participo somente quando o Presidente me convida. Não costumo estar presente às visitas que os sindicatos fazem ao Líder nas tardes de quartas-feiras. Nisto não se deve pensar que tal ocorra por falta de desejos de minha parte. Não. Ocorre simplesmente o que já disse mais atrás: minhas funções terminam onde começam as do Presidente da República.

Além do mais, há ainda outro motivo considerável: é o desejo de que os trabalhadores se entendam diretamente com Peron, a sós, juntamente com o meu propósito de jamais aparecer como um empecilho a lacrar o trânsito entre a população e o Líder.

O grande mal de muitos povos e países consiste em que os governantes se deixam cercar da clássica “panela”. Bem ou mal envolvido, um governante que se deixa envolver, está levantando um obstáculo entre ele e o povo. Se há um jeito finíssimo em Peron, outro não é senão o de não consentir que ninguém se interponha entre ele e os governados. Eis porque me limito a conduzi-los até onde ele está. Sou como uma senda por onde transita, a caminho do Presidente, o povo humilde da minha terra.

Levo meu escrúpulo ao ponto de cuidar não ser, eu, o único caminho que a ele leve, pois que isso também seria, de certa maneira, erguer uma barreira entre a população e Peron.

Uma vez que os trabalhadores se encontram na presença do Líder, eu me retiro, ainda que permanecendo no palácio, dedico-me a escutar outros problemas, dos que nunca faltam entre os órgãos de classe que esperam a vez para serem conduzidos à presença do Presidente. É possível que se encontre nesses pequenos detalhes o segredo do meu êxito. Detalhes que, na aparência, são sem importância, mas que requer cuidados que auferem fartos lucros.

Não poderia encerrar este capítulo sem mencionar algumas palavras a respeito da felicidade que essas tardes de quartas-feiras nos proporcionam.

Ao final da jornada, regressamos juntos, o Líder e eu, recolhendo-nos a nossa residência particular. Eu me rejubilo vendo-o satisfeito e expansivo. É que o contato com os seus *descamisados*, com a “turma”, como eles se autodenominam, o estimula e conforta.

Quase sempre, no final dessas jornadas estafantes, costuma dizer-me:

— Vamos bem! Os rapazes estão satisfeitos.

Eu me alegro, vendo-o contente. Não posso ocultar um sentimento de emoção, lembrando que um homem, como ele, colocado no mais alto pedestal do país, se sente feliz pelo simples fato de que um humilde trabalhador lhe disse “estar exultante com o seu Presidente.”

XXV

Os grandes dias

A felicidade de Peron atinge a expressão mais alta quando celebramos nossas grandes datas: Vinte e Sete de Novembro, Dia da Secretaria de Trabalho e Previdência; Dezesete de Outubro, Dia da Lealdade e Primeiro de Maio, Dia do Trabalho. Nas duas últimas, o povo se congrega em grandes mós, apinhando o cenário de nossas maiores glórias: a Praça de Maio. Ao ato magno, promovido pela Confederação Geral do Trabalho, assistem em massa a classe trabalhadora e as grandes delegações obreiras, vindas do interior.

Os dias que antecedem a estas festas magnas do movimento, ocorrem numa atividade febril e estafante. Não por que me caiba intervir para coisa alguma em sua organização, mas porque, tratando-se de festas populares por excelência, não poupo esforços para que os trabalhadores as possam celebrar na mais esfuziante e sincera alegria.

Nelas, passo em revista todos os problemas pendentes, procurando providenciar a todos e a cada um deles, a solução adequada. Destarte, a alegria coletiva é maior e a festa assume um caráter total.

Sentir-me-ia francamente penalizada se, em qualquer desses dias solenes, avistasse, das sacadas da Casa do Governo, na multidão negreando a praça, alguma associação classista, onde os problemas, suscetíveis de solução, não estivessem resolvidos. Não porque tema a ausência de qualquer setor, não. Muito ao contrário, mesmo nas circunstâncias mais difíceis para um determinado sindicato, nunca deixo de nele comparecer, como querendo deixar claro

aos olhos de todos que, a despeito de qualquer dificuldade, o Líder era para sempre, para eles, o Líder. Como dizem eles: “tanto na bonança, como na adversidade”.

No dia 27 de novembro comemoramos a fundação da Secretaria do Trabalho e Previdência. Embora não sendo feriado, pois que, a começar pelo funcionalismo, todo o país trabalha como nos demais dias úteis. Nem por isso o povo esquece de celebrar a data com um ato popular, que se realiza frente à Secretaria. A data assume um significado extraordinário: foi naquele dia do ano de 1943, primeiro da Revolução Nacional, que Peron converteu o velho e inútil Departamento Nacional do Trabalho na utilíssima e prestativa Secretaria do Trabalho e Previdência. Aquele dia marca a arrancada magna da Revolução. Para Peron, aquele dia foi um triunfo. Para os trabalhadores, a primeira jornada de sol, após as longas noites de angústia e frustrações, da exploração oligárquica. Também o Primeiro de Maio que fôra a triste celebração dos Trabalhadores oprimidos, se enfileira, hoje, no número das nossas festas expressivas.

Muitas vezes tenho sido interrogada por visitantes estrangeiros, acerca dos motivos que induziram o Governo a manter uma data preñhe, em todo o mundo, de um triste significado de revolução e rebeldia, e de que, no dizer de todos, se valem os comunistas para solapar a “ordem legalmente constituída”. A isso tenho respondido com expressões silenciosas, conttenham as mesmas respostas que as desdobradas. Quero que estes apontamentos, nestas conjunturas, tenham dado resposta, aos que me formularam as perguntas pessoalmente. Em primeiro lugar, o Governo não poderia *suprimir* a celebração. Esta festa pertence, por direito, ao povo. Peron tem repetido, até ao cansaço, que nada fará o que o povo não queira. E este, que antes externara, a cada Primeiro de Maio, a angústia da opressão e

da morte, não pode recordar a data senão com alegria. Antes do advento de Peron, os dirigentes aproveitavam o ensejo do Primeiro de Maio para falar às multidões, comprimidas nas ruas. Os bons dirigentes tinham, em geral, bem pouco o que dizer, salvo alinhar vagas alusões e esperanças longínquas. Como eram poucas as realidades! Os maus, os falsos dirigentes, que haviam aprendido de cor a lição lida nos livros estranhos, auridas em terras estranhas, esses não perdiam a oportunidade para semear a discórdia e a agitação entre os companheiros.

Diante da esqualida safra de realidades, frente à longa espera de promessas goradas, nada melhor do que excitar o povo à rebelião e à anarquia. Os governos, frios e indiferentes a todo o clamor, impermeáveis à dor, respondiam com o silêncio, quando não com a opressão policial. Assim, os Primeiros de Maio tingiam-se do sangue dos humildes, que nunca é azul, mas sempre é rubro, como sempre é puro. O povo argentino não esquece essas jornadas de angústia e de morte. Como não haveria de hoje, que pode fazê-lo sem temor, rememorar a data, num ambiente clamoroso de alegria coletiva? Ao invés de lançar brados uníssonos e de erguer os punhos, o povo argentino comemora a data congregando-se em frente à Casa do Governo, de cuja sacada central preside à festa o condutor supremo, em sua qualidade de *primeiro trabalhador argentino*, de todos os títulos, o mais querido ao seu coração.

Em vez de fugir em debandada, escorraçado pela polícia, temeroso do espancamento e acaso da morte, o povo se despeja nas ruas, nessa data hoje feliz, para na Praça de Maio, entoar em coro, um estribilho que me cala profundamente na alma: “A vida por Peron”.



Já o Dezesete de Outubro é festividade bem diferente. Entretanto, o povo e o lugar de concentração são os mesmos, como desde 1945: continua a ser na histórica praça de Maio. Esta é, para nós, a data magna da *Lealdade*. Desde 1945 que todos os *descamisados* do meu país vêm marcando para este dia um encontro de honra na Praça de Maio.

A exemplo daquela primeira noite memorável, a multidão está ávida de escutar a palavra do Líder. É este, para mim, um dia de grandes e profundas emoções. A cada vez, me proponho a ser forte até ao fim. Nunca o consigo. É excessiva a emoção para o meu coração contemplar, do mesmo lance, a felicidade do povo e a felicidade de Peron. Da sacada, sobranceira à festa, diviso um por um, os rostos fiéis dos *descamisados* e o do Líder. O espetáculo, em si, é magnífico e atinge o auge quando Peron faz uso da palavra. A cada ano pergunta ao povo se ele se sente satisfeito com o governo. É quando milhares e milhares de vozes, reboando na praça, vovem com um uníssonos *sim*. As ondas deste frêmito emocional me abalam profundamente a alma. Avalia-se, então, o que se passa na alma de Peron., neste momento!

Quando, nestas páginas, tentei esboçar-lhe o perfil, disse ser, talvez, melhor sairmos juntos a céu aberto e fitá-lo, tal como se poderia convidar a olhar para o sol. Pois bem, descrever o que se passa na alma de Peron a cada dezesete de Outubro é, para mim, empresa semelhante a esta de lhe escrever a figura. Não reputo como verdadeira a velha sentença que afirma transitar um fluido magnético da multidão para o condutor e deste para ela. Inclino-me, antes, a pensar que se trata de um fenómeno de sensibilidade. Muitos homens

reunidos são menos um complexo de almas individuais e separadas, do que uma só e única alma.. Para que esta alma se manifeste, é imprescindível que o condutor possua sensibilidade suficiente, que torne audível, para ele, as vozes da alma uniforme do povo. Eis porque se requer uma alma extraordinária para o alto destino de condutor de homens! Nisto reside o segredo de Peron: em sua alma, que, a exemplo do sol, não se pode descrever, nem mesmo fitar. É forçoso contentar-se senti-lo, aquecendo-nos a pele e iluminando o carinho. Tal é o que o povo sente a cada Dezesete de Outubro, tal como eu o sinto, em minha pequenez infinita a cada encontro de Peron com o seu povo. Sentimos o sol a nos aquecer o corpo numa carícia morna, a nos injetar calor no sangue, a nos insuflar vida. Finda a jornada, fica-nos no espírito a certeza inequívoca de nos termos feito mutuamente felizes.

O Líder sente-se contente com o seu povo. A festa se encerra quando a multidão, acotovelada na praça, lembra a greve decretada por imperativo de sua vontade, no dia 18 de outubro de 1945, rompe a bradar: “Amanhã é São Peron!”

É quando o Líder, a semelhança de 1945, novamente autoriza esta greve simbólica, pacificamente e alegre, acaso a única greve no mundo não organizada em desmerecimento de nada, nem de ninguém, por isso que, tal como em 1945, os trabalhadores só visam a celebrar com ela o regresso de Peron. Assim está explicada a sua verdadeira razão.

Nas noites de Dezesete de Outubro não posso pregar os olhos. O carinho do povo é o mais belo sonho que se possa ter, onde me apraz prolongá-lo na vigília, esquecida do duro preço da luta cotidiana. Assim, sinto-me totalmente refeita de forças necessárias para encetar a marcha no dia seguinte, como em todos os dias:

XXVI

Onde quer que este livro seja lido

Quando comecei estas páginas, não me guiava outro propósito senão o de explicar os motivos, as causas e os aspectos avulsos da missão com que voluntariamente arqueei na Nova Argentina de Peron. Queria apenas explicar porque estou neste caminho. Mas, a esta altura, percebo que, afastada do propósito inicial tenho me preocupado mais em descrever a paisagem que margeia a estrada do que propriamente esta. Pois bem, não estou arrependida.

Afinal de contas, há de interessar menos ao mundo o saber porque vivo, como vivo e porque sou o que sou, do que conhecer como vive e como é um povo que se sente feliz e um homem que é responsável por esta felicidade.

Até agora, a bem dizer, se no íntimo do meu coração, nos recônditos da alma não me estivesse a animar, em verdade, ao começar estes apontamentos, o desejo inconsciente de procurar um pretexto a mais que me permitisse falar precisamente deles: de Peron e de seu povo?

Digo isto porque não quero iludir ninguém. Porventura, nisto venha a consistir minha única glória: em ter sabido dizer toda a verdade acerca dos grandes amores de minha vida, tal como os vivo, sinto e sirvo. O amor só alcança a realização plena, quando servimos. Para mim, amar é servir. Por isso é que toda a minha vida é tão facilmente explicável. Todo o *segredo* se restringe a isto: a decisão de *servir* ao meu povo, à minha Pátria e a Peron. Sirvo porque amo. Sirvo porque o povo me ganhou o coração. Sirvo-o ainda porque Peron me ensinou a conhecê-lo e a querê-lo mais e mais. Sirvo a causa

de Peron e ao próprio Peron como e onde posso, reconhecendo, com alegria, que servir a Peron significa *servir ao povo*.

E por acaso não está nisto a *chave* e a explicação de minha própria vida?



Já disse como sirvo aos trabalhadores. Quisera explicar, agora, como sirvo aos *humildes*. Antes, porém, à guisa de despedida aos trabalhadores, dirijo a eles apenas duas palavras de gratidão. Aspiro que, onde quer que este livro seja lido, se conheçam os sentimentos do meu coração agradecido.

Porque foram os trabalhadores a ter fé em Peron. Porque acreditaram nele antes mesmo de o ver. Porque não o abandonaram jamais. Porque o sagraram presidente dos argentinos no memorável pleito de 24 de fevereiro de 1946.

Que tudo isto se saiba onde quer que este livro seja lido.

XXVII

Além da Justiça

No número dos meus leitores haverá, como em todo a parte, duas classes de almas. Uma, a das almas mesquinhas, que não concebem, como realidades, a generosidade, o amor, a fé e a esperança; outra, a das almas que ainda acreditam nestes sentimentos sublimes. Àquelas, as estéreis, rogarei, neste ponto, não prosseguir. Seria detalhe. Tudo lhes saberia a mera propaganda. Começam, aqui, os capítulos que só poderão interpretar as almas que ainda crêem na sinceridade, na fé, no amor e na esperança. A estas, convido-as e incito-as a prosseguir na leitura destas páginas. A estas, como aos visitantes de minhas obras sociais, farei por mostrar como vão pelo mundo, juntos, a dor e o amor. Primeiro mostrar-lhes-ei a dor do meu povo, tal como do miradouro de minha vida a vejo e sinto. Depois, o que faz o amor para que esta dor ensaie um sorriso que a afaste.



Desde o dia em me aproximei de Peron, adverti-o de que sua luta pela justiça social ia ser longa e áspera. À medida que ele ia me explicando os seus propósitos (e estes eram nada menos do que virar ao avesso um sistema econômico capitalista, dignificando-o, humanizando-o e, conseqüentemente, tornando-o mais justo), iam-se confirmando os meus pressentimentos mais e mais. Sim, a luta seria certamente longa e áspera.

De um lado, milhões de argentinos clamando por justiça; do outro, Peron, dando tratos à imaginação para que todos sentissem que era justo dar a cada um, lutando contra as conjuras da anti-pátria e das potências estrangeiras, mancomunadas para a exploração infame da boa fé e da generosidade, próprias do nosso povo.

Por mais que acreditasse nas potencialidades de Peron, talvez mais do que ele próprio, nunca pude imaginar que a maior parte dos seus sonhos se tornassem, tão cedo, em realidade.

Seus argumentos eram, contudo, extremamente simples. Quiçá, extremamente simples para que neles acreditassem os *homens comuns*, que, no dizer do próprio Peron, *voam em bandos, como pardais, rente ao solo*".

Em 1945, ele me dizia: "A justiça social exige uma redistribuição de todos os bens do país, de maneira a ficarem, como decorrência, menos pobres e menos ricos. Mas, como poderia distribuir um pecúlio nacional, um governo que mantivesse nas mãos, as rédeas do poder econômico? Impõe-se, por isso dedicar todos os esforços ao afiançamento da independência econômica do país. Será necessário encampar todos os instrumentos da injunção econômica: tudo o que implique numa drenagem inútil da riqueza nacional. Somente assim será mais farta a safra do povo. Somente assim será provido do que lhe falta, ou, quanto menos, reprovado do que lhe pertence. Tudo isto levará tempo e muitos argentinos morrerão sem ver a hora da Justiça." Tais reflexões convenceram-me de que era imperioso *nesse meio tempo*, fazer alguma coisa. Foi quando Peron escalou a Presidência da República que me pareceu o momento de *fazer alguma coisa*. Eu sabia porque Peron me dissera, que a justiça não se consumaria no país de uma hora para outra.

Entretanto, os argentinos, os *descamisados*, os humildes, tão cegamente acreditavam no Líder que tudo esperavam dele. E tudo rapidamente, inclusive, aquele repertório de benefícios que somente se poderiam obter por obra de milagres, cuja escassez é de resto, notória nos tempos que correm. Isto mais se assentava na convicção de que, enquanto Peron se dispunha a trabalhar com corpo e alma no seu gigantesco comprometimento justicialista, era, de todo o ponto de vista, necessário *fazer algo mais*. Eu senti, desde logo, que este algo a mim cumpria, mas, verdade seja dita, ignorava como poderia vir a realizá-lo. Por fim, num belo dia, juntei forças e, obediente a um palpite interior, entreguei-me à sua realização. Sai à rua, dizendo, pouco mais ou menos : cá estou eu. Sou a mulher do presidente. Quero ser útil ao meu povo, não importa como.

Cedo, a boa nova se alastrou entre os *descamisados*, que a transmitiam uns aos outros. Começaram a vir a mim. Uns, pessoalmente, outros, por carta. Naquelas cartas, começaram a me chamar de *Evita*. Antes *Evita*, proclamei, do que a mulher do Presidente da República, se este *Evita* for de alguma utilidade para os *descamisados* de minha Pátria.

Assim nasceu minha obra social. Não poderei afirmar que tenha nascido de mim. Posso, sim, atestar que nasceu de um entendimento simultâneo entre o meu coração, o de Peron e a alma grandiosa do nosso povo. Ela é, pois, uma obra comum. Tal a sentimos. De todos e para todos.

XXVIII

A dor dos humildes

Ficou na pendência deste capítulo um convite formulado aos leitores no anterior, e que me prontifico a cumprir de imediato: o de, a exemplo do que faço com os meus visitantes, mostrar aos leitores, sem o menor disfarce, um pouco da dor e do amor do meu povo.

Em primeiro lugar, a dor.

Aqui, como em todo o mundo, a injustiça social de muitos anos, vincou o presente de dolorosas lembranças.

Quando Peron desfraldou a bandeira da justiça social, os argentinos fracassados eram infinitamente mais numerosos do que os privilegiados de toda a sorte. Poucos ricos e muitos, muitos pobres.

Enquanto o trigo de nossa terra, para dar um exemplo qualquer, ia parar às lautas mesas de *privilegiados* residentes em terras estranhas, o modesto trabalhador dos nossos campos não tinha o que levar à boca dos seus esfaimados filhos. O mesmo se dava com todos os produtos da terra: a carne, a fruta e o leite. Nossa riqueza era uma velha mentira para os filhos da terra. Cem anos marcaram de pobreza e de miséria os campos e as cidades argentinas.

Lembro-me de ter mencionado, num dos primeiros capítulos, o deprimente espetáculo de miséria que apresentava nossa grande capital, quando, da primeira vez, me foi dado vê-la.

São decorridos cinco anos de luta intensa no governo, mas a despeito dos esforços despendidos com a ajuda social, posta em andamento, mau grado a boa vontade envidada, as sombras sinistras do quadro ainda não desapareceram de

todo. Tornam-se, sim, cada vez mais tênues, mais esbatidas, como lembrança remota da Argentina com que Peron se defrontou no seu advento. Para quando até mesmo esses fatos tenham desaparecido da lembrança dos homens, quero descrever tal panorama desolador, não externamente, como o faria um pintor, mas por dentro, tal como o enxerguei, contemplando-o, tanto como o sofri.

Para se penetrar na miséria e na pobreza de um panorama, não basta debruçar-se à sacada e olhar ao redor. A pobreza e a miséria não se mostram no primeiro relance aos olhos pouco observadores, ao menos em toda a magnitude da sua verdadeira expressão. Mesmo porque o homem, e, mais especialmente, a mulher, quando na mais triste situação, ou, talvez, por isso mesmo, fazem tudo para esconder aos olhos atentos dos estranhos, o cenário pungente da própria miséria.

Eis porque pouco percebem os ricos, a cada vez que se aproximam dessas colmeias de arquitetura rasa, que são os bairros pobres, recuados do centro das metrópoles.

Pouco, porque a própria subsistência culpada os impede de penetrar a fundo na realidade total.

Pouco, ainda, em razão daquele capricho da pobreza, de esconder a sua própria miséria.

Os visitantes só vêem o drama na superfície: ranchos de palha e barro, casebres de lata, vasos de flores nos peitoris das janelas, tufo de plantas esparsos, uma voz mais ou menos alegre a pejar os ares, a traquinagem da criançada brincando nos terrenos baldios. Não será raro que qualifiquem o espetáculo de *poético* ou *romântico*. O menos que farão será o de descrevê-lo de *pitoresco*. Esta última pareceu-me a expressão mais sórdida e perversa do egoísmo dos ricos. Pitoresco, o espetáculo promiscuo de homens, mulheres, velhos e crianças abarrotando casebres que fariam corar de vergonha, se as tumbas enrubescessem, o sepulcro mais pobre

do menos rico dos ricos! Pitoresco, para eles, que não assistem ao espetáculo tremendo que se repete a cada dia e a cada por de sol!

Numa olhadela mísera, ou espalhados pelo chão, em não menos míseros colchões, ou na falta deles, no piso duro de terra batida, cinco, seis, sete, oito pessoas, pais, filhos e avós. Pisos sem assoalho, paredes sem reboco, tetos fendidos, por onde coam, com o clarão da lua e o tremeluzir das estrelas, o frio e a geada. Romantismo e prosaísmo!

Ali nascem os filhos daquela gente. O problema, por si, grave, torna-se com o advento da filharada, simplesmente agonizante.

Os ricos alegam que cada rebento vem ao mundo sobrando pão e pontificam, sentenciosos, que *onde comem três, comem quatro*. Pois não! Vê-se bem que nunca conheceram o aguilhão doloroso da fome. Tudo é assim mesmo suportável, ou, pelo menos, um tosco arremedo de felicidade, enquanto não há doenças na família. Mas, quando a moléstia bate à porta de um desses cortiços, o calvário atinge os mais amargos extremos. Se é o caso do doente ser um filho, a angústia dos pais, ao pé do leito do pequeno, é dos espetáculos mais comoventes que a imaginação humana pode conceber. Tenho visto pais, tomados pelo desespero, vaguear a esmo pelas ruas, carregando nos braços o pequeno doente, à procura de um médico, de uma farmácia, de um hospital, pois que nem as viaturas da assistência se afoitam em penetrar naqueles antros *pitorescos*.

Tenho-os visto voltar para casa, com o filho morto, depô-lo numa mesa de tábuas, à luz bruxuleante de uma candeia, e tornar a sair, em busca de um caixão, como antes o havia feito à procura de médico e de remédios, desesperadamente.

E os ricos? “Essa gente não têm sensibilidade!”, exclamam. Então, não os vêem de olhos enxutos, até quando lhes morre um filho? Insensatos! Esquecem que foram eles, os que de nada precisam, que tiraram dos pobres até o mísero direito de chorar?

Não! Nunca poderia descrever o que é a vida miserável em qualquer desses bairros *pitorescos*. Convicta disso, desisto de perseverar no intento. Todavia, quero repetir antes de prosseguir: é mentira dos ricos, quando dizem que os pobres não têm sensibilidade. Isso tenho ouvido muitas vezes, dos lábios de *gente fina*: “Não se amofine tanto pelos seus *descamisados*. *Essa classe de gente* não tem sensibilidade. ...” Não creio mesmo que percebam o que lhes sucede. E, talvez, não convém que percebam.

No momento, não atinei com o revide. Pude apenas dizer: é mentira! Mentira que, vocês, os ricos inventam para acalmar a consciência, mas é mentira.

Se, indo além, alguém me perguntasse a razão dessa afirmação, limitar-me-ia em dizer: tenho visto muita gente humilde chorar, mas não de dor, que disso até os irracionais são capazes. Tenho-os visto chorar de gratidão. E, de gratidão, vocês, os ricos, não sabem chorar.

XXIX

Os começos

 espetáculo que, em vão, tentei descrever no capítulo anterior, era comum a todas as cidades do país, quando do estardalhaço do movimento justicialista.

Quanto menor o centro, tanto mais carregadas eram as tintas do quadro pavoroso. Algo parecido ocorria nos campos, onde rendeiros, meeiros, agregados e peões vinham desde décadas suportando o peso da opressão capitalista. Uma das primeiras medidas de Peron foi precisamente tabelar os salários e melhorar as condições de trabalho do ruralista.

Esta medida impunha-se como indispensável. Mas, antes que os novos salários e as condições mais dignas de trabalho vencessem juro, era necessário aliviar os males antigos. Em todas as partes careciam as moradias, as vestimentas a saúde e a moral.

Fôra para remediar esses males que me atirei às ruas dizendo: *Eis-me aqui. Quero ser útil ao meu povo.*

Quando percebi que minha voz, emitida a medo, estava sendo ouvida nos recantos mais afastados do país; quando adverti as pilhas de cartas que, cada dia, mais se avolumavam em minha escrivaninha; quando longas caravanas de homens, mulheres e crianças começavam a bater à minha porta, somente então compreendi os incalculados alcances que para mim e o meu povo ia ter aquele palpite de dias anteriores. Não calculava que aquela tarefa era empresa pouco menos que irrealizável, mas só abrangei sua verdadeira dimensão quando se me apresentou à vista em toda a sua crua realidade. Peron ensinara-me, no entanto, muitas coisas, e entre elas, a

suprimir do meu dicionário a palavra *impossível*. Fôra ele que voava alto e solitário como os condores (e perfilho aqui as palavras que ele próprio usa cada vez que alude aos gênios de sua predileção: San Martin, Alexandre, Napoleão), quem me tirara do *bando de pardais* e me ministrara as primeiras lições.

Uma, talvez a primeira, fôra ensinar-me a abolir do meu léxico a palavra impossível E começamos. Pouco a pouco. Não poderia precisar o dia. O certo é que a princípio atendi tudo pessoalmente. Cedo tive que requisitar auxílio. Por fim, à vista do trabalho, que engrossava assustadoramente, vi-me na precisão de montar uma verdadeira organização para aviá-lo.

É bem verdade que desde o primeiro dia contei com o irrestrito apoio moral e material do Presidente, mas também não era o caso de me escorar totalmente nele, assoberbado que estava por problemas outros, muitos mais graves do que o meu.

Lembra-me bem que em dado momento detivemo-nos a pensar se conviria ser eu ou um organismo do Estado que se aplicasse à realização do trabalho. Foi Peron quem me disse: “Os povos muitos castigados pela injustiça confiam mais nas pessoas do que nas instituições. Neste aspecto particular, mais do que outro qualquer, tenho medo da burocracia. No governo faz-se necessário esperar com paciência pelos resultados. Mas a ajuda social não consente, em virtude de sua própria essência, dilações de qualquer espécie ...”

Aquele argumento, lógico e simples como todos os de Peron, confirmou-me no posto que ele, os *descamisados* e eu, havíamos de comum acordo escolhido para mim.

XXX

As cartas

Todos os dias o correio deixa em nossa residência particular milhares de cartas. Todas metidas em envelopes humildes. Por meio desta correspondência, concebida em linguagem simples, mas eloqüente, chegam-me os pedidos dos *descamisados* daqui e de outras terras.

Cada um escreve como pode. É muito difícil perceber, pelo estilo, se uma carta foi escrita por outrem, talvez porque o interessado não soubesse escrever, ou, muito provavelmente, porque acreditasse ser mais bem sucedido expressando-se em termos empolados. O efeito é inverso, pois que nem a mais florida literata seria capaz de traduzir mais acabadamente do que o faz o linguajar popular, uma necessidade, que se refira a um emprego, um medicamento ou uma casa. Muitas cartas vêm assinadas por mães de família.

Nas festas de Ano-bom e Reis recebo milhares de missivas infantis. Muitas pessoas idosas também costumam escrever-me. Somente uma pequena fração da correspondência carece de estilo ou contém pedidos estapafúrdicos, impossíveis de satisfazer. Todavia, a imensa maioria sabe bem o que quer e pede em termos concisos e simples, mas nem por isso faltos de eloqüência.

O que me importa, acima de qualquer consideração, é que essas pessoas recendem a povo e recendendo a povo, recendem a verdade.

Peron disse, certo dia, ter percorrido o país inteiro, de ponta a ponta, havendo-lhe perscrutado as belezas e chegado

à conclusão de que, de todas, a mais maravilhosa era o povo. Se alguém duvidar ainda dessa verdade peronista que diz: “o melhor que temos é o povo”, eu o convido a correr os olhos pela minha correspondência, pela correspondência que em um só dia se despeja na minha mesa, de trabalho, vinda de todos os recantos do país.

Após longo tirocínio, sei, hoje, sem lugar a dúvidas, que uma carta não ilude mais do que um rosto. Calor que neste tipo de correspondência ninguém se dá ao trabalho de enganar, a não ser por exceção.

Quem pede moradia, roupa, u’a máquina de costura, emprego, medicamentos ou qualquer das coisas que um *descamisado* pede usualmente, não poderá querer ludibriar nossa boa-fé, mesmo porque, em lhe chegando o que solicitou, sua mentira seria descoberta.

Sentir-me-ia satisfeita se meus críticos se dessem ao trabalho de, pelo menos, uma vez, ler esta alusão de apelos desesperados, contidos nas cartas dos humildes. Talvez, assim, viesse a compreender, na hipótese de lhes restar ainda um pouquinho de inteligência e de espírito, todo o mal que fizeram ao país em cem anos de opressão oligárquica e capitalista.

Talvez assim se capacitassem da urgência e indispensabilidade da ajuda social.

Talvez assim me perdoassem, conquanto eu não aspire a esse perdão, as palavras com que em alguma oportunidade os profliguei e continuarei a profligá-los cada vez que se tornar preciso, pelo fato de haverem estado presentes, como responsáveis ou, pelo menos, como testemunhas silenciosas à iníqua exploração que presidia, com força de lei, à vida argentina, que Peron está pensando de suas velhas feridas.



Vejo, agora, que a indignação – sempre a velha indignação! – me afastou um pouco do tema.

Toda a correspondência que me chega é de imediato classificada por uma centena de colaboradores. Para este serviço escolhi deliberadamente homens e mulheres humildes. Não podia ser de outra maneira. *Somente os humildes salvarão os humildes*, diz sempre Peron. E é verdade. Tal como um abastado só enxerga num cortiço miserável, os traços pitorescos, sem penetrar no horror que esse quadro oculta (pois disso só um pobre seria capaz), assim também, no caso particular de minha correspondência, um rico só veria nesses apelos desesperados, simples literatura, balde de conteúdo. Enfrentando esse enorme espetáculo, misto de angústia e de dor, incapaz de abranger toda a carga de fé, de amor e de esperança, contida em cada mensagem, é possível que só lhe ocorresse dizer: *Quanta mentira não haverá nessas resmas de papel!*

Digo isto porque muitas vezes me pareceu adivinhar este pensamento, escondido e reprimido na mente dos que circunstancialmente se aproximaram da montanha de minha correspondência diária. Quando muito, verão, e isto foi-me confessado explicitamente por um dos meus visitantes, *sobejo material para um estudo psicológico*

Todavia, existe quem afirme que os pobres não têm nossa sensibilidade. Eis o que me leva, por vezes, a explodir em rompantes de incontida revolta. Ricaços empedernidos, rotundos e insensíveis à dor humana, assacando insensibilidade aos que padecem por culpa exclusiva da abundância em que se repastam. Por isto escolhi homens e mulheres que sofreram muito para realizar o serviço que eu,

por razões de volume, me vejo impedida de atender pessoalmente: ler a correspondência, classificá-la e despachar os pedidos formulados na medida do possível.

Uma vez tudo classificado, ponho-me a considerar diariamente o que é possível de solução imediata e ainda aquilo que, não o sendo, me parece de grande importância para o requerente. Nos casos especiais, ordeno marcar uma audiência com os interessados na Secretaria de Trabalho e Previdência. Destas entrevistas ocupar-me-ei posteriormente. É claro que neste caudal de cinco, seis e, não raro, dez a quinze mil cartas que diariamente me chegam, não poucas ficam sem solução imediata. Nomeadamente quando o que se pede nelas é emprego ou habitação. Porém, muitas vezes, mesmo nestes casos, quando o missivista perdeu toda a esperança de ser atendido, pelo tempo decorrido, ou está convencido de ter sido esquecido por mim, fazemos-lhe, sem esperar, o presente que pediu. Trato de solucionar os problemas o mais rápido que posso. E, somente quando não há solução à vista, é que me resigno em por de parte a missiva, à espera de uma oportunidade mais propícia.



E como se não bastasse para abonar a excelência epistolar, o número crescente da correspondência que me chega, estão aí os populares que me cercam, homens, mulheres e crianças, empunhando um envelope no alto, mal assomo à rua, tantos, que em tais ocasiões não esqueço de me munir de uma volumosa pasta ou de me fazer acompanhar por alguém que se faça de carteiro.

Há, neste capítulo da correspondência epistolar, uma afirmação de Peron: *Na Argentina, os únicos privilegiados*

são as crianças. As cartas infantis, conforme este princípio, desfrutam de vantagens especiais.

Agrada-me lê-las nas horas de folga. Elas compensam qualquer desilusão em outros aspectos da contenda.

A infância é tão pura, tão ingênua! Uma pequena descamisada, um pedacinho de gente de oito anos de idade, escreve textualmente: “Querida Evita, gostaria de receber para o Dia dos Reis Magos, qualquer coisinha, desde que seja uma lembrança tua. Não tenho bicicleta”. A carta se resume nisto. Mas quem poderia se recusar em enviar a *lembrança* solicitada?

XXXI

Minhas tardes de ajuda social

As audiências com os pobres são os meus descansos na metade de muitas jornadas estafantes. Duas tardes por semana, no mínimo, dedico-me ao desempenho desta função de intermediário entre humildes e Peron, porque, embora a Fundação solucione grande percentagem de problemas dessa gente, a instituição nada seria sem Peron, causa e alma da minha ajuda social.

Bem, a verdade é que Peron é a alma de tudo que tenho feito, de tudo que faço e de tudo que farei de bom pelo resta da vida. O que faço nessas audiências com os mais humildes *descamisados* do meu povo, os pobres, é assaz simples. Normalmente os recebo na Secretaria, muito embora, alguma vez, seja por falta de tempo, seja por que me premam problemas urgentes, confirmo encontro na Residência. De preferência, porém, recebo-os na Secretaria, como uma homenagem a Peron, que a criou, e também — porque haverei de negá-lo? — movida da secreta intenção de que *a casa dos trabalhadores*, como a chamou o Líder, goze cada dia mais do carinho dos seus *descamisados*.

Numa dependência contígua ao meu gabinete, no mesmo lugar em que despacho com os sindicatos, vão desfilar por turno, pela minha mesa de trabalho, densas colunas de visitantes, onde cada um expõe seu problema, seja grande ou pequeno. Há de tudo nessas *tardes de ajuda social*: dificuldades de moradia, despejos, doença, pedidos de emprego. De permeio com essas dificuldades materiais, surgem, aqui e lá, os outros de caráter íntimo, os mais difíceis de resolver, mesmo porque, para solucioná-los, só disponho

de boas palavras e conselhos. Alguém chega, por exemplo, com o pretexto de me solicitar ajuda material. Criaturas que não sabem o que fazer de suas vidas estraçalhadas.

Custa-me a apurar, por vezes, o motivo que as trouxe a mim e o que de mim esperam. Almas torturadas pela dor, agoniadas pela injustiça. Acuadas pela fome, pela perseguição, pela miséria, impelidas a todos os erros, um momento chega em que não mais abem que caminho seguir ... Estas são as minhas audiências *secretas*. A maioria expõe os problemas em altas vozes, mas nunca falta, em cada audiência, pelo menos uma entrevista *secreta*. Quando este caso se dá, e ocorre com muita frequência, as mágoas se vertem num cochilo, ou num soluço abafado. Todavia, por conhecer de perto as tragédias dos deserdados, das vítimas dos ricos e dos tubarões do povo, por isso destilo em meus discursos veneno e amargura. Diante de uma mulher, por exemplo, que se deixou enganar por um ricaço, enleada na rede sutil das falsas promessas de amor, sinto-me tomada de um ímpeto irreprimível de gritar o que tantas vezes tenho dito nos meus discursos: *cumpra-se a justiça inexoravelmente, custe o que custar, caia em quem cair!* ...

A cada tarde de ajuda social desfilam ante mim centenas de almas destroçadas pelo egoísmo humano. Sei que muitos jamais entenderão o que isto significa. Comentarão estas páginas com um sorriso irônico, considerando-as para si de *demasiado melodramáticas*. A isso responderia com todas as minhas forças: *Claro que é melodrama!* A dor do pobre não é a dor do teatro, mas a dor da vida, e bem amarga. Por isso é que, para os medíocres e egoístas, assemelha-se a melodrama piegas, réles e barato. Os pobres não inventam a dor, mas suportam-na. A cada vez que discurso, sinto que, no íntimo, me extravasam torrentes de indignação que carrego dentro de mim, cada vez mais viva, como uma ferida aberta no coração.

Por isso grito até enrouquecer e ficar afônica. Quantas vezes não tenho sonhado que meus insultos não são bofetadas que, caindo em cheio no rosto dos indiferentes, fazem-nos enxergar com clareza, por um momento, o que vejo em todos os dias nas minhas audiências de ajuda social! Quando insto para que a justiça se cumpra inexoravelmente, custe o que custar, caia em quem cair, estou certa de que Deus me perdoará, porque insulto por amor ao meu povo.

Todavia, sei que aos fariseus, fará pagar tudo o que os pobres sofreram, até não lhes restar nas veias uma só gota de sangue.

XXXII

Esmola, caridade e beneficência

Pelo fato do meu mais profundo sentimento ser o da revolta face à injustiça, tenho podido cumprir meu trabalho de ajuda social sem incorrer em excessos sentimentalistas. Aliás, Peron ensinou-me que o que faço em favor dos humildes, nada mais é do que justiça.

Do lado de lá, alguns médiocres têm contestado e creio que continuam a contestar (não posso perder mais tempo em ouvi-los), os méritos de minha obra. Pouco me importa o que possam pensar de mim ou do meu trabalho. Entretanto, acho essa crítica mais engraçada quando seus autores não conseguiram até hoje chegar a um acordo, nem mesmo quanto ao nome do trabalho que faço.

Não é por filantropia, caridade, esmola, nem solidariedade social, conquanto forçada a lhe dar um nome aproximado, optei por este. Para mim é estritamente justiça. O que mais me indignava no início da ajuda social, era qualificarem-na de esmola ou de beneficência. Para os ricos, a esmola foi sempre um prazer desalmado de excitar o desejo dos pobres sem jamais os satisfazer. Para que a esmola fosse mais miserável e cruel, inventaram a beneficência, adicionando assim o prazer perverso do óbolo, a satisfação de se divertirem alegremente com o pretexto de matar a fome dos pobres. Esmola ou beneficência são apenas ostentações vãs da riqueza e do poder, dirigidas à mortificação dos pobres. Ricos e poderosos levam-na amiúde à hipocrisia, ao cúmulo de afirmar que aquilo era caridade porque davam — isso pensavam eles — por amor a Deus.

Quantas vezes não se terá Deus envergonhado do que os pobres recebiam em seu nome! Milagrosa obra não é “dessas”. Eu nunca afirmei dar coisa alguma em nome de Deus. A única coisa que se pode dar em nome de Deus é aquilo que faz a felicidade dos humildes: não é o que se dá por compromisso ou por prazer, mas o que se dá por amor. Li em algum lugar que o amor não é somente querer bem ao próximo, mas se fazer querer dele. É a isso que aspiro na minha obra. Que ninguém se sinta diminuído pela ajuda que receba. Que cada um volte contente, sem agradecer nada a ninguém. Para tanto, inventei um argumento que me trouxe ótimo resultado: “Se o que dou não é meu, por que agradecem?” Só faço devolver aos pobres o que lhes é devido. Aquilo de que havíamos despojado injustamente. Sou apenas a senda que a justiça escolheu para o cumprimento daquilo que deve ser cumprido inexoravelmente.

Por isso trabalho em público, à vista de todos. Pretendo somente distribuir justiça e esta deve ser ministrada publicamente. Tantas vezes tenho repetido isto nestes cinco últimos anos, que, hoje, ninguém se sente constrangido pelo fato de se aproximar de minha mesa de trabalho. Se bem que nunca espero agradecimento, que é, em definitivo, uma maneira de humilhação, nada há que tanto me emocione como a gratidão dos humildes. Sobretudo porque sabe ser tão sincera. Lembro-me de uma carta que me escreveu certa mulher a quem mandara uma máquina de costura. Dos primeiros trabalhos que fez, mandou-me cinco pesos. Lamento imensamente não ter esta carta à mão para transcrevê-la aqui, na íntegra. Em cada palavra, em cada linha, transparecia a pureza da alma dos humildes! Pois bem, todas as cartas que recebo têm qualquer desta pureza.

Um oligarca objetaria que também os pobres sabem mentir. Não o nego. Mas estou certa de que mentem menos

do que os ricos. E, se no fim das contas, mentem, fazem-no por necessidade. Os ricos, no entanto, mentem por prazer.

Estou me alongando além da conta. Não é atoa que Peron me diz que falo muito. Estas reflexões, todavia, são escritas à medida que brotam do meu coração. Sempre temo deixar no tinteiro qualquer detalhe que melhor auxilie os meus leitores a compreender a missão que me compete na nova Argentina de Peron. Não que tenha necessidade de ser compreendida. Interesso-me, sim, que meus amigos entendam um pouco mais a Peron, ao seu povo, aos seus *descamisados*.

Queira Deus que sirvam para algo. Se assim for, sentire-me-ei feliz.

XXXIII

Uma dívida de carinho

Tudo o que consta nestas páginas é ouvido pelos *descamisados*, cada vez que se aproximam de mim, para pedir algo. Aproximam-se de mim sem qualquer constrangimento e ousaria mesmo dizer que minha presença os reconforta. Sempre quis que fosse assim. Mais ainda, tudo tenho feito para isto. Que se apresentem ante mim na atitude de quem pleiteia justiça, de quem exige um direito. De resto, não é a mim que pedem. Reclamam o que lhes sempre foi negado e o que Peron prometeu: um pouco de felicidade.

Em última análise vêm exigir o cumprimento da palavra empenhada por Peron. É por isso que me sinto ali como uma funcionária a mais, sem outro provento que o carinho dele e do meu povo. Ninguém tem no mundo salário mais alto do que o meu. O que importa é que a palavra de Peron se cumpra. Os que a mim pedem estão, a bem dizer, pedindo a Peron. E solicitar a Peron não pode ser humilhante a ninguém, nem mesmo para os mais altos colocados. Mesmo ainda poderia ser para um *descamisado* que vê nele um pai e um amigo. Isto é absolutamente real

Quando saímos a passeio pela cidade ou quando viajamos pelo interior, gosto de ouvir os cumprimentos do Povo a Peron. São cumprimentos de *descamisados*. Este: “Adeus, meu velho!” Aquele: “Tchau, Peronzinho!” Outro: “Tomara que não morras nunca, Peron!” Ou ainda: “Adeus, Joãozinho!”

Aos ouvidos dos velhos políticos oligarcas, mandachuvas de colarinho engomado e nomes ilustres, soam, esses

epítetos, como ridículos e demagógicos. Eles nunca acomodaram o povo. A população, a “chusma”, produzia-lhes alergia. E quando algum mais afoito ou mais ambicioso, vencendo essa repugnância instintiva, escalava posições, nem isso o povo o tratava como a seu igual. Se não era **doutor**, tratava-o de tal, como querendo demonstrar que não o sentia um dos seus. Com Peron dá-se o contrário: o povo o cumprimenta e o trata como a um irmão, como a um membro da família. Sinto-me feliz por isto, que é carinho puro, sem interesse e sem medida; carinho limpo do povo, a que só se pode corresponder com obras de amor. Por isto, quando dou qualquer coisa, mesmo que se trate de uma ninharia, sinto que estou apenas pagando uma dívida social, uma dívida da Pátria para com seus filhos mais humildes. Sinto que estou remindo uma dívida de amor! Por isto é que tenho dito quer perseverarei na luta até ao preço da vida, se necessário: porque uma dívida de amor como a que eu tenho contraída com o povo só se extingue com a vida.

XXXIV

Fins de jornada

s visitantes estrangeiros, os altos funcionários do Governo e os amigos do movimento peronista me acompanham quase sempre nas minhas audiências de ajuda social. Isto não me desagrade, pelo contrário. No tocante aos estrangeiros, porque são ocasiões oportunas para constatarem as falsidades que correm a meu respeito por este mundo de Deus. Quanto aos funcionários e amigos do movimento, porque julgo salutar tê-los de vez em quando ao meu lado, sentindo comigo o clamor do povo. Estes jamais tornarão a ser oligarcas.

Tenho verificado que tão logo um dos nossos *se convince*, cobra aversão a este contato com as massas, com os *descamisados*. Se não reage depressa é homem perdido. Sei bem que esses amigos, funcionários e visitantes estrangeiros vêm assistir ao meu trabalho menos pelos pobres que atendo do que pela curiosidade de me verem atuar. Percebe-se que muitos me visitam levados por esse prurido de curiosidade, mas mesmo assim agradeço muito mais uma visita em minhas tarde de ajuda social, do que na Residência.

O que acabo de dizer toca sobretudo aos colaboradores mais chegados ao Presidente, pois se alguma coisa há que eu deveras tema, outra não é senão à possibilidade de que os homens assoberbados de serviço se afastem do povo, mesmo contra a própria vontade.

Além do mais, os ministros auxiliam-me muito em minha tarefa. E mais me ajudam quanto mais me visitam e assistem a tudo o que faço. Gosto imensamente, outrossim, de tê-los presentes nestas tardes de ajuda social, a representantes

dos sindicatos e associações classistas que mais tarde terão entrevistas comigo.

Como quase todo o dinheiro de minha obra vem deles, parece-me justo que vejam como e em que o invisto. No fim das contas e em última análise, sou ali uma simples administradora de bens comuns.



As mais das vezes é noite alta quando ponho fim ao meu trabalho desses dias. A essas horas já não há mais conduções subterrâneas, nem trens, nem mesmo algumas linhas de ônibus. Não fossem os carros particulares dos meus visitantes distintos, e as famílias retardatárias, se veriam em sérias dificuldades para voltar para casa.

Engraçado, mas houve ocasiões que não ficou um só veículo disponível e tive de ceder o meu, voltando de taxi para a residência. Não vou pensar que tenha sido sacrifício para mim. Qual! Faço-o mesmo por certo espírito de aventura que levo na alma. Gozo vendo o semblante tamanho que faz o chofer quando me reconhece. Se peronista, considera aquilo uma festa. Se não o é (creio que nunca aconteceu isso), pelo menos não poderá dizer que não trabalhado até altas horas da noite. Vez por outra ceamos na residência. Mais freqüentemente, no lar da empregada. No curso dessas ceias acabo de resolver com meus colaboradores algum problema pendente. Quando se dá o caso de ceiar no lar da empregada, uma das obras da fundação, acompanha-me um grupo de amigos mais numeroso. Estas ceias se convertem em algo assim como uma tertúlia. Uma tertúlia peronista, é claro. O poeta aproveita o ensejo para recitar sua última produção; o

orador rompe numa tirada espetacular. A única condição é não dizer uma palavra que não se refira ao Líder.

Conservo no coração uma lembrança gratíssima dessas palestras noturnas, espontaneamente voltadas a homenagens calorosas e sinceras a Peron, o qual a esta hora já está iniciando uma nova jornada.

Freqüentemente chego à residência quando Peron se apresta a deixá-la, rumo a Casa do Governo. Sempre ralha comigo, condenando estes exageros de minha maneira desordenada de trabalhar. Debalde! Não pode com o meu gênio. Ele é militar, e, portanto, amigo da ordem e da disciplina no trabalho. Eu não poderia proceder assim, mesmo que quisesse, talvez porque atuo na frente da luta e ele no comando supremo. O pior é que muitas vezes, a fim de que o General dormisse tranqüilo, vi-me forçada a prometer largar cedo o trabalho e voltar logo para casa. Mas qual! Já não acredita em promessas. Sabe antecipadamente que, quando tenho Ajuda Social e Sindicatos, não irei jantar com ele e recolher-me-ei à hora em que ele se levanta, ou mesmo mais tarde. Quando o vejo zangado, recorro ao expediente supremo e ponderoso que, assim como para ele seria uma desonra chegar tarde a um compromisso, seria, para mim, um labéu cingir-me pontualmente a um horário qualquer.

Diante do aprumo com que faço estas declarações, o General abandona o campo, convencido de sou *um caso perdido*.



Muitos pensam que essa desordem na forma de trabalhar é simples cabotinismo exibicionista, com fins de propaganda. Folgaria muito se, alguma vez, meus críticos se

dedicassem a esta espécie de propaganda. O mundo estaria melhor ... Não sei se me expliquei direito.

O que ocorre é muito simples: os pedidos são inúmeros e urgentes. Quem sofre não pode esperar. Todos querem verme. Ora, é óbvio que eu não posso dar vencimento de tudo.

Porém, ao menos, os que se vão sem terem se avistado comigo, não poderão dizer que tenha sido má vontade de minha parte, pois me viram trabalhar até o esgotamento. Se assim não agisse, muitos se retirariam descontentes, desconfiando até de minha boa vontade para atendê-los. Mas, desta maneira, vão-se persuadidos de que simplesmente não tive tempo nem forças para satisfazer a todos. Aliás, é isto que eu desejo que seja sabido.

XXXV

Amigos em desgraça

Aspiro que a Secretaria do trabalho seja como uma casa paterna para todos os peronistas de minha pátria. Foi ali que nasceu para os *descamisados*, o nome de Peron. Foi ali que nos apontou o caminho da felicidade e da grandeza. Foi ali, finalmente, que conhecemos a magnífica e extraordinária nobreza de sua alma. É por isto que gosto de ver afluir diariamente a esta casa os homens e mulheres que integram nossos quadros, mesmo quando não palpitem entre os muros a figura magnética do Líder

Recebo-os com invariável carinho, e quando nem sempre me seja dado demorar-me com eles, sabem que me encontrarão ali, a qualquer momento, ou melhor, encontrarão a Peron, pois que nunca desejarei ser nessa velha Secretaria nada mais que a sombra dele, o Líder e Condutor Supremo dos Argentinos.



O movimento peronista, a exemplo de todas as grandes revoluções, não se corporificou e se firmou sem o sacrifício inevitável de alguns dos homens que o levaram avante.

Se não houvesse alguém encarregado de auxiliar aqueles homens tombados à beira da estrada, é certo que iriam engrossar as colunas dos ressentidos e recalcados, o que seria, quando menos, uma sombra, num movimento que pretende abraçar o povo todo num amplexo fraternal de amor e de justiça. Por vezes, são homens que cometeram erros graves;

doutras feitas, iludidos que enveredaram por caminhos demasiado ásperos para suas forças; ora, são débeis que se envaideceram e a tontura os despenhou das alturas; há, finalmente, os que foram eliminados por qualquer outra causa dos postos de vanguarda do movimento e se viram na contingência de recomeçar de baixo. Tal não é de estranhar numa luta como a nossa, pois que Peron vence as etapas da marcha com ímpeto extraordinário ... tão extraordinário que muita gente vai ficando atrás e se torna necessário substituí-la por novas levas.

O próprio ímpeto dessa derrota vertiginosa e implacável não consente que Peron se detenha a auxiliar os caídos e os deslocados. Doutras vezes trata-se de homens que baquearam injustamente, vitimados por pequenos atritos, desses que nunca faltam nos diversos setores de um partido. A todos, recebo-os no meu gabinete. Não são trabalhadores, não são pobres e nada têm a ver com o movimento feminista, mas são peronistas em desgraça e isto me basta.

Tenho sempre na memória um refrão peronista, por sinal, dos mais gratos ao meu espírito, que diz: “para um peronista nada há de melhor do que outro peronista, mormente em desgraça”. Em mais de uma ocasião tenho recebido amigos peronistas que ninguém queria receber, nem os ministros, nem os dirigentes do partido, e que, inclusive, não deveriam ser recebidos por estes. A princípio, tive que suportar críticas acerbas. Lembro-me, por exemplo, do caso de um ministro que, tendo demitido um alto funcionário do seu departamento, me interpelou porque a poucas horas da medida, eu recebera cordialmente o tal funcionário demitido, no meu gabinete. Estes repentinos têm me custado mais de uma dor de cabeça. Mas tenho saído dos apertos o melhor que me tenha sido possível. Certa feita, cheguei ao ponto de explicar a Peron o acontecido: “Trata-se de homens do movimento, que

não podem ser abandonados à beira da estrada. Se, a despeito do fracasso ou do erro que se pune neles, continuam a se sentir peronistas de coração. Estes homens têm mais mérito do que os que nunca sofreram derrota alguma ...” O General aprovou.

Continuo a receber os peronistas caídos, os deslocados do movimento e os amigos em desgraça. Alguma vez tenho adivinhado neles, condições para outra atividade qualquer, os tenho orientado em outra direção e triunfaram. Trouxe à baila esta rara missão, em meio a tais capítulos destinados à ajuda social, porque se bem que esta tarefa de atender os amigos em desgraça não seja propriamente de ajuda social, se aparenta, contudo, com aquela no que ambas têm de senso de justiça e de sede de amor. Os outros, os que nunca levaram um tombo ou não o experimentaram, o travo amargo de um insucesso, esses imaginam o amargor desses momentos. Todos se afastam do vencido. Todos o esquecem. Nisso, os homens deveriam mostrar-se mais bondosos. Todos. Até mesmo nós, peronistas.

Freqüentemente esquecemos daquela verdade peronista que diz: “para um peronista, nada melhor do que outro peronista”. Já a disse uma vez, mas estimo necessário repeti-la outras vezes, até que se grave bem na memória de todos para que a cumpram à risca. Também nisto devemos distinguir-nos da oligarquia. Eles enriqueceram e se fizeram poderosos ao preço da destruição dos demais, à custa da desgraça alheia. Não devemos ser como eles. Por isso devo cuidar dos amigos caídos, a fim de não me sentir com alma de oligarca: egoísta, sórdida, incapaz de nada generoso.

Com esta explicação sei que me interpretarão melhor os que alguma vez compreenderam estes meus palpites repentinos. Ademais, se alguma dívida lhes ficasse ainda, dir-lhes-ia: lembrem-se de que em cada peronista sinto a

desolação daquela semana de outubro de 1945, quando encontrei fechadas todas as portas e todas as almas.

XXXVI

Minha glória maior

Verdade, estas páginas estão sendo produzidas como qualquer dos meus dias de trabalho, onde tudo se entrosa vertiginosamente: audiências sindicais ou de ajuda social, atos oficiais, visitas protocolares, obras em andamento e tantas outras coisas mais, que não há meio de classificar neste ou naquele escaninho. É que um trabalho puxa o outro e quando nos damos conta, já não nos resta outra alternativa senão seguir adiante. Deploro do fundo da minha alma ser a vida tão curta, porque, fosse embora o dobro do que é, nem assim bastaria para os meus propósitos, ou melhor, para tudo o que, de um modo geral, há para se fazer neste breve lapso de existência.

Antes assim! Faço idéia quão maçante seria, para mim, ter tempo de sobra. As entrevistas de ajuda social, por exemplo, forçaram-me a abrir outros caminhos para minha atividade diária. Mal me dediquei a atender os pobres, compreendi que não se tratava simplesmente de atendê-los, mas sim de satisfazê-los. Eles pedem, e pedem porque nós lhes dissemos que têm direito de exigir aquilo do que se viram privados durante um século de exploração infame. Somos, portanto, obrigados a lhes dar o que é justo que pedem.

Para isto tive que organizar minha ajuda social. Para sorti-los de roupas, de utensílios, de camas, de colchas, de máquinas de costura, de materiais para construção, tive que organizar depósitos e entrepostos gigantescos, que são, hoje, o meu maior orgulho. Para provê-los de habitação tive de construir moradias e, para construí-las, foi preciso organizar turmas de técnicos, de pedreiros e despachá-los a trabalhar em

todo o país. Para atender à necessidade premente de abrigo de que os pobres tão amiúde padecem por causas estranhas e imprevistas, e enquanto não se chegasse a uma solução definitiva, tive que construir *lares de trânsito*, onde se dá aos necessitados alojamento temporário. Para agasalhar a velhice desamparada, tive de construir lares para anciãos. O pedidos de brinquedos que diariamente me chegavam, formulados por crianças pobres, eram outro problema a reclamar solução. Ocorreu-me pensar que acaso fosse melhor aviá-los todos num mesmo dia, e assim a Fundação, para a Festa dos Reis Magos, atenderia a meninada de todo o país, consoante o refrão de Peron de que *os meninos são os únicos privilegiados*.

O mesmo se dá com a sidra e o bolo que, pelo Natal, chega a todos os lares humildes da Pátria, antes de mais nada, como um símbolo do amor que Peron devota ao seu povo. Para a acomodação de órfãos e enjeitados, fez-se mister erguer lares-escola e espalhá-los pelo país afora, uma vez que a miséria se assenhoreava de maneira especial das crianças. Assim, aos poucos, foi nascendo tudo quanto hoje é uma fagueira realidade, e assim, se corporizam as iniciativas, pela força das circunstâncias. Tudo se originou daquele palpite que tive em 1946, quando me atirei às ruas, oferecendo ao povo meu coração de *Evita*, sem me arrepender.

Por vezes, o trabalho é estafante, mas semeado sempre de afagos e de satisfações. Vez por outra, como decorrência de minha febre insopitável de construir, de fazer tudo *a grande* (que me contagiou Peron), os programas se complicam e surgem inconvenientes. Devo confessar, todavia, a bem da verdade, que esses percalços preocupam menos a mim do que a meus colaboradores. Já tanto me habituei a ver problemas aparentemente insolúveis arrumarem-se direitinho no final, que, para falar a verdade, nenhum hoje me preocupa

com demasia. Deus é mais dos pobres do que do ricos. Acresce ainda que, tal como Peron costuma dizer, “temos de ajudá-Lo para que Ele nos ajude” e acredito que, na Fundação, O ajudamos bastante.

As canseiras das obras compensam-se generosamente com a alegria de inaugurá-las, de vê-las servindo bem aos humildes, povoadas de crianças, de velhos, de *descamisados*, todos um pouco mais felizes do que dantes. Nunca gozo tanto dos frutos do meu trabalho como quando o General visita minhas obras. Com muita freqüência vamos juntos à Cidade Infantil, aos lares de trânsito, aos lares para anciãos e para menores, ao Lar da Empregada, aos bairros coletivos. Para mim é reconfortante observar a expressão do rosto de Peron no curso dessas visitas. Tenho certeza de que são, para ele, como paradas refrescantes, no duro itinerário da labuta diária. Meu melhor prêmio é sua palavra de alento e de agradecimento: “O Governo nunca poderia fazer nada parecido! O Estado carece ainda de alma, falta-lhe a mística necessária”.

Ainda que muitos pensem que, a poder de ouvi-los, deva por força estar habituada aos gabos do meu marido, o certo é que nenhuma condecoração, nenhuma recompensa tem, para mim, o valor dos seus elogios. Peron assiste a todas as minhas obras como convidado de honra. Abrindo-os, faço uso da palavra, oferecendo a obra. Em seguida, os trabalhadores que a ergueram com amor e por vezes com verdadeiro sacrifício, a oferecem ao General. Nos finais das festas Peron agradece. Muitas vezes, em seguida às minhas palavras finais, premia-me com um beijo na testa. Ninguém imagina o que significa para o meu espírito esta prova de gratidão. Não há, decerto, maior glória, nem mais pura, do que a que experimento nesses dias de júbilo para o meu coração.

XXXVII

Nossas obras

Posso continuar, ainda por alguns minutos, a falar de nossas obras? Somente agora percebo que algumas vezes tenho empregado, para identificá-las, o adjetivo possessivo *minhas* e doutras, como agora, *nossas*. Não quero corrigir, entretanto, nenhuma das duas formas. Estas obras são, com efeito, de certo modo, *minhas* e, de certo modo, *nossas*. São minhas porque ponho nelas todo o meu coração. Os engenheiros e arquitetos da Fundação projetam com base nos meus planos. Mas, depois, sou eu quem dispõe tudo o que eles não viram.

A princípio, sobretudo, custava-me persuadi-los de que os Lares da Fundação não eram Asilos, que os hospitais não eram ante-salas da morte, mas da vida, que as vivendas eram menos lugares para recolher à noite do que para se viver com alegria. Não eram eles, certamente, os culpados de não me compreenderem, ao primeiro relance. Por longos anos a alma mesquinha dos abastados, no intuito de abafar a voz da consciência, atirara aos pobres a migalha da esmola. Esmola não eram somente os níqueis miseráveis e frios que os abastados esgueiravam às mãos macilentas dos pobres. Esmola foram também os asilos escassos que erigiam com os sobejos de heranças opulentas. Tudo, na *obra social* do século que se foi, mostrava o cunho comum da frieza, da sordidez, da mesquinharia e do egoísmo.

Cada asilo da oligarquia é um atestado gritante da alma ruim de uma raça que se finará, felizmente, com o século, vitimada pelo seu próprio orgulho e pelo seu próprio egoísmo. As crianças que *eles* quiseram *salvar*, não

esquecerão jamais os seus algozes. Foram eles que as fizeram *comunistas*, metendo-as numa farda cinzenta, alimentando-as com um só prato, desenhado e escasso, fechando-lhes as portas da felicidade humana, da simples felicidade humana, representada por um lar, ou, simples imitação de lar, ao menos. Foram eles que engendraram o comunismo, no dia em que englobaram todos os pobres do mundo sob o rótulo comum de *chusma*. Somente agora, que é tarde dão-se conta do erro. Com sangue ou sem ele, uma coisa, entretanto, é absolutamente certa: a raça dos oligarcas exploradores se extinguirá com o século. E, com ela, todas as falsas concepções oriundas no âmbito acanhado de suas almas mesquinhas. Se é que alguma vez tiveram alma!

Coube-me a honra de destruir, com a minha obra, alguns desses falsos conceitos. Eis porque são meus lares generosamente ricos. Mais ainda, quero exceder-lhes neste ponto. Quero que sejam faustosos, precisamente porque em um século de lares excessivamente faustosos poderá ser apagada a lembrança desse outro século de asilos miseráveis.

Sim, excessivamente luxuosos. Pouco importa que algumas visitas de compromisso arrisquem, com voz desolada: — Mas para que tanto luxo? Ou ainda: “A senhora não teme que esses *descamisados*, ao saírem daqui, se convertam em *inadaptados sociais*? Não, não temo isso. Ao contrário, é meu desejo que se habituem e vivam como ricos, que se sintam dignos de viver cercados da maior riqueza. Afinal, todos têm o direito de enriquecer neste solo argentino ou em qualquer outra terra do mudo. No mundo, há riqueza de sobra para que todos sejam ricos. Quando a justiça for feita não ficarão mais pobres, pelo menos aqueles que não queiram ser. Por isto sou justicialista. Por isto não temo que as crianças dos meus lares se afeiçoem a viver como ricos, desde

que conservem a alma tal como a tinham ao entrar: humilde, limpa, simples e alegre.

São minhas obras, no que têm de amargas revoltas contra a injustiça de um século. Daí o motivo de me qualificarem de *ressentida social*. E nisto dou razão aos meus acérrimos críticos. Sou, de fato, uma ressentida social. Somente diferente do tipo que eles pensam. Para eles só se chega ao ressentimento social pelo caminho do ódio. Eu cheguei pelo caminho do amor. E, em hipótese alguma, isto é jogo de palavras. Choco-me contra qualquer privilégio do poder e do dinheiro. Em outras palavras: contra toda a oligarquia e não porque esta me tenha jamais destrutada. Ao contrário. Até chegar ao plano que agora ocupo no movimento peronista, só lhe era devedora de gentilezas. Inclusive um grupo de damas da mais alta roda me convidou, certa feita, para fazer parte do seu círculo.

Meu *ressentimento social* não se origina do ódio, mas do amor, do amor ao povo, cuja dor abriu para sempre as portas do meu coração. Em tudo o mais, as obras da Fundação são *nossas*. E, chamando-as assim entendo melhor refletir a verdade, do que intitulado-as *minhas*. Toda a inspiração, todo o alento, vieram-me dele, de Peron. Porque o povo trabalhador de minha Pátria, me auxilia com o seu apoio moral e a sua contribuição material no soerguimento de tudo o que a Fundação constrói. E, por fim, porque todos os argentinos têm o direito de gozar dos seus benefícios.

Minha maior ambição seria passar os últimos anos de minha vida em algum dos meus *Lares para Anciãos*. Cada vez que os visito penso que neles me sentiria cômoda e feliz. Muitas vezes tenho ouvido o General dizer a mesma coisa. É o melhor elogio de minhas obras.

XXXVIII

Natal

Hoje é dia de Natal de 1950. Na noite de ontem, em cinco milhões de lares argentinos brindou-se com a sidra e serviu-se à mesa o bolo de Peron e Evita. Também isto constitui alvo de violentas críticas por parte de nosso adversários. Acusam-nos de atirar migalhas à mesa dos pobres e de lhes comprar, por este meio, a boa vontade. Não tomamos conhecimento dessas críticas e perseveramos na prática de todos os anos. Latem? Melhor! Sinal de que cavalgamos. Mas não são migalhas. Se fossem, ao invés de uma garrafa de sidra, enviaríamos uma dúzia de garrafas de champanha; em lugar de bolo, uma cesta de presentes. Não percebem esses mediocres que a sidra e o bolo são apenas um símbolo de nossa união com o povo. São o nosso coração, de Peron e o meu, abrangendo, no Natal, todos os corações *descamisados* da Pátria, num abraço imenso, fraterno e carinhoso.

De algum modo, queremos estar presentes à mesa familiar dos argentinos. Escolhemos esta, porque nos pareceu a mais cordial e digna. Um presente, por valioso que fosse, poderia ofender. Mas uma pequena lembrança dessas, quanto mais simples, mais expressiva. Este e nenhum outro, é o significado da nossa sidra e do nosso bolo em cada lar argentino.



Ontem, próximo da meia-noite, como venho fazendo todos os anos, falei aos *descamisados* pelo rádio. Disse-lhes que, para mim, a noite de Natal lhes pertencia com direito exclusivo. A noite de Natal é dos pobres, dos humildes, dos *descamisados*, desde que Cristo, desprezado pelos ricos, que lhes fecharam as portas, foi nascer num estábulo. Então, os anjos não conclamaram os pastores, os homens mais humildes e pobres de Belém, para incumbi-los da difusão da boa nova que vinha alegrar o mundo? Unicamente os pastores e os humildes conheceram a mensagem de paz “para os homens de boa vontade”. Que tem de estranho, pois, que Peron se bata pela felicidade dos *descamisados*? Os outros têm a felicidade própria que construíram para si.



O tema e a data me estimulam a prosseguir falando de Deus e dos pobres. Muitas vezes, quando me detenho a pensar no meu destino, na missão que devo cumprir, na luta que esta missão exige, sinto-me débil. É tão grande a luta e tão minguadas as minhas forças! Nestes momentos, creio que sinto a necessidade de Deus, embora não costume invocá-lo a todo o momento. Alguém já me recomendou ser mais cristã e invocar com mais freqüência o nome divino nos meus discursos e na minha atividade pública.

Quero consignar aqui, nestas impressões, a resposta que dei nessa oportunidade, porque prometi a mim mesma ser sincera em tudo, até nisto. Ei-la: “É verdade. Não invoco o nome de Deus com freqüência. Mas sabe por quê? Porque não quero complicar Deus nesta barafunda de minhas coisas”. Além disto, quase nunca incomodo a Deus pedindo-lhe que não me esqueça, e, sobretudo, nunca peço nada para mim.

Mas quero a Jesus-Cristo mais do que se possa imaginar: quero-O para os meus *descamisados*. Ele próprio não disse que estaria entre os pobres, os enfermos, os famintos e os sedentos? Não creio que Deus necessita que o tenhamos sempre à flor dos lábios. Peron ensinou-me que vale mais levá-lo no coração. Sou cristã, pratico a religião como posso e creio firmemente que o amor é o primeiro mandamento.

São de Nosso Senhor Jesus-Cristo estas palavras: “Ninguém ama mais intensamente do que aquele que dá a vida pelos seus amigos”. Se alguma vez O importunei com algum pedido, foi para isto: para que me ajudasse a dar a vida pelos meus *descamisados*.

XXXIX

Minhas obras e a política

 uando idealizei a minha obra de ajuda social, nem de longe ocorreu que me veria forçada, com o tempo, a realizar tudo o que mais logo tive que realizar. Obrigou-me a isso, a necessidade dos pobres. Aliás, é nisto que minha obra se diferencia da realizada pelas decadentes sociedades das *damas de beneficência*. Elas construíram por necessidade, sim, mas necessidade própria. Fizeram-no para se reconciliarem com a própria consciência, para minorar os ecos abafados de um cristianismo desbotado que, de longe em longe, fazia-nos lembrar que a porta do céu é demasiada estreita para dar passagem a todos os ricos da terra. Tão estreito como o orifício de uma agulha.

As obras da Fundação originaram-se da necessidade dos *descamisados* de minha Pátria. As obras de assistência social, que aquelas damas construíram na Argentina, haviam sido concebidas por gente que jamais tivera a menor idéia do que fosse a necessidade do povo.

Na Nova Argentina, nossas obras nascem do conhecimento cada vez mais profundo dessas necessidades. Além disso, o dinheiro é o povo quem dá. Não são obras do bolso de ninguém. Muitas vezes é dinheiro que nos vem às mãos pelo sacrificio de muitos homens de trabalho. O outro era, talvez, roubado, pois que dinheiro que sobra no bolso é sempre, de certo modo, dinheiro de outrem. O de minhas obras é sagrado, porque é dos próprios *descamisados*, que me entregam para que o distribua o mais equitativamente possível. Por isso disse Peron ser este **um milagre único no**

mundo. Para mim, penso que estes milagres só são possíveis quando se conta com um povo da generosidade do argentino.

As obras da Fundação estão aí, esparsas por todo o país. Um lar-escola para crianças, de pouco serviria, se a obra não se completasse com outros lares similares, erigidos nos recantos mais afastados da grande Pátria. O mesmo pode ser dito dos lares para anciãos e dos hospitais.

Tampouco poderia a obra social visar fins políticos. Não nego que minhas obras auxiliem indiretamente a consolidação do enorme prestígio político do General, mas também não é menos certo que jamais condicionei o amor ao interesse e, muito menos, em se tratando do amor ao meu povo. Tenho provas do que afirmo. Muitas de minhas obras assentam-se em parcelas praticamente ermas do território nacional, onde não há votos para se conquistar. Que interesse político poderia haver em construir um Lar na Terra do Fogo? Mas, afinal, Peron não precisa de votos. O único fim a que posso agora aspirar é a que os votos dados a Peron tenham mais uma razão a justificá-los: a do agradecimento. É claro que se estiver em minhas mãos conseguir este objetivo, não pouparei esforços para o atingir.

XL

A lição européia

 Quando planejei minha viagem à Europa, impelia-me um propósito: ver tudo o quanto fora realizado em matéria de obras sociais. Àquela época começara timidamente a construir minhas primeiras obras. Queria haurir ensinamentos das velhas nações da Terra. Sempre que se me deparou ocasião, visitei os empreendimentos sociais que me foi possível. Quando a ocasião se me apresentava espontaneamente, eu a procurava pública ou disfarçadamente. Três anos envolvidos naquela viagem, cuja crônica deixarei para outra oportunidade melhor. Posso afirmar que, salvo exceções, conheci naquelas visitas, tudo o que em nossa terra *não deveria ser*, em matéria de ajuda social. Os povos e governos que visitei me perdoarão por este rasgo de franqueza, rude, mas honrado.

De outro lado não são eles, o povo ou *governo*, os culpados. O século que antecederia a Peron, na Argentina, fora o mesmo que a eles precedera. A única vantagem a nosso favor deriva, e um lado, do fato de não termos arcado com o horror de duas guerras tremendas, e, do outro, de haver-nos sido dado o privilégio de deparar com um líder do quilate de Peron. Aqui estamos em pleno dia. Lá, começa a dissipar-se a noite.

As obras sociais, na Europa, são, na imensa maioria, frias e pobres. Muitas foram construídas pelos critérios dos ricos e o rico, quando se lembra do pobre, é sempre mesquinho. Outras foram erguidas pelo critério estatal; e é conhecido que o Estado constrói sempre de forma

burocrática, querendo dizer, com frialdade, em que não se percebe o menor vestígio de amor.

Regressada da Europa, vinha convicta de que o cristianismo passara por ela, sim, deixando ao longo do caminho, longas e belas recordações, porém, apenas isso: recordações. No navio que me trouxe, pensei muitas vezes nos ideais de Peron, especialmente naquele princípio inicial, que reza: nossa doutrina é profundamente cristã e humanista. Em alto mar escrevi ao General Peron algumas reflexões, de que tomo a liberdade de extrair estes trechos:

“Nossa doutrina tem de ser cristã e humanista, mas de uma maneira inédita; de uma maneira que acredito o mundo não tenha conhecido ainda. O cristianismo de que nosso movimento estará penetrado e que eu almejo realizar, não é o que vi nos países da Europa.

Eu te auxiliarei com minhas obras. Desde que já reclamo tua ajuda”.

Mais adiante dizia: “Tudo na Europa refere-se à História. Na Argentina vemos pelo prisma do futuro, como se tudo estivesse por vir. Os europeus não olham para a frente; voltam os olhos para trás. Enquanto eles me diziam, por exemplo: «Veja esta catedral do século X», meus pensamentos se voltavam para os lares-escolas que projeto implantar, assim que chegar a Buenos Aires. Enquanto eles me mostravam um velho livro de História, eu refletia comigo como nós, argentinos, estamos no princípio de outro livro, que se inicia em nossa Pátria, encabeçado com o teu nome”.

Hoje, passados três anos daquelas cartas, pasma-me ver realizado tudo o que sonhei. É sobretudo nas obras realizadas que me persuado do quão claramente aproveitei a lição que a Europa me ministrou. Em cada uma delas procurei tornar patente para os que me sucederem, ser verdade luminosa o cristianismo humanista da doutrina de Peron. Eis porque cada

lar, quer seja de *trânsito*, para crianças ou anciãos, foi concebido com se destinado à mais rica e exigente das criaturas. Talvez transpareça aqui aquela minha ingênua idéia da infância, quando todo o mundo se afigurava rico. É desumano agregar à dor dos que sofrem uma dor a mais, por pequena que seja. Por isso são alegres meus hospitais, decorados com arte, sem leitos brancos, com largas janelas envidraçadas, guarnecidos com cortinados que se pareçam a lares. Quero que nenhum doente experimente a impressão de estar num hospital. Em todas as obras realizadas pela Fundação, reservo sempre um cantinho para mim. Quem poderá afirmar que no fim dos meus dias não me verei compelida a procurar abrigo num lar para anciãos, num lar de trânsito, ou num hospital?

Desde que o lugar reservado para mim me satisfaça, fico contente: é esse o sinal mais inequívoco de que a obra poderá ser utilizada sem temor que alguém se venha a sentir humilhado ou lesado em sua dignidade.

Ao escrever estas linhas, indaguei do General: Será que cumpri com a promessa empenhada do meu regresso da Europa, quando ofereci ajudar-te na realização da tua obra social realmente cristã, como tua doutrina preconiza? Sua resposta foi generosa: “Sem teu auxílio nada teria sido feito. Tu nos ensinaste a construir com amor”. Estas palavras já não são, para mim, um galardão, mas a própria glória.

XLI

A extensão de minhas obras

Não poderia, talvez, mesmo que quisesse, descrever como seja a linha das minhas obras, sua feição exterior, a disposição de sua arquitetura, o funcionamento de suas seções, ou a ordem por que se pauta o trabalho. Mas posso, sim, descrever alguns detalhes que revelam cabalmente o *espírito* que lhes quis inculcar. Detalhes aparentemente sem importância e que só se revelam em toda a sua verdadeira expressão, àqueles que, alguma vez, pulsaram o problema dos pobres. Nos meus *lares* nenhum *descamisado* deverá sentir-se pobre.

Por isso bani os uniformes aviltantes. Tudo, ali, deverá ser familiar, amável e doméstico: os pátios, os refeitórios e os dormitórios. Da mesma forma suprimi as mesas coletivas, os muros frios e desnudos, como, de igual maneira, a baixela de mendigos. Tudo afeta, ali, a mesma feição exterior, a mesma cor que teria uma casa de família remediada. As mesas do refeitório são guarnecidas com toalhas alegres, finas e adornadas de flores, que nunca faltam à mesa de um lar dirigido por qualquer mãe ou esposa devotada. Também as paredes têm este cunho familiar e alegre: pinturas agradáveis e evocadoras como também quadros luminosos.

A baixela é digna. Daí dizerem-me os *descamisados* sempre que os visto: “Evita, sinto-me, aqui, melhor do que em minha própria casa”. As crianças hospedadas nos lares não trajam uniformes. Cada uma usa a roupa da cor que mais lhe agrada, desde que se restrinja a escolher do bom e do melhor. Não vá a acontecer que, habituados à pobreza, se resolvam para o pior. É bem verdade que isto raramente acontece: o

bom gosto é o último que se perde na pobreza. Cuidei que a meninada recolhida aos meus lares não se isole do resto do mundo. Os meus meninos frequentam escolas oficiais, como os outros, de sorte que, misturados com os colegas, que têm pais e lar, se confundem com eles, sem qualquer distinção. A menos que se distingam pelo apuro da vestimenta e a boa alimentação.

Nos lares escola os garotos gozam da maior liberdade possível e mais ainda os anciãos, nos lares respectivos. É-lhes permitido ter algum dinheiro, que lhes damos quando não o tem, a fim de que se sintam livres. Cultivamos as inclinações naturais de cada um, nomeadamente no que respeita à arte e ao trabalho. Enfim, tudo lembra ali menos uma escola do que um lar comum. Os dormitórios são tão espaçosos quanto possível, de maneira a não se sentirem os internos como numa caserna. E, por toda a parte, em qualquer dependência da casa, cortinados alegres e agradáveis, como um aliciente convite à felicidade. Ponho de parte muitos outros detalhes, cuja enumeração seria enfadonha, se não impossível. O melhor será de quem possa vir, que venha e veja. Deixamos tudo livre ao olhar dos amigos e mesmo dos que não nos compreendem. É melhor que vejam com seus próprios olhos. Mas não abrigo ilusões. Sei que mesmo assim haverá quem não entenda. Mas os que vierem com o olhar limpo, expurgados de preconceitos pessoais, ir-se-ão daqui convencidos de que a obra social que realizamos é pura, bem intencionada e que acena com um novo rumo à generosidade dos homens. É claro que toda a minha obra não foi realizada pelo padrão dos homens comuns, cuja mediocridade é como uma teia de aranha a tolher-lhes a visão. É preciso não esquecer que tenho tratado, com todas as minhas forças, de sentir e de pensar como sente e pensa Peron. Sua alma é por demais grande para ser compreendida pelos mediocres.

Minha obra resulta da grandeza maravilhosa de sua alma e isto não poderá ser compreendido senão com larga generosidade, escoimada de egoísmos medíocres. No mais, é preciso ter sempre presente que minhas obras foram construídas pela medida de amor a Peron e seu povo, que é um amor sem medida.

XLII

Uma semana de amargura

 papel de Evita é, por vezes, amargo. Esta semana que passou, por exemplo, deixou-me um travo de azedo na boca. Estourou uma greve e teve que ser declarada ilegal, porque injusta. Eu sei que foram os maus dirigentes, os velhos dirigentes do anarco-sindicalismo, do socialismo, do conluio com comunistas infiltrados, que prestigiaram essa greve. Sei também que a parte mor da classe e que o povo em massa repudiaram esse proceder tão ingrato, de gente indigna de viver nesta Nova Argentina de Peron. Sei de tudo isso e, no entanto, vivi toda a semana agoniada.

Somente me senti consolada quando me abalei a percorrer lugares de trabalho onde palestrei demoradamente com os grevistas. Fiz-me acompanhar de dois trabalhadores filiados à Confederação Geral do Trabalho. Saí deliberadamente desacompanhada de guardas ou de escolta, a que, aliás, nunca recorro e muito menos nessa ocasião, em que ia indagar o que estava acontecendo com os grevistas. Ia, pois, em tom de amizade, e, como amiga, não podia me apresentar ante eles com medo, nem sequer com precaução. Além do mais, creio que o medo perdi-o definitivamente. Em cada ponto em que me detive, palestrei com os trabalhadores. Eles nunca sonharam em me ver de repente no meio deles e muito menos ainda a altas horas da noite, pois que meu giro se estendeu da meia-noite às quatro e meia da madrugada.

Pude constatar *in loco* que a parede era injusta e improcedente, tanto mais que os próprios interessados estavam na ignorância das razões do movimento. Habilitei-me, assim, a informar ao Presidente da verdade, com a maior

lisura, da verdade recolhida na rua, o que, para um governante que se preze de democrático, isto é, que governe com o povo e para o povo, é de superior importância. Grande foi minha emoção ao deparar-me em cada local de trabalho com homens leais e abnegados, dispostos a tudo, antes de atraiçoar o Líder único e indiscutido. Mas esta emoção não conseguiu dissipar de todo a amargura que se fizera presa em mim. É que não posso imaginar que haja ainda, na Argentina, um só trabalhador que não tenha compreendido quem é Peron e tudo o que tem feito pelos trabalhadores. Conquanto poucos os grevistas, o fato dói-me na alma com se tivessem sido todos. Foi por isso que me lancei à rua anteontem. Precisava saber se os trabalhadores tinham um idéia cabal do que estavam fazendo. Quando constatei que não sabiam, tampouco isso me alegrou. Pensei no quanto fica ainda por fazer até que a massa trabalhadora argentina adquira plena consciência da responsabilidade da missão histórica que lhe compete, reunida no dever de ensinar ao mundo a viver feliz à sombra do justicialismo de Peron. Este capítulo não é uma censura. Estivesse este livro voltado para fins propagandistas e certamente não teria inserido nele estas páginas tristes.

Mas nós, afirma Peron, venceremos com a verdade. Não afirmaremos nunca que vivemos sem problemas e preocupações. Isso seria mentira torpe, a que ninguém daria crédito. Sim, temos problemas. Temos preocupações. Também sofremos amarguras, como todo o mundo. No entanto, surgimos cada vez mais unidos, cada vez mais felizes, diante da constatação de que o povo nos acompanha com lealdade e carinho crescentes. Pelo contrário, cada problema que Peron contorna com energia, mas sem violência, e, sempre consultando de alguma maneira os interesses supremos do povo, mais nos aproxima de todos os argentinos.

Um dia virá em que os inimigos do justicialismo se convencerão da inutilidade de suas investidas contra a verdade. A verdade se impõe sempre, mormente se que quem a defende tem a amplitude de vistas e o coração nobre de um homem do quilate extraordinário de Peron.

É provável que este capítulo destoe, na metade destes apontamentos, destinados a explicar minha missão.

Os que querem conhecer, na integralidade, o quadro de minha vida, será bom que não atentem somente para as luzes. Não menos útil será que conheçam também as sombras. Que a minha missão neste mundo desvairado pela guerra, pelo ódio, pela angústia e pelo desespero, seja conquanto missão de amor e de justiça, ou talvez, por isto mesmo, não podiam faltar também horas amargas.

XLIII

Uma gota de amor

Sei bem que o meu trabalho de ajuda social não constitui solução definitiva para qualquer problema. A solução virá somente do reinado da justiça social. Quando cada um tiver o que de direito lhe corresponde, a ajuda social não mais terá razão de existir. Minha maior aspiração é que algum dia ninguém mais precise de mim. Sentir-me-ia imensamente feliz se os pedidos de auxílio que me chegam se sustentassem para sempre. Por isto é que eles revelam a subsistência da injustiça em minha Pátria, decorrência do esbulho de um século de infâmias.

Procuró nunca esquecer o que um dia Peron me disse: “A justiça social não se consumará tão breve. Talvez leve muitos anos”. Sim, sei que ainda há muita safra de dor a que não pude dar remédio. São inúmeros os apelos e bem me capacito de que não poderei acorrer a todos. Aos milhares de cartas dos *descamisados* de minha Pátria, juntam-se agora todos os dias milhares e milhares de pedidos de *descamisados* do mundo inteiro. Seria impossível dar vencimento a tudo, por mais que se disponha de dinheiro, por mais perfeita que seja a organização montada. Consolo-me demonstrando a cada um a minha boa vontade. Reconheço que minha obra é uma gota de água no mar. Ou melhor, uma gota de amor a cair num oceano imenso de lama, que tal é este mundo poluído de ódios e lutas inglórias. Mas, afinal, é uma gota de amor. E o mundo está sequioso de uma palavra de justiça. Um dia há de abraçar o justicialismo de Peron e será feliz. Entrementes, conformo-me em ser simplesmente isto: uma gota de amor.

Às vezes, atrapalho-me um pouco, ora digo que minha obra de justiça social é essencialmente de justiça, ora sinto que, a rigor, é uma obra de amor. Em ambos os casos, tenho razão. Sim, porque a justiça nunca conseguiria dar mais do que pertence aos *descamisados*. Estou pagando o que lhes foi tirado em um século de traição e privilégios oligárquicos.

E é também de amor porque vai nela meu coração, meu pobre coração de mulher humilde que tudo faz por amor. Por amor a Peron. Por amor aos *descamisados* do seu povo, e, porque não dizê-lo, de todos os *descamisados* do mundo.

XLIV

Como me pagam o povo e Peron

Trato de expurgar minha obra de sentimentalismos piegas e torpes. Nunca esqueço que meu labor é de estrita justiça. Vou para o meu trabalho, todos os dias, como quem vai a um emprego porque recebe um salário. Eu não tenho nenhum. Não sou funcionária do governo sob nenhum aspecto. Sou absolutamente livre. Por outro lado eu assim o quis. Já, por várias vezes, insinuou o General Peron incorporar-me ao governo, como colaboradora oficial. Outras tantas recusei. Quero continuar livre. Poderei assim melhor servir a ele, ao povo e a mim mesma. Fosse eu servidora do Estado e deixaria automaticamente de ser *povo*. E, nessa hipótese, não poderia fazer o que faço nem ser o que sou. Ademais, sempre fui desorganizada em minha maneira de atuar; gosto da desordem como de meu meio normal de vida. Acredito mesmo ter nascido para a Revolução. Sempre vivi em liberdade. Como aos pássaros, agradou-me sempre o ar livre do bosque. Nunca pude aturar certas formas de escravidão, como a vida na casa paterna ou no povoado natal. Cedo afastei-me do lar paterno e do lugar do meu nascimento. Desde então vivi livre. Quis viver por minha conta e o tenho feito.

Jamais poderia ser funcionária do Estado, sujeitar-me a um sistema determinado, jungir-me à grande máquina do Estado e cumprir, ali, todos os dias, a mesma função. Quero continuar a ser o pássaro solto no bosque imenso. Gosto da liberdade da mesma maneira que o povo e nisto, como em tudo o mais, me reconheço **povo**. Mas, embora não sendo funcionária do governo, nem recebendo qualquer estipêndio,

assino meu ponto como se o fosse, como se me pagassem para isto. Na verdade, não em moedas, mas em coisas que valem muito mais que isso, recebo meu pagamento. E que salário! Paga-me o povo com carinho.

Não me cansarei de repetir que o meu trabalho é, em última análise, o resgate de uma dívida. Nunca esquecerei aquele 17 de maio de 1945! Naquele dia recebi o pagamento antecipado de tudo isto que estou fazendo agora.

Ontem, entre os meus *descamisados*, uma mulher chorava, agradecendo o que quer que fosse. Disse-me ela, entre soluços, ter estado na Praça de Maio no dia 17 de outubro de 1945. Aquela mulher nunca poderá saber os desejos que senti de fazer com ela o que ela fizera comigo: cair de joelhos e lhe agradecer, com os olhos em lágrimas, e cobrindo-lhe as mãos de beijos, sua presença no infausto dia. Ora se me pagam! Paga-me Peron com o seu carinho e a sua confiança.

Não ignoro que, de vez em quando, causo-lhe aborrecimentos com o meu trabalho. Porque teme que adoeça; porque permaneço pouco ao seu lado; porque, convicta de estar sendo útil, faço uma trapalhada dos diabos. Mas ele me perdoa sempre. Ele soube conciliar, em mim, a escravidão e a liberdade. Como mulher, pertencço-lhe totalmente, até ao ponto de ser, de certo modo *escrava*, embora nunca me tenha sentido tão livre como agora. Não seria capaz de dar um passo sem sua aquiescência e, no entanto, sinto-me tão livre como sempre desejei. Não atino com uma explicação plausível para este raro mistério, mas talvez tenha muito a ver com ele e com a grandeza extraordinária da alma de meu marido.

Li, um dia, a cerca de Napoleão, num livro de Leon Bloy, que o autor não concebia o paraíso sem o Imperador. Gostei da frase e incluí no meu discurso, afirmando que eu

tampouco podia conceber o céu sem Peron. Não faltou quem qualificasse a afirmação de herética. No entanto, mais a recordo, mais me parece lógica. Eu sei que Deus enche o céu por si mesmo. Mas Deus, que não pode conceber o céu sem sua mãe, a quem estremecia, perdoará certamente que meu coração não o conceba sem Peron.

XLV

Minha gratidão

Muitos detalhes e mesmo muitos aspectos importantes dos meus trabalhos de ajuda social não poderão jamais ser esquecidos através destas despretenciosas linhas. Quisera falar de tudo nestas páginas. Mas, se o fizesse, deixariam de ser o que quero que sejam: uma simples explicação do que, para muitos, parece inexplicável, para se converter numa explicação pormenorizada de coisas somente apreensíveis por via da contemplação visual direta.

Quis, por isso, convidar, aqui, os incrédulos a verem com seus olhos o que temos feito na Fundação, pondo em cada esforço, grande ou pequeno, todo o amor, toda a justiça de que somos capazes.

É óbvio que este convite visa apenas aos céticos de boa vontade, aos incrédulos que queiram crer. Aos outros seria inútil pretender mostrar coisa alguma: esses pertencem a uma raça antiquíssima da humanidade: a dos que, nem vendo, acreditaram. Para esses não tenho *margaridas*.

Este capítulo de meus apontamentos, alinhavados como diariamente alinhavo meu trabalho, desordenadamente, porém com profundo carinho, não poderia silenciar uma palavra de gratidão. Quando cogito do muito que tenho a agradecer, certifico-me de que nada sou, praticamente, fora de minha obra. A tarefa começou porque o General ma inspirou e porque os *descamisados* a exigiram. Os fundos, de uma ou de outra maneira, vem do povo.

Para erguer as construções, trabalham para mim, milhares e milhares de operários, rendendo de si tudo o que podem e dando-lhes acabamento em tempo brevíssimo, sob a

direção de centenas de técnicos, que aceitam a ordem de descansar como uma obrigação, que eles, de si, dispensariam. Por toda a parte vejo corações abertos, prontos para colaborar comigo sem restrições. As mulheres que comigo trabalham, assistentes sociais, visitadoras, enfermeiras, não sabem de fadigas ou de sacrifícios. Algumas, como no caso da missão de auxílio ao Equador, quando do terremoto que abalou aquele país irmão, tombaram no cumprimento do dever.

Os trabalhadores de minha Pátria sabem que a Fundação é pecúlio que a eles pertence. As contribuições, dadas muitas vezes com sacrifício, nunca poderiam ser pagas com as obras que realizo. Tenho cuidado dessas contribuições pecuniárias, mais do que da minha própria vida e prometido que manejaria esses fundos numa torre de cristal, a fim de que jamais se empane da mais leve sombra de dúvida este dinheiro limpo — o único dinheiro limpo que conheço — o que vem das mãos honradas dos trabalhadores. Devo agradecer a tudo isto. E devo agradecer ainda aos que pedem e recebem a minha ajuda, pelos incômodos por que passam para me ver ou escrever. Nada do que lhes dou é a título gracioso. Estou apenas pagando uma velha dívida da Pátria para com eles. E assim sendo, nada pedem.

É certo que eu trato de sair ao seu encontro com minhas células mínimas. Mas, na realidade, recebem mais do que pedem do que os que se abstêm de pedir. Tanto aos que recebem ajuda por havê-la solicitado, como aos que a recebem sem pedir, devo ser grata. Grata por se conformarem com tão pouca coisa. Mas tenhamos sempre presente que Peron se bate sem descanso para que, até mesmo esta ajuda social, seja sempre abolida entre nós, porque, embora praticada com dignidade e com justiça, nem por isso deixa de ser ajuda. Quando imperar no mundo, absoluto e total o

justicialismo, esta ajuda irá formar no número das recordações amargas superadas. Todos terão o seu quinhão.

Certo dia em que eu disse estas palavras num discurso, alguém comentou ao meu lado: “Mas no dia em todos tiverem o seu quinhão e não existirem obras como a sua, o amor também terá desaparecido da sociedade humana. Ao que revidei: “Não, o senhor se engana. Se este dia chegar, e eu duvido que chegue de maneira total, mas, enfim, se chegar, o mundo será um paraíso de amor.

Senão, veja. Aqui, em nossa terra, onde os homens estão se tornando justicialistas, veja como triunfa o amor sobre o egoísmo. Peron fez justiça aos trabalhadores e veja agora como eles contribuem com uma parte dos seus proventos para o auxílio dos desamparados. Estou certa de que justiça é algo assim como a porta do amor. “Quando o mundo for justicialista, reinará o amor e a paz”. Este foi o primeiro ensinamento que recebi de Peron.

Pergunto a mim mesma porque não quererá a humanidade aprender também esta lição maravilhosa. Por isto, sinto-me tomada de uma vontade louca de ganhar a rua e de pregar por este mundo a fora o justicialismo de Peron. De qualquer modo, ninguém me atribuirá aspirações de imperatriz, se bem que muitos, os medíocres, os homens comuns e os eternos incrédulos, me julguem possuída de uma rara forma de loucura. Porém os equilibrados e os sensatos já deram demasiado à História. Talvez tenha chegado o momento dos *idealistas*. Seria interessante que a humanidade nos desse uma oportunidade.

XLVI

Um idealista

Infinitamente mais idealista do que eu é Peron. O meu idealismo é o que aprendi dele, em suas lições. Sempre fui um espírito eminentemente prático. O idealismo de Peron, em compensação, é puro, como tudo nele. Comparo-o às vezes, quero dizer, procuro compará-lo a alguém que se lhe pareça. Debalde.

Com Peron li *As Vidas Paralelas*, de Plutarco. Peron vota especial atenção à vida de Alexandre. Talvez esta preferência esteja a trair um grande paralelismo de grandezas e virtudes entre um e outro. Por isto li a vida de Alexandre com mais sofreguidão do que as outras. Depois, com frenesi, li-as todas, devorei muitas outras biografias célebres.

Talvez não me fique bem expor francamente a verdade. Mas devo dizer o que sinto. E o que sinto é muito mais fácil de dizer, muito embora nem todos me acreditem no momento. Todavia, depois acreditarão, quando estivermos desaparecido da face da Terra: Peron não se parece com nenhum gênio militar ou político da História. Todos os gênios políticos e militares que nimbandando-se de glória, iluminaram um século, todos ganharam seus louros a expensas de dor e de sacrificio de seus povos. Não pretendo desmerecê-los, mas quantas vidas não custou a glória de Alexandre, quanto sangue não regou a coroa de Napoleão! Ademais, ninguém, absolutamente ninguém, na História, logrou concitar tanto carinho delirante e fanático como o que Peron recebe de seu povo, e quando alguém o tenha recebido do mesmo povo. E, ainda que assim não fosse, ninguém melhor que ele soube retribuí-lo. Penso que Peron se assemelha, antes, a outra

classe de gênios, aos que criaram novas filosofias e religiões. Não cometerei a heresia de o comparar a Cristo, mas afirmo que, imitando-O, Peron com ele se identifica, no seu amor pela humanidade. Isto, acima de qualquer outra coisa, configura sua magnífica grandeza. Mas é grande também porque soube dar forma prática ao seu amor, idealizando uma doutrina para a felicidade dos homens, e o que é mais, corporizando-a em nossa terra.

Disse que o General Peron era idealista, profundamente idealista. Mas também é genial, do que decorre não ser o seu idealismo do tipo quixotesco ou retórico. Seu idealismo é humano, natural e realista.

Não consigo compreender até hoje como se conciliam nele estes extremos. Vejo-o, por vezes, conceber uma idéia que se me afigura demasiado próxima das nuvens para realizá-la. Depois, vejo-a tomar forma, materializar-se, tornar-se magnífica realidade em suas mãos maravilhosas. É, a um tempo, idealista e prático. Por isto creio em sua genialidade, por isto creio firmemente que este século será iluminado por ele. Vejo-o marchar num mundo sem fé, sem esperanças, parecendo-me, no momento, a única pessoa da Terra em quem se possa ainda ter um pouco de fé e um resto de esperança.

Muitos sorrirão incrédulos, outros pensarão ser tudo propaganda, virarão a folha ou simplesmente fecharão o livro. Mas alguns, certamente, que se porão a cismar, pensando na verdade que digo. O homem médio pensará nesses momentos críticos para a humanidade, que o mundo é um campo de batalha em que duas minorias imperialistas, armadas como nunca esteve nação alguma na História, disputam o direito de mandar numa humanidade colhida entre dois fogos, sem saber o que fazer, numa humanidade que não quer ser comunista nem reger-se pelo velho e fracassado sistema capitalista. E

ninguém, a não ser Peron, diz a esta humanidade uma palavra diferente. Ninguém, afora Peron, aponta a esta humanidade um novo caminho, ninguém lhe infunde uma nova esperança. A humanidade se convenceu de que tudo saiu às avessas e que já não resta solução para os seus males. Inclusive o cristianismo lhe parece fracassado.

Peron pondera: “Não foi o cristianismo que falhou. Foram os homens que não souberam praticá-lo. O cristianismo ainda não foi provado pelos homens, porque o mundo nunca foi justo. O cristianismo se tornará verdade quando o amor reinar entre os homens e entre os povos; mas o amor só chegará quando os homens e os povos se fizerem justicialistas”.



Sim, talvez seja demasiado idealismo. Mas o mundo se arrasta à mingua de uma esperança. E uma esperança é sempre assim: uma idéia longínqua, que, misteriosamente, Deus converte em realidade.

TERCEIRA PARTE

As mulheres e minha missão

XLVII

As mulheres e minha missão

Meu trabalho no movimento feminino nasceu e cresceu, a exemplo de minha obra de ajuda social e de minha atividade sindical, pouco a pouco e, antes por força das circunstâncias, do que propriamente por uma decisão minha. Muitos não o sabem, mas foi assim. Mais romântico ou mais poético, ou mais literário e novelesco, seria dizer, para ilustrar, que pressentia, eu, de longa data, tudo o que hoje faço. Tal como se adivinha uma vocação ou um destino especial. Mas não foi assim.

A única coisa que eu trouxe ao campo destas lutas, como preparação prévia, foram os meus sentimentos, que me levaram a preocupar-me com o problema dos pobres e dos ricos. Mas, afora isto, nada mais.

Nunca imaginei que pudesse vir a algum dia liderar um movimento feminino no meu país, e muito menos, um movimento político. As circunstâncias desimpediram-me o caminho.

Ah, mas não permaneci no meu cômodo lugar de Eva Peron! Caminho que se abrisse em minha frente era caminho que eu vingava, desde que, em o fazendo, pudesse auxiliar à causa de Peron, que é a causa do povo.

Muitas outras mulheres viram, antes de mim, os caminhos que hoje trilho: mas elas ficaram onde estavam e eu me afoitei a vingá-los. Confesso que se me animei à luta foi mais por ele do que por mim. Foi por Peron. Foi ele quem me encorajou, quem me tirou do *bando de pardais*, quem guiou os primeiros passos de minhas caminhadas. Ele, ainda que não me deixou faltar o estímulo poderoso e extraordinário do seu amor.

Antes de mais nada, diga-se que comecei trabalhando no movimento feminino, porque assim o exigia a causa de Peron. Tudo começou aos poucos. Quando me dei conta, estava à testa de um movimento político feminino, e, na marcha, tive de aceitar a liderança espiritual das mulheres de minha Pátria. Para mim, isto implicou na contingência de meditar profundamente nos problemas femininos. E, mais ainda do que meditar neles, senti-me compelida a aferi-los à luz da doutrina com que Peron se abalançava a erigir a Nova Argentina.

Lembro-me com que carinho de amigo e de mestre ele foi desdobrando aos meus olhos os infinitos problemas que afligem a mulher, tanto na Argentina como no resto do mundo.

No curso destas palestras mais se insinuava a genialidade de sua figura. Milhões de homens têm passado como ele, à beira dos problemas cada vez mais angustiantes da mulher deste século, mas poucos se detiveram a analisá-los e, menos ainda, a penetrá-los como ele, até o cerne. Ele me apontou nisto, como em tudo o mais, o caminho certo.

As feministas do mundo dirão, talvez, que encetar assim um movimento feminista é pouco feminino. Para começar, reconhecendo a superioridade de um homem. Não me interessa a crítica. Todavia, reconhecer a superioridade de Peron é coisa bem diversa. E, afinal, propus-me a escrever a verdade.

XLVIII

Do Sublime ao ridículo: um passo apenas

onfesso que no dia em que se abriu, diante de mim, a possibilidade do caminho feminista, experimentei um pouco de medo. Que poderia fazer eu, mulher do povo, onde outras mulheres, mais preparadas, tinham fracassado? Cair no ridículo? Engrossar a falange de mulheres ressentidas com a mulher e com o homem, como tem acontecido com inúmeras líderes feministas? Por outra parte, não era solteira, velha nem desgraciosa, para ocupar um lugar assim, que, desde que se tem memória, pertence por direito próprio, desde as feministas inglesas clássicas, até às destas latitudes, a mulheres desse tipo, mulheres cuja primeira vocação foi, decerto, a de serem homens. Tais eram, tais saíram os movimentos por elas orientados.

Primava, nelas, antes o despeito por não terem nascido homens, do que o orgulho de se sentirem mulheres. Acreditavam ser uma injustiça haverem nascido mulheres. Ressentidas com as mulheres, porque não queriam deixar de o serem, e ressentidas com os homens porque não consentiam ser como eles, as feministas, a imensa maioria das feministas do mundo, até onde as conheço, constituíam uma rara espécie de mulheres que não me pareceu totalmente mulher. De modo algum aceitava parecer-me com elas.

O General deu-me a explicação que precisava: “Então, não vêes que essas mulheres erraram o caminho? Querem ser homens. Tal como se eu, para salvar os trabalhadores, houvesse pretendido fazer deles oligarcas. Teria ficado sem operários. E mais, não teria conseguido com isso melhorar em

nada a oligarquia. Não vêes que essa classe de *feministas* renega a mulher? Algumas nem sequer se pintam. Qual! Isso é coisa de mulheres. Aspiram a masculinizar-se. E, se do que o mundo necessita é de um movimento político e social feminino, quem poderá lucrar com mulheres que pretendem salvá-lo, imitando os homens? Nós já fizemos muitas atrapalhões, tantas que não sei ainda se o mundo terá conserto. Talvez a mulher poderá salvá-lo, desde que não nos imite”

Tenho sempre à memória aquela lição do General. Nunca, como então, pareceu-me tão claro e luminoso o seu pensamento. Era exatamente isto o que eu sentia. Percebia que o movimento feminino no meu país e no mundo inteiro estava fadado a cumprir uma missão sublime. E o mau era que tudo o quanto conhecia acerca do feminismo se me antolhava ridículo. Isso porque o feminismo, liderado, não por mulheres, mas por marimachos que aspirando a serem homens, nada tinham de mulheres, dera o passo que vai do sublime ao ridículo.

O passo que tratarei de dar, jamais!

XLIX

Quisera indicar-lhes um caminho

 primeira coisa que tive que fazer no movimento feminino de minha Pátria, foi resolver o velho problema dos direitos políticos da mulher. Durante um século, o século obscuro e doloroso da oligarquia dos vendilhões da Pátria — a politicagem de todos os partidos acenou à mulher com o direito de voto. Essas promessas, como todas que as fizeram, nunca se cumpriram. Talvez tenha sido melhor assim.

Tivessem as mulheres começado a votar naqueles tempos da oligarquia e teríamos sofrido um tremendo desengano. Tão grande como a mentira monstruosa das eleições daquela época, quando toda fraude e todo dolo eram normais. Antes assim, que não tenhamos tido direitos. Agora teremos ao menos uma vantagem sobre os homens: nunca fomos burladas. Nunca entramos em conluíus políticos. Não fomos envolvidas pela voragem das ambições. E, acima de tudo, nascemos para a vida cívica sob a bandeira de Peron, cujas eleições são padrão de transparência e de lisura, tal como o reconhecem até os mais ferrenhos adversários, esses que só se rendem à verdade quando não lhes fica a menor possibilidade de forjar uma só mentira.

A mulher argentina está, agora, habilitada a votar. E não irei repetir a frase de um certo político, pronunciada no momento de oferecer aos seus concidadãos uma nova lei eleitoral: “Saiba o povo votar!”

Não. Acredito firmemente que o povo sempre soube votar. Mas nem sempre pôde a mulher saberá. E, embora não sendo o voto fundamental no movimento feminino é, contudo, um instrumento poderoso, de que se servirão as mulheres para

a conquista de todos os seus direitos, ou melhor, do grande direito de serem simplesmente **mulheres** e de cumprirem assim, absoluta e totalmente, a grande missão a que , como tais, estão fadadas. Porém, nunca devemos esquecer uma recomendação que Peron insistentemente martela aos homens: “o voto, isto é, a política, não é um fim em si mesmo, mas apenas um meio”.

Estou convicta de que a grande maioria dos homens, principalmente nos velhos partidos políticos, nunca se compenetraram desta verdade. Daí seu fracasso. Nosso destino de mulheres estará sempre na pendência de que não repisemos esse erro fatal. Mas não quero alongar-me neste assunto dos direitos políticos da mulher. Mais do que isso, interessa-me, agora, a mulher em si mesma. Sinto que necessita salvar-se. Eu quisera indicar-lhe o caminho.

L

O lar ou a fábrica

Estamos cansados de ver todos os dias milhares de mulheres desertarem do campo feminino para se lançarem a viver como homens. Trabalham ao lado deles. Como eles, preferem a rua à casa. Não se resignam em ser mães ou esposas. É isso feminismo? Penso antes que seja uma masculinização paulatina do sexo. Assim, pergunto a mim mesma se essa mudança veio trazer solução para o nosso problema. Não veio. Todos os males antigos continuam como antes, acrescidos de outros. Cada dia é maior o número de mulheres convictas de ser a formação de um lar péssimo negócio. No entanto, nascemos para isto. Eis aí, a meu ver, a gravidade máxima do problema.

Sentimo-nos nascidas para o lar e nos atiramos à rua, à procura de uma solução. Depositamos nossas esperanças na segurança de nossa independência econômica, persuadidas, de, por esse meio, nivelar-nos aos homens. Mas não! Baldam-se os esforços. Não somos como eles. Eles podem viver solitários, dispensar qualquer companhia. Nós, não. Sentimos, no íntimo de nós mesmas, uma necessidade imperiosa de companhia total, preme-nos mais a necessidade de dar do que receber. Só podemos aspirar, quando muito, a ganhar um ordenado, como os homens.

Por outra parte, renunciando ao emprego que nos deu independência, para formarmos um lar, estaremos queimando, ao mesmo tempo, e, definitivamente, nossas naus. Nenhuma profissão no mundo oferece menor possibilidade de retorno do que a nossa, de ser mulheres. Mesmo quando escolhidas por um homem bom e honesto, o nosso lar nem sempre será o que sonhamos. Às portas do lar acaba a nação inteira e

começam as outras leis, outros direitos: a lei e o direito homem, misto de amo e ditador. E ali ninguém pode intervir. A mãe de família está excluída de todas as previsões. É o único trabalhador do mundo que não recebe salário, nem goza de garantia de respeito, limite de jornadas, domingos, férias, descanso, indenização por dispensa ou direito de greve.

Tudo isso aprendemos quando moças, pertence à esfera do amor. E o pior é que o amor desaparece tão depressa no lar! Quando isto se dá, tudo passa a ser *trabalho forçado*, obrigações sem direitos, serviço gratuito, a troca de dor e sacrifícios sem conta. Não digo que seja sempre assim. Mesmo porque não tenho este direito, pois que o meu lar é feliz. Mas vejo por aí, todos os dias, tantas mulheres a padecer, sem horizontes, sem direitos, sem esperanças. Cada dia há menos mulheres dispostas a constituir um lar. Um lar verdadeiro, harmônico e feliz. E, no entanto, cada dia, mais carece o mundo de lares bem formados, e, para tanto, de mulheres dispostas e aparelhadas para o cumprimento de seu destino e de sua missão.

Por isso, o primeiro objetivo do movimento feminino que aspire a beneficiar a mulher, sem torná-la homem, deve ser o lar. Nascemos para isto: para constituir lares. Não para a rua. De resto, o senso comum está nos apontando a solução. Temos que ter no lar o que nos apressamos a procurar na rua: nossa pequena independência econômica, que nos isenta de condição de pobres mulheres sem horizontes, sem direitos e sem esperanças.

LI

Uma idéia

Porque, na verdade, com as mulheres acontece exatamente o mesmo que com os homens, as famílias e as nações: enquanto não são economicamente livres, não gozam de qualquer direito. Muita gente verá nesta minha opinião, muito pessoal, um conceito demasiado materialista. Não é assim. Eu creio nos valores espirituais. Aliás, é o que nos ensina a doutrina de Peron. E é justamente porque creio no espírito, que considero urgente conciliar, na mulher, este destino de esposa e mãe, com esta outra sede natural de direitos que, como ser humano e digno, sente também no mais íntimo do coração. E um princípio de solução, penso que poderia ser aquela pequena independência de que falei há pouco. Se não encontrarmos uma solução satisfatória para o dilema, talvez venha acontecer no mundo algo inconcebível: só aceitarão constituir um lar verdadeiro (não um simulacro de lar, ou um pseudo matrimônio), as mulheres menos capazes. Isto é: aquelas que não encontraram fora do casamento ou do lar uma outra solução econômica que lhes garanta o gozo de um repertório mínimo de direitos. Descerá por aí a hierarquia da mãe de família a um nível ridículo. Chegar-se-á ao extremo de dizer — já se está dizendo por aí à boca pequena — que somente as bobas queimam suas naus casando, formando um lar, carregando-se de filhos. Que isso nunca venha acontecer no mundo. Foram os valores morais que faliram nessa atualidade desastrosa. E não serão certamente os homens que lhes irão restituir o antigo prestígio. Tampouco as mulheres masculinizadas. Não, serão outra vez as mães.

Como resolver o conflito? Não sei como provar isso. Sei dizer o que sinto como uma verdade absoluta. Para mim seria muito simples, mas não sei se por isso mesmo, porque se me afigura tão fácil, não virá a solução a ser impraticável, se bem que esteja cansada de ver como muitas coisas simples se converteram na chave do êxito, no segredo da vitória. Meu pensamento é sumariamente este: começar por atribuir a cada mulher nubente um salário mensal, com data de vigência a partir da celebração do matrimônio. Um salário pago às mães de família por toda a nação e que se extraia da receita de todos os que trabalham no país, inclusive das próprias mulheres. Ninguém poderá tachar a medida de injusta, visto como estaremos pagando por um trabalho que, conquanto invisível, reclama, a cada dia da vida, o esforço conjunto de milhões e milhões de mulheres, que passam a existência nessa monótona e dura tarefa de lidar com a casa, cuidar da roupa, servir a mesa, tomar conta dos filhos, etc. Este estipêndio poderia ser fixado, digamos, na metade do salário médio nacional, de molde que a dona de casa, senhora de seu lar, possa contar com uma receita própria que nada tenha a ver com o trabalho do homem. Poderiam ainda, aditar-se a este salário base os abonos de família correspondentes ao nascimento dos filhos, uma majoração em caso de viuvez, a cassação do benefício quando a titular viesse a conseguir trabalho remunerado, e, enfim, todas aquelas modalidades que preservem de deturpações os propósitos iniciais.

Limito-me a lançar a idéia. Ficará para depois dar-lhe forma e convertê-la em realidade, se julgada praticável e conveniente.



Para nós, mulheres de minha Pátria, o problema não é grave nem urgente. Daí, não ter ainda levado ao terreno das realizações, preferindo deixar que a idéia seja meditada por todos. Quando o momento chegar, estará madura. Viso apenas a conseguir que não se sinta inferior uma mulher, que constitui um lar, àquela que prevê a subsistência labutando numa oficina, numa fábrica ou num escritório. Esta não seria, contudo, a solução integral ao velho problema. Para tanto, seria mister alinhar, ainda em maior medida, a serviço do lar, o progresso e a técnica. E seria preciso mais, elevar o padrão cultural completo da mulher, a fim de que tudo isto — independência econômica e progresso técnico — saiba ela usar em benefício de seus direitos e para a preservação de sua liberdade, sem que com isso venha a perder de vista sua maravilhosa condição de mulher, a única coisa que nunca deverá perder, se não quiser perder tudo.

Estes reflexos traz-me à memória o programa básico de Peron no combate pela libertação do trabalhador.

Peron considerava ser imperioso aprimorar a cultura social, dignificar o trabalho e humanizar o capital. Eu, imitando-o sempre, tomo a liberdade de asseverar que, para salvar a mulher, e, por conseguinte, o lar, impõe-se do mesmo modo elevar a cultura feminina, dignificar o trabalho e humanizar sua economia, outorgando-lhe, para a consecução desses fins, certa independência material mínima.



Somente assim ficará a mulher apta para assumir o papel de esposa e de mãe, tal como o estaria, por exemplo, para o de datilógrafa.

Muitas mulheres salvar-se-iam da delinquência e da prostituição, frutos ignóbeis da escravidão econômica. O lar se pouparia ao desprestígio, readquirindo seu antigo significado de pedra basilar da sociedade.

Sei que minha solução é antes uma porta do que propriamente um caminho. Vejo-a ainda carente de expressão e incompleta. Será necessário, sem dúvida, fazer muito mais do que o enunciado. Sei que não se trata de devolver ao lar um prestígio que nunca teve, mas de lhe dar outro, que nunca conheceu.



Eu própria, cuidando de substituir o que é de si insubstituível — a mãe e o lar — vi-me forçada a criar numerosos institutos para a infância.

Sonho sempre com o dia em que esses estabelecimentos se tornem dispensáveis. Este dia coincidirá com aquele em que a mulher venha a ser o que deve ser: rainha e senhora de uma família digna, acobertada de toda a necessidade econômica e premente. Para que este dia amanheça, será necessário que os movimentos femininos de cada país e do mundo, se unam no esforço, os olhos voltados para a consecução do objetivo supremo, e que o justicialismo impere em toda a parte. De nenhuma utilidade seria um movimento feminino num mundo órfão de justiça social. Seria como um grande movimento trabalhista num mundo sem trabalho. Não serviria para nada.

LII

A grande ausência

Estou convencida de que do movimento feminino, organizado como força em cada país e em todo o mundo, decorreriam grandes benefícios para toda a humanidade. Li, algures, que neste nosso mundo o grande ausente é o amor. Eu, embora consciente de estar cometendo um plágio, diria antes que a grande ausência de que o mundo atualmente se ressenste, é a da mulher. Tudo, absolutamente tudo neste mundo contemporâneo, foi feito a medida dos homens. Nós estamos ausentes dos governos, dos parlamentos, das organizações internacionais. Não estamos no Vaticano nem no Kremlin, nos Estados Maiores do imperialismo, na maçonaria nem nas sociedades secretas. A rigor, não estamos representadas em nenhum dos grandes centros que governam o mundo. E, no entanto, estivemos presentes na hora da agonia e em todas as horas amargas da humanidade. Tal como se a nossa vocação não fosse substancialmente a de criar, mas a de sacrifício. Nosso símbolo deveria ser a Mãe de Cristo ao pé da Cruz.

Não me explico porque estamos sempre ausentes de onde quer que se elocubrem fórmulas para a felicidade do homem. Não temos com ele um destino comum? Não devemos juntos fazer a felicidade da família? Ou será justamente porque não nos integrou em suas grandes organizações sociais que foi o homem tão mal sucedido e se mostrou incapaz de fazer a felicidade do gênero humano?



O homem idealizou, para a solução dos graves problemas do mundo, uma série quase infinita de doutrinas. A bem dizer, lançou uma doutrina para cada século. Experimentou-as todas sucessivamente e, uma a uma, atirou-as fora. Apaixonou-se por toda doutrina como por soluções definitivas. Importou-lhe mais a doutrina em si do que propriamente o homem e a humanidade. Explica-se isto: o homem não tem, como nós, uma questão **pessoal** com a humanidade. Para ele a humanidade se restringe a um problema de criação, mas, para nós, cada criatura é fruto da nossa dor e de nosso sacrifício. O homem aceita facilmente a destruição de outro homem ou de outra mulher, de um ancião ou de uma criança. Pudera! Não sabe o que nos custou criá-los. Nós o sabemos.

Eis porque nós, mulheres de toda a terra, temos, além de nossa vocação criadora, uma outra, de conservação instintiva: a sublime vocação da paz. Não quero dizer com isso que devemos antepor a paz a tudo o mais. Não. Não ignoramos que há causas maiores do que a paz, mas estas são iguais tanto para os homens como para as mulheres.

Não concordamos que se possa fazer uma guerra por imperialismo e muito menos por ânsias de poder econômico. Não compreendemos a guerra de conquista. Embora não desconhecendo de que há guerras de justiça, sabemos bem quão pouco o homem lutou em defesa desta justiça.

Quando o homem nos der um lugar nas suas decisões transcendentais, será chegado o momento de fazer prevalecer as nossas, inspiradas menos no cérebro do que no coração. Não foi sempre o coração que arcou com as conseqüências dos erro *cerebrais* dos homens?

Não desmereço o valor do homem, nem desdenho de sua inteligência, mas, se em muitos lugares do mundo pudemos juntos criar um lar feliz, porque não haveríamos de

poder, também juntos, forjar uma humanidade feliz? Este deve ser o nosso objetivo. Nada mais do que conquistar o direito de criar, junto com o homem, uma humanidade melhor.

LIII

O Partido Peronista Feminino

 O partido feminino que presido liga-se, é claro, ao movimento peronista, se bem que, como partido, se mantenha independente do seu similar masculino. Resolvi que fosse assim para prevenir uma possível masculinização das mulheres nas lides políticas.

Do mesmo modo que os trabalhadores se salvaram por si mesmos, e da mesma maneira com que sempre digo a Peron que *somente os humildes salvarão os humildes*, penso também que somente as mulheres serão a salvação de suas irmãs de sexo. Nisto se estriba a minha decisão de organizar o partido feminino em moldes separados da organização política dos peronistas do sexo masculino.

Liga-nos totalmente o Líder, único e indiscutível para todos. Unem-nos os grandes objetivos da doutrina e do movimento peronista. Mas separa-nos o nosso objetivo específico: a redenção da mulher.

Este escopo, constante da doutrina de Peron a nós, mulheres, cumpre realizá-lo. Para tanto deveremos, inclusive, aliciar previamente a colaboração efetiva dos homens. Nisto sinto-me otimista. Os homens do peronismo, que nos deram o direito de voto, não se mostrarão arredios neste outro ponto.



A organização do partido feminino foi, para mim, empresa das mais árduas de quantas me tenham sido reservadas.

Sem nenhum precedente no país (talvez esta circunstância tenha vindo a favorecer meus desígnios), e sem mais recursos do que coração, posto a serviço da grande causa, convoquei, um dia, um pequeno número de mulheres. Eram apenas trinta. Todas muito novas. Conhecera-as como colaboradoras infatigáveis na ajuda social, como peronistas fervorosas de todas as horas, como fanáticas da causa de Peron. Exigi delas pesados sacrifícios: abandonar o lar, abrir mão do emprego, deixar praticamente um determinado gênero de vida para encetar outro, mais intenso. Para tão severo comprometimento, necessitava de mulheres assim, incansáveis, fervorosas, fanáticas.

Antes de mais nada, era indispensável recensear todas as mulheres que, ao longo do país partilhavam da fé peronista. Também isto reclamava o concurso de mulheres intrépidas, dispostas a trabalhar sem descanso, dia e noite. Pois bem, daquelas trinta mulheres, animadas de nenhuma ambição, afora a de bem servir a causa peronista, poucas falharam. Do que se conclui que, escolhendo-as pelo seu amor à causa, mais do que por outras razões quaisquer, escolhi bem. Todas estão, hoje, trabalhando como no primeiro dia. É com viva satisfação que acompanho de perto a marcha de todo o movimento. O importante é que saibam manter ilibado o cunho feminino que eu quis infundir-lhe.

Este desígnio importou em algumas dificuldades iniciais. Em zonas afastadas do país, houve alguns caudilhos políticos (poucos vão ficando, felizmente, em nossas fileiras, uma vez que a maioria milita nos partidos opositores), que intentaram a princípio, numa típica atitude *golpista*, canalizar o caudal do movimento para os seus moinhos, submetendo-o às suas diretivas e insinuações.

Minhas meninas portaram-se à altura, mantendo incólumes sua independência de critério e ação. Pude comprovar, nesta atitude digna, que a lição por mim

ministrada àquelas moças em demoradas palestras, havia sido assimilada, e que o movimento feminino, em sua fase política, nascia e começava a andar pelos seus próprios meios. Há, em todo o país, milhares e milhares de mulheres trabalhando ativamente na organização. Com a plenipotência conferida pela primeira Assembléia Nacional, estou habilitada a dirigir, sem entraves, todos os trabalhos concernentes à organização. Isto implica, naturalmente, em muitas horas de paciente trabalho, de reuniões, de conversas pessoais com as recenseadoras, em alguns desgostos e percalços, mas, de tudo, sinto-me largamente compensada quando, por ocasião de nossas grandes festas, posso dar ao Líder conta pormenorizada de nossos progressos e de nossas vitórias.



Os centros políticos do partido feminino chamam-se *unidades básicas*. Nisto imitamos os homens. Mas muito temo que nossas unidades básicas estejam, atualmente, mais próximas do ideal sonhado por Peron, do que possa estar suas congêneres masculinas.

O General quis que os homens do seu partido político não constituíssem nada que se parecesse com os antigos e desprestigiados *centros* políticos de outrora, antros de vícios que se abriam às vésperas de cada pleito eleitoral em todos os bairros da cidade e em cada centro populacional do interior, grande ou pequeno. Quis Peron que os nossos centros de peronismo fossem fulcros culturais e centros irradiadores de iniciativas úteis para a coletividade.

Os meus, minhas unidades básicas, respondem fielmente à esta recomendação de Peron. Nelas organizam-se bibliotecas. São proferidas conferências culturais, etc. E, sem

que eu houvesse estabelecido taxativamente, converteram-se alguns, por iniciativa espontânea, em verdadeiros centros de ajuda e de ação social. Os *descamisados* não distinguem ainda a diferença que vai entre a organização política a que presido e a minha Fundação. Para eles, as unidades básicas são *de Evita*. E a elas acorrem, em busca do que esperam que Evita lhes possa dar. Foram elas, minhas *descamisadas*, que criaram, nas unidades básicas, uma nova função: informar a Fundação das necessidades dos humildes de todo o país.

De posse destas informações, a Fundação escoia o auxílio correspondente. Ora, esta entrosagem espontânea de funções tem-me sido acremente censurada. Acusam-me os eternos *super-críticos* de me estar valendo da Fundação com fins políticos. Talvez tenham razão mesmo. O que em última instância aparece como consequência de meu trabalho, tem fatalmente repercussão política. O povo vê em minha obra a mão de Peron, atingindo até o último recanto da Pátria grande. E isto não pode agradar aos adversários. Mas, poderia, eu, fazer ouvidos de mercador ao clamor dos humildes, qualquer que seja a via por que me chegue? Se, alguma vez, os partidos da oposição encaminhassem à Fundação o pedido de um *descamisado*, a Fundação acorreria, de pronto, aonde quer que se reclamasse o seu auxílio. Indagamos, por ventura, o nome, a raça, a religião ou o partido de quem quer que seja para lhe dar ajuda?

Mas qual! Estou certa de que nenhum oligarca me fará, jamais, um pedidos desses. Eles não nasceram para pedir. E, menos ainda, para pedir em nome da dor dos humildes. Esta dor é, para eles, melodrama. Melodrama do populacho que eles desprezam do alto de suas sacadas, atirando-lhe ao rosto a pecha de um insulto que é nossa glória maior e nossa divisa de honra: *descamisados*!

LIV

Não importa que ladrem

Não importa que ladrem. A cada vez que ladram, nós triunfamos. Antes ganidos que aplausos. É o que não compreendem ainda alguns dos nossos, vítimas de velhos preconceitos, quando dizem: “Até a oposição concordou”. Não advertem que aqui, em nosso país, dizer *oposição* vale como dizer *oligarquia*. E, portanto, como dizer *inimigos do povo*. De sorte que, cuidado! Onde eles estiverem de acordo, deverá o povo dissentir.

Quisera que cada peronista gravasse este conceito no mais íntimo da alma, porque o considero fundamental para a sorte do movimento. Nada que vem da oligarquia pode ser bom. Não digo que não haja algum oligarca que faça algo de bom. É **difícil** que isso aconteça, mas, quando tal se dá, é, certamente, por um equívoco. Cumpre adverti-lo de que se está fazendo passar por peronista.

Enfatizo que, quando falo em oligarquia, abranjo a todos os que, em 1946, se opuseram a Peron: conservadores, radicais, socialistas e comunistas. Todos votaram na Argentina do velho regime oligárquico, entreguista e vendilhão. Desse pecado não poderão, nunca, redimir-se.



Muitos estrangeiros não entendem, por vezes, que Peron se mostre tão absoluto em sua decisão irrevogável de trabalhar com seu próprio partido, e tão duro nos ataques vibrados ao adversário. Afeito à política de *colaboração* tão

em voga em outros países, estranham esta visão radical e definitiva. É que estes observadores estão na ignorância dos numerosos apelos de colaboração, lançados por Peron.

Sei que Peron recorreu a eles com sinceridade, mas sem a mínima esperança. Ele os reconheceu antes e melhor do que eu. Revelaram-se sempre, incapazes para a generosidade. Só pensam em si próprios. A Pátria é, para eles, um mero nome, o nome de uma mercadoria que é vendida pela melhor oferta. Por isto é que o General Peron governa como se não existissem. Se, de tempos em tempos, se lembra deles e os ataca, é somente para que o povo não se esqueça que continuam a ser os mesmos que, em 1946, se entregaram a um embaixador estrangeiro.

Para a felicidade dos argentinos, já o disse, pertencem a uma raça de homens que morrerá com o século, com a sua própria geração, onde nem os filhos haverão de querer recordá-los.

LV

As mulheres e a ação

Abrigo a convicção de que a mulher — ao contrário do que pensam os homens — vive melhor na ação do que na inatividade. Comprovo isto todos os dias, tanto no meu trabalho de ação política como na ação social. A razão é muito simples, o homem pode viver exclusivamente para si, a mulher, não. Se uma mulher vive para si mesma, ou não vive ou não é mulher. Eis outra das razões do pavor que sinto pela masculinização das mulheres. Quando chegam a esse extremo, tornam-se mais egoístas do que os homens, porque, nós, mulheres, levamos as coisas mais a sério. Um homem de ação é o que triunfa sobre os outros. Uma mulher de ação é a que triunfa para os outros. Não é esta uma grande diferença?

A felicidade de uma mulher não é a sua própria felicidade, mas a dos outros. Por isso, quando pensei no movimento feminino, não quis alienar a mulher do especificamente seu. Em política, os homens buscam os seus próprios triunfos. As mulheres, se tal fizessem, deixariam do o ser.

Quis, por isso, que no partido feminino as mulheres não se procurassem a si próprias, mas que servissem ao próximo de uma ou de outra maneira, fraternal e generosamente. O problema da mulher é, sempre e em toda a parte, o escabroso e fundamental problema do lar. É este o seu grande destino. É tal sua necessidade de lar que, quando não possa construí-lo com a carne, o fará com a alma. Ou não será mulher.

Por isto quis fazer do meu partido um lar, de cada unidade básica uma família, com seus grandes amores e suas pequenas desavenças, sua fecundidade excelsa e sua

laboriosidade infatigável. Sei que em muitas partes este desígnio realizou-se plenamente. Principalmente naqueles lugares em que as mulheres que eu designei, souberam mostrar-se mais mulheres.



Antes de uma ação propriamente política, incumbe ao movimento feminino desenvolver uma ação social. Precisamente porque a ação social é algo que as mulheres levam no sangue. Servir a outrem é nosso destino e nossa vocação. Isto é também, em definitivo, ação social. Não, vida social, que essa é o contrário da ação.

LVI

A vida social

Posso dizer duas palavras sobre a *vida social*? Tenho falado de coisas piores na minha vida. Creio, com a mesma segurança absoluta com que acredito na existência do sol, que a *vida social*, assim como a sociedade aristocrática e burguesa que a vive, são duas coisas que se estão extinguindo aos poucos. E que este século acabará com elas.

Nunca pude entender essas mulheres de vida vazia e fácil, mas, de outro lado, tenho certeza de que tampouco elas seriam capazes de entender outro sistema de vida diverso do que levam. Pertencem a outra classe de mulheres. Dizer-se que se assemelham aos homens seria um insulto que estes não merecem. O homem, como a mulher, embora diferentes, vivem, ambos, para um fim. Tem um objetivo na vida e cada um desempenha o encargo à sua maneira. Já a mulher de sociedade não se desempenha de maneira alguma, por isso que a vida social é, em si, destituída de objetivo. Rosário interminável de aparências, de ninharias, de frivolidades e de mentiras, tudo se resume em representar com propriedade um papel tolo e ridículo.

No palco, ao menos, representa-se algo que existiu alguma vez ou que poderia existir. O artista, no teatro, reconhece-se como alguém. Mas na vida social as mulheres são artistas representando o quê? Nada, absolutamente nada. Nunca invejei nem quis *essa* classe de artistas. Mas as compreendo. Aliás, é fácil de entender. É árduo preencher uma vida sem objetivos. Que fazer, então? Muito simples. Encurtar os dias e as noites com esse complexo de coisas menores e sem importância que compõem a vida social. E,

uma vez habituadas a isso, tudo o mais lhes parece ridículo e extravagante. Também para os pardais é decerto ridículo o vôo dos condores.



Impossível falar com essas mulheres de algo elevado ou simplesmente diferente. O lar é, para elas, secundário e odioso, pois que impõem o sacrifício da vida social, com sua seqüela de festas e reuniões, serões de *bridge* e corrida de cavalos. Dir-se-ia que tivessem sido talhadas para essas pequeninas coisas e nascido imprestáveis para fazerem de ponte de ajuda para os seres humanos. Ignoram que a humanidade se projeta de um século para outro através de nossos corpos e de nossas almas e que para isso é necessário que ergamos, cada um, um lar. Debalde! Não entendem. Tampouco entendem a dor dos humildes.

A cada vez que lhes chega o eco abafado dessa imensa dor humana, lacrimejam um pouco. E a choradeira arremata uma grande festa de beneficência. Mas no fundo de seu coração, tal classe de mulheres sabe que essa vida não é real. Que não é a verdadeira vida.



Afirma-se que é na vida social que se afere a cultura de um povo. Insurjo-me contra essa afirmação tão estúpida.

Sim sei que é muito comum a gran-finagem arrogar-se o acervo cultural de uma nação. Não ignoro que é de *bom tom*, recepcionar intelectuais, pensadores, escritores, poetas, artistas, etc. Sendo, como é, uma função essencialmente

hospitaleira, protetora e atraente, não é de estranhar que os intelectuais se sintam atraídos e lisonjeados pelo luxo material e pelas provas de gentileza de que são alvos por parte da *boa sociedade*. Não se dão conta de que estão a representar, ali, um papel tolo e ridículo: o de animadores de uma peça teatral destituída de recursos para divertir a quem quer que seja. Nisso se resume a *vida social*.

A mulher que não foi elogiada

Escritores e poetas têm rivalizado, sempre, no elogio às mulheres belas e elegantes, exaltando somente essa classe de mulheres, por sinal, de feminilidade discutível. Só viram essa mulher. Daí não terem dito ainda toda a verdade acerca da mulher. Pois a mulher não é isso, não senhores. Não é vazia, superficial e vaidosa, como eles a descrevem. Não é egoísta, fatal, romântica, tagarela e invejosa, como a pintam os que mal a conhecem. Descrevem-na assim porque jamais souberam ver a mulher autêntica, que, por isto que autêntica, se abriga nos lares do povo, onde a humanidade se faz eterna.

Esta não foi devassada pelos intelectuais. Esta não tem história, não joga *bridge*, não fuma, não assiste a corridas de cavalos. É a heroína que ninguém conhece. Nem seu próprio marido. Nem sequer os filhos. Dela nunca se dirá nada engenhoso, nada elegante. Quando muito, dirão seus filhos, depois de morta: “Só agora percebemos o que ela era para nós”. E essa lamentação tardia será seu único necrológio. Foi por isto que quis dizer todas estas coisas. É por isto que rendo minha homenagem — a melhor homenagem do meu coração — à mulher autêntica, que vive no seio do povo e que vai criando, a cada dia, um pouco de povo. É ela que constitui o grande objetivo dos meus anseios. Sei que somente ela tem nas mãos o futuro do povo. Sim, porque não será tanto nas escolas como no seio dos lares que se há de formar a nova humanidade pela qual se bate o Justicialismo de Peron. Por isto preocupa-me a capacitação crescente da genuína mulher do povo, em todos os sentidos. A escola é como essas oficinas em que se fabricam quadros em série, mas o lar é

como o *atelier* de um artista, onde cada quadro leva um pouco da alma e da vida do autor. Ali se forjam os homens e as mulheres de escol.

A nova era justicialista, por nós iniciada, precisa de homens e mulheres desta têmpera. E por mais esforços que dispensarmos, não poderemos oferecer à humanidade expoentes assim, a menos que não-los brindem estas mulheres do povo, enamoradas da causa de Peron, sim, mas também fervorosamente instr idas e capacitadas.

Creio, por isto, que mais vale capacitar, instruir e educar uma mulher e um homem. É chegado o momento de reconhecer devidamente o milagre por fôrça do qual as mulheres criaram, de certo modo, o destino do mundo. E mais do que nunca neste momento, em que os homens perderam a fé. Nós nunca a perderemos. E bem sabemos que quando tudo parecer perdido, tudo poderá ainda ser salvo, desde que se tenha conservado um pouco, um pouquinho apenas de f .

LVIII

Como qualquer outra mulher

 que queria dizer, já o disse. Sou apenas uma humilde mulher de um grande povo, como o são todos os povos da terra. Uma mulher como há milhões no mundo. Acontece somente que Deus escolheu a mim, dentre tantas, para me por ao lado do Líder de um mundo novo: Peron. Por que fui eu a eleita e não outra? Não sei. Sei apenas que o que fiz e faço é o que teria feito no meu lugar qualquer das inúmeras mulheres que, neste nosso povo ou em qualquer outro povo do mundo, sabem desempenhar-se do seu destino de mulheres, silenciosamente, na fecundidade dos lares.

Sinto-me a humilde representante de todas as mulheres do mundo. Sinto-me, a exemplo delas, à frente de um lar, muito mais vasto, é certo, que o por elas criado, mas lar enfim: o grande, venturoso lar desta minha Pátria, que Peron conduz na direção dos seus mais altos destinos. Graças a ele, este lar, antes dismantelado e pobre, é, agora, justo e soberano. Ele fez tudo. Suas mãos maravilhosas converteram cada esperança de nosso povo em milhares de fagueiras realidades. Agora vivemos felizes, nesta felicidade do lar, entremeada dos trabalhos e amarguras que constituem, no fim de contas, a moldura da felicidade. Sou para este grande lar da Pátria, o que uma mulher qualquer é para cada um dos lares do povo. Da mesma forma que elas, sou uma simples mulher. Com os mesmos gostos que elas: jóias, peles, modelos e sapatos, mas também à semelhança delas, preferindo que todos em casa estejam melhor o que eu.

Como todas, quisera ser livre para passear e divertir-me, mas coíbem-me, como a elas, os encargos da casa, que

ninguém está obrigada a cumprir no meu lugar. Igual a elas, acordo cedo, o pensamento posto no meu marido e nos meus filhos. E é pensando neles que lido o dia todo e, ainda, boa parte da noite. Quando me recolho, estafada, passam-me pela mente projetos maravilhosos e entrego-me ao sono *antes que o jarro se quebre*. Como todas elas, acordo-me sobressaltada ao menor ruído, porque também tenho medo. Tal como elas, gosto de aparecer sorridente e atrativa aos olhos do meu marido e dos meus filhos, sempre serena e forte, para lhes infundir fé e esperança. E, do mesmo modo, vencem-me também os obstáculos e, quando me isolo para chorar, choro. Da mesma forma que elas, prefiro os filhos menores e mais débeis e mais quero os que menos possuem.

Como para todas as mulheres de todos os lares do meu povo, meus dias mais jubilosos são aqueles em que a filharada, alegre e carinhosa, cerca o pai comum, o chefe da casa. Tal como elas sei que os filhos desta grande casa necessitam de mim e do meu marido. Gosto do mesmo modo que elas, de preparar surpresas agradáveis e de exultar depois com a surpresa do marido e dos filhos.

Assim também, oculto meus desgostos e contrariedades e muitas vezes apareço alegre e feliz à vista dos meus, disfarçando num sorriso as perdas que me dilaceram o coração.

Aceito paciente, como todas as mães de todos os lares do meu povo, os conselhos das visitas e dos amigos: Mas porque levas as coisas tão a sério? Não te preocupes tanto! Diverte-te um pouco mais! De que te servem, então, tantas coisas bonitas que se enfileiram no teu guarda-roupa?

É que, tal qual elas, gosto mais de luzir aos olhos dos meus do que aos dos estranhos e é por isto que exhibo meus melhores adornos para atender os *descamisados*.

Assalta-me muitas vezes, como a elas, um desejo: sair de férias, viajar, conhecer o mundo. Todavia, estanco à porta

da casa, como imobilizada por um pensamento: se abandono a casa, quem fará o serviço no meu lugar? E fico. É que me sinto, de verdade, mãe do meu povo. E creio honestamente que o sou.

Não sofro, por acaso, com ele? Não partilho de suas alegrias? Não me dói sua dor como a própria? Não me ferve o sangue quando o desfeiteiam ou denigrem? Meus amores são os seus amores.

Por isto amo agora a Peron de uma maneira diferente, como não o amava antes: antigamente queria-o por ele mesmo, agora, quero-o porque o povo também o quer.

Por tudo isto, porque me sinto uma das mulheres do povo que constroem a felicidade, quero-o também para todas e cada uma delas em particular. Quero que sejam tão felizes nos seus respectivos lares quanto o sou eu própria neste grande lar que é a minha Pátria.

Quero que quando o destino torne a escolher uma mulher, para colocá-la no topo do lar nacional, possa qualquer mulher do povo cumprir, melhor do que eu, a missão que eu cumpro o melhor que posso.

Quero voltar-me até o último dia de minha vida, à grande tarefa de abrir horizontes e caminhos aos meus *descamisados*, aos meus trabalhadores, às minhas mulheres.

Sei bem que, do mesmo modo que qualquer mulher do povo, tenho mais força do que aparento e mais saúde do que acreditam os médicos. Do mesmo modo que elas, estou pronta para continuar lutando pela felicidade permanente do meu lar. Não aspiro a outra recompensa afora a felicidade. Esta é a minha vocação e o meu destino. Esta é a minha missão. Tal como o faria qualquer mulher, quero eu também cumprir até o fim.

Talvez um dia, quando eu não mais existir, se venha a dizer de mim o que muitos filhos do povo dizem de suas

mães, quando empreenderam a viagem definitiva: "Somente agora avaliamos o quanto nos amava!"

LIX

Não me arrependo

Creio ter escrito demasiado. Queria apenas explicar-me e fica-me a dúvida se o terei feito a contento. Mas continuar escrevendo seria inútil. Quem não me entendeu até aqui, quem não me *sentiu*, já não poderá mais sentir-me, mesmo que me alongasse por mil páginas a mais. Vejo aqui, agora ao meu lado, resmas de papel, cheias de traços soltos e largos de minha letra e creio ter chegado o momento de por o ponto final.

Releio as primeiras páginas, corro os olhos por tudo o que escrevi. Talvez não devesse confidenciar muitas das coisas que disse. Se alguma vez vierem a ser lidas por curiosidade histórica, não me farão grande favor. Talvez se diga que fui excessivamente cruel com os inimigos de Peron. Porém, não escrevi estas páginas para a História. Escrevi-as para este presente maravilhoso e extraordinário que me é dado viver; para o meu povo, para todas as almas do mundo que sentem, perto ou longe, que está para alvorecer um novo dia: o do Justicialismo. Quis somente anunciá-lo com as minhas boas ou más palavras. Com as mesmas palavras com que anuncio cada dia aos homens e mulheres do meu povo. Não me arrependo de nenhuma das palavras que escrevi. Seria preciso, para tanto, que primeiro se apagassem na alma do meu povo, este povo que tantas vezes as ouviu de meus lábios e que me brindou, por isto, com o seu carinho inigualável. Um carinho que vale mais do que a vida.

Fim

Índice

Prólogo

Primeira Parte

As causas da minha missão

- I – Acaso e destino
- II – Um grande destino
- III – A causa do *sacrifício incompreensível*
- IV – Tudo mudará um dia
- V – Resignei-me a ser vítima
- VI – Meu dia maravilhoso
- VII – Sim, este é o homem do meu povo
- VIII – A hora de minha solidão
- IX – Uma grande luz
- X – Vocação e destino
- XI – Acerca de minha eleição
- XII – Demasiadamente peronista
- XIII – A aprendizagem
- XIV – Intuição
- XV – O caminho que escolhi
- XVI – Eva Peron e Evita
- XVII – “Evita”
- XVIII – Pequenos detalhes

Segunda Parte

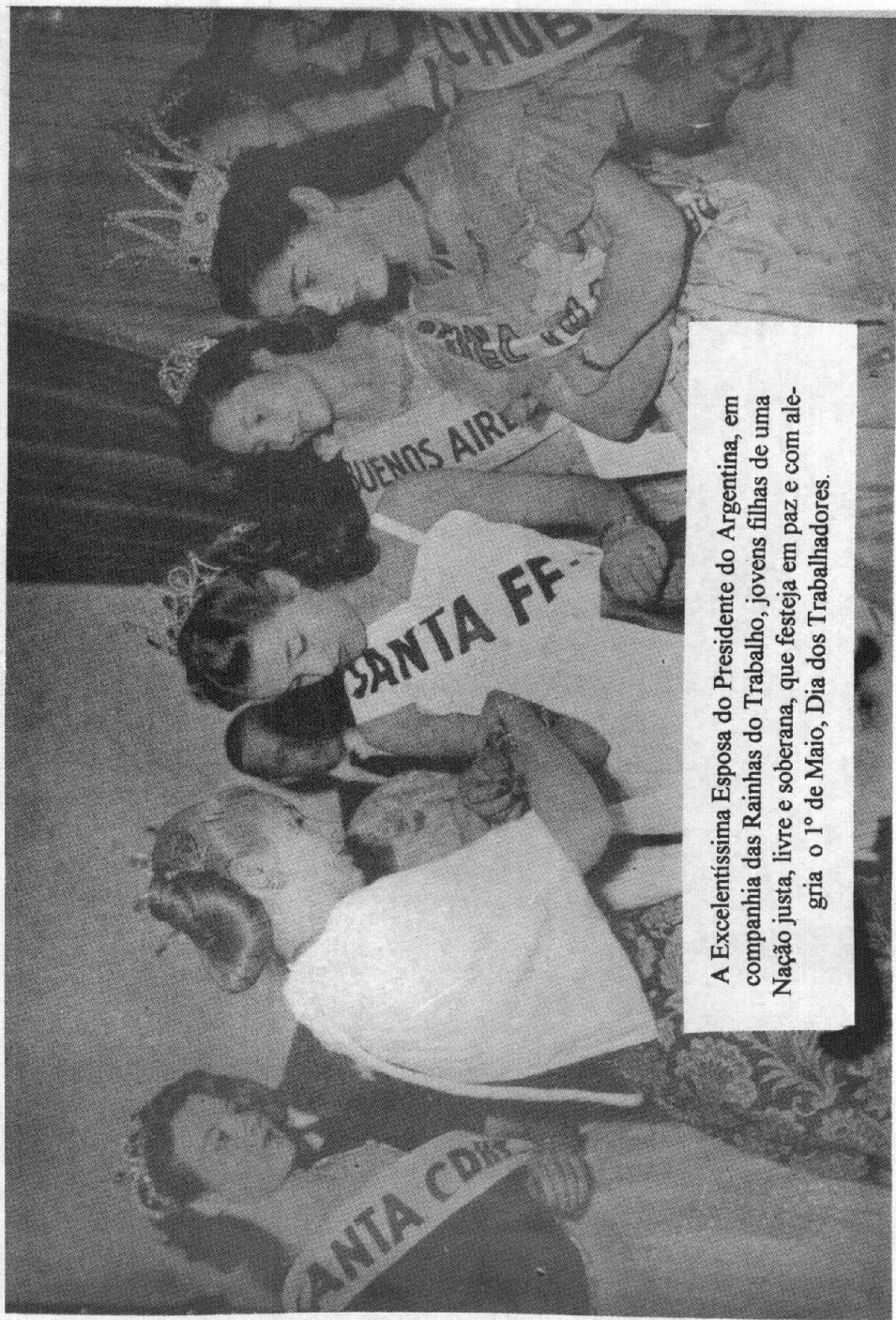
Os trabalhadores e a minha missão

- XIX -- A Secretaria
- XX -- Uma presença superior
- XXI -- Os trabalhadores e eu
- XXII -- Uma só classe de homens
- XXIII -- Descer
- XXIV -- As tardes de quarta-feira
- XXV -- Os grandes dias
- XXVI -- Onde quer que este livro seja lido
- XXVII -- Além da justiça
- XXVIII -- A dor dos humildes
- XXIX -- Os começos
- XXX -- As cartas
- XXXI -- Minhas tardes de ajuda social
- XXXII -- Esmola, caridade, beneficência
- XXXIV -- Fins de jornada
- XXXV -- Amigos em desgraça
- XXXVI -- Minha glória maior
- XXXVII -- Nossas obras
- XXXVIII -- Natal
- XXXIX -- As minhas obras e a política
- XL -- A lição européia
- XLI -- A extensão de minhas obras
- XLII -- Uma semana de amargura
- XLIII -- Uma gota de amor
- XLIV -- Como me pagam o povo e Peron
- XLV -- Minha gratidão
- XLVI -- Um idealista

Terceira Parte

As mulheres e minha missão

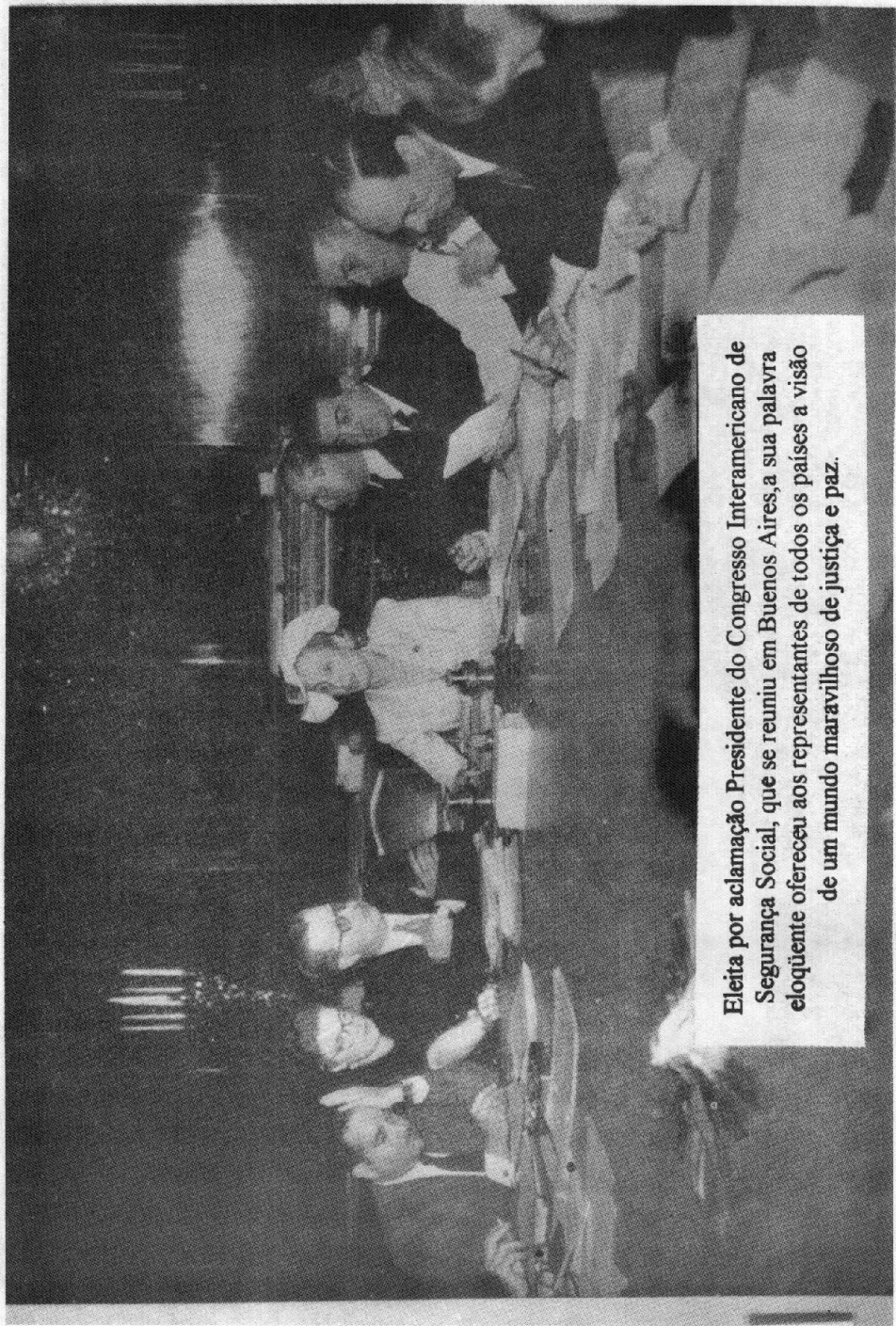
- XLVII – As mulheres e minha missão**
- XLVIII – Do sublime ao ridículo: um passo apenas**
- XLIX – Quisera indicar-lhes um caminho**
- L – O lar ou a fábrica**
- LI – Uma idéia**
- LII – A grande ausência**
- LIII – O Partido Peronista Feminino**
- LIV – Que importa que ladrem**
- LV – As mulheres e a ação**
- LVI – A vida social**
- LVII – A mulher que não foi elogiada**
- LVIII – Como qualquer outra mulher**
- LIX – Não me arrependo**



A Excelentíssima Esposa do Presidente do Argentina, em companhia das Rainhas do Trabalho, jovens filhas de uma Nação justa, livre e soberana, que festeja em paz e com alegria o 1º de Maio, Dia dos Trabalhadores.



Eva Perón perante o seu povo, em companhia do seu esposo, o Presidente Juan Perón. O 1º de Maio - festa de paz numa terra de paz - é a festa dos trabalhadores, que encontraram na mulher que consagrou sua vida à felicidade dos humildes a imagem viva da bondade, da energia e da fé.



Eleita por aclamação Presidente do Congresso Interamericano de Segurança Social, que se reuniu em Buenos Aires, a sua palavra eloquente ofereceu aos representantes de todos os países a visão de um mundo maravilhoso de justiça e paz.









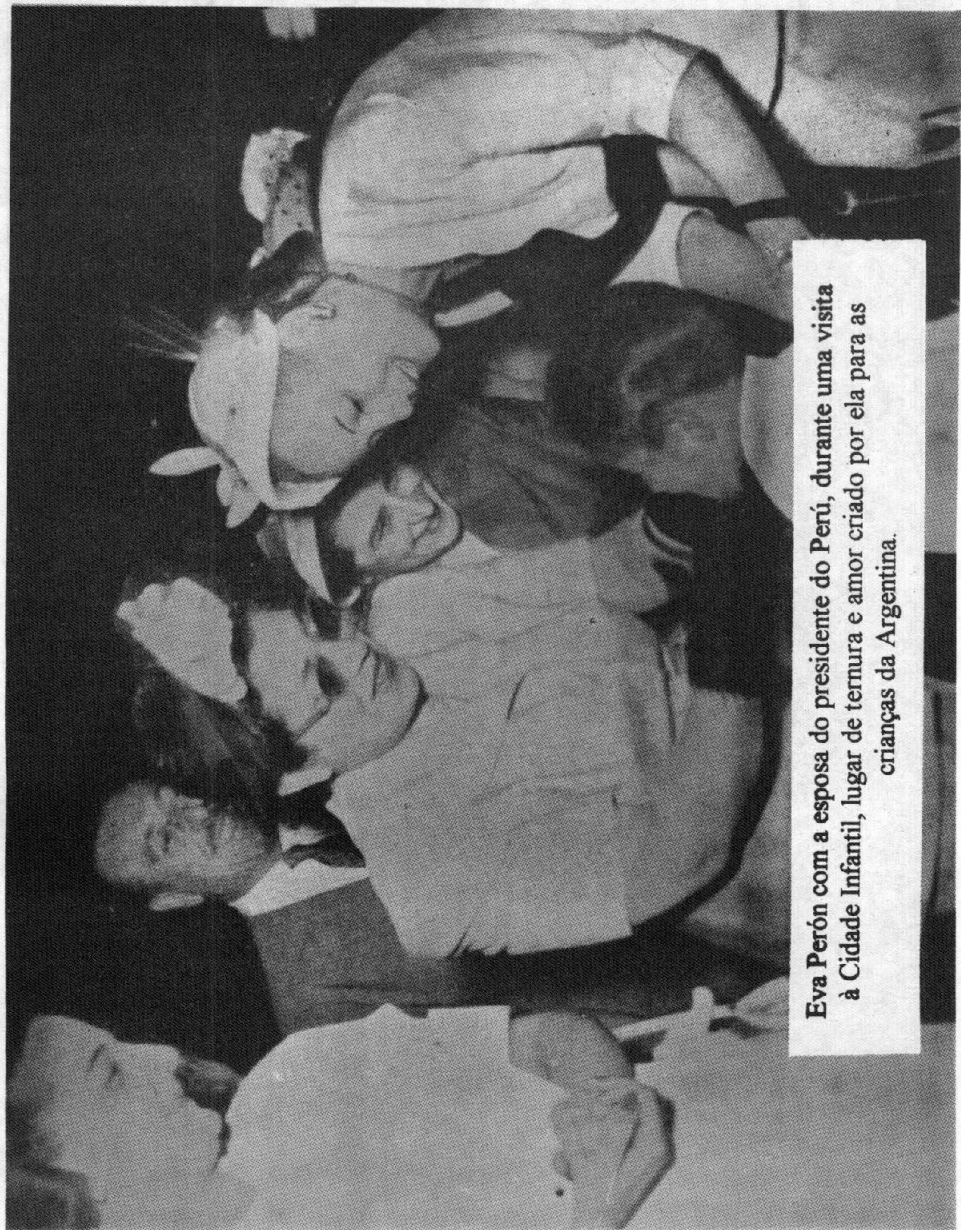


Evita com Perón. Ela foi o traço de união progressivo entre o Povo e seu Líder, a Paladina do seu renascimento, a percursora das grandes conquistas, a defensora dos seus anseios e a esperança do seu futuro. O amor e o respeito dum povo inteiro são o mais alto galardão da sua vida. Dia 4 de junho de 1946.

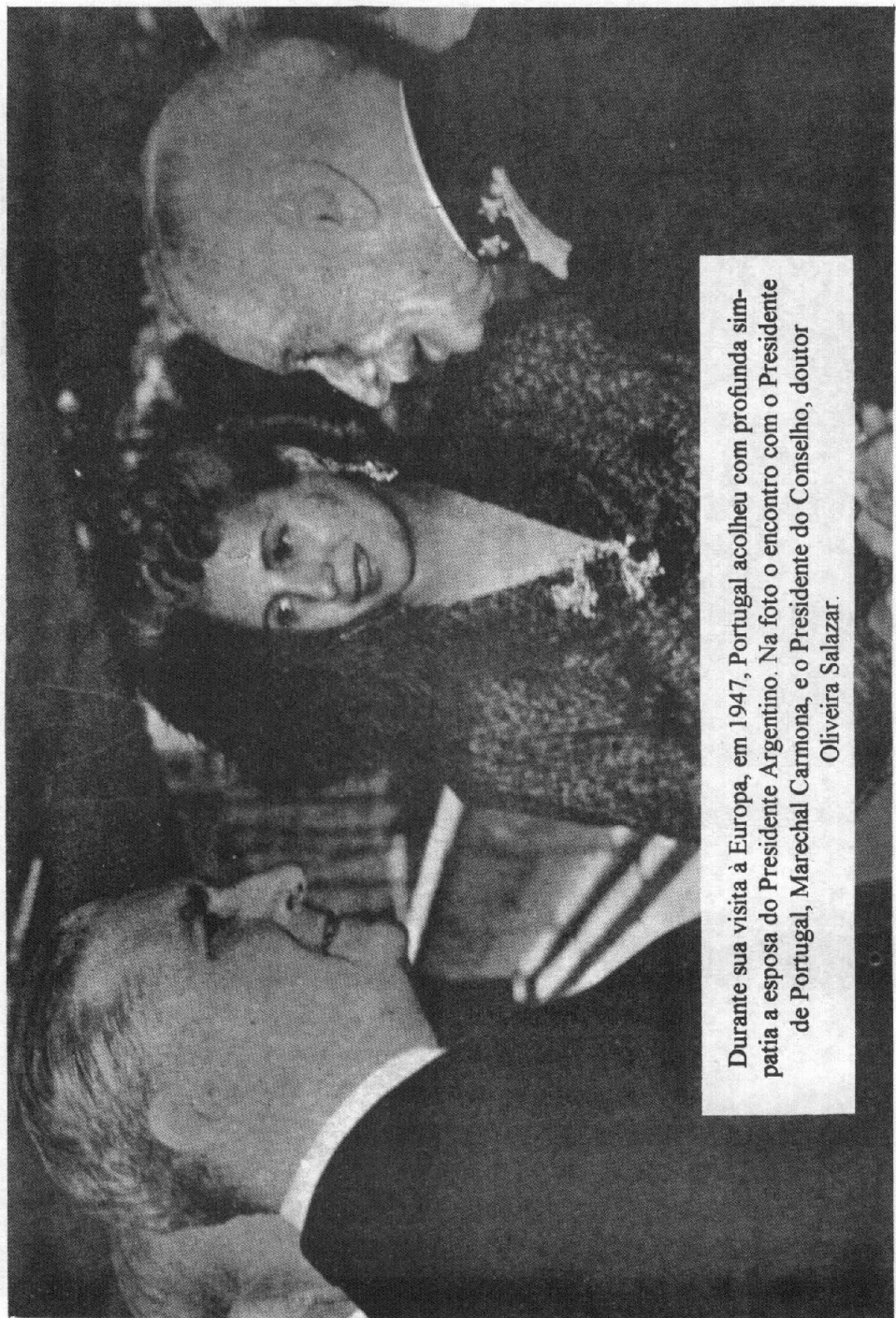


O Líder General Perón e Eva Perón, presidindo um almoço oferecido na Quinta Presidencial de Olivos, mesa cordial freqüentemente posta para as delegações que refletem ou expressam as ânsias da vida argentina.





Eva Perón com a esposa do presidente do Perú, durante uma visita à Cidade Infantil, lugar de ternura e amor criado por ela para as crianças da Argentina.



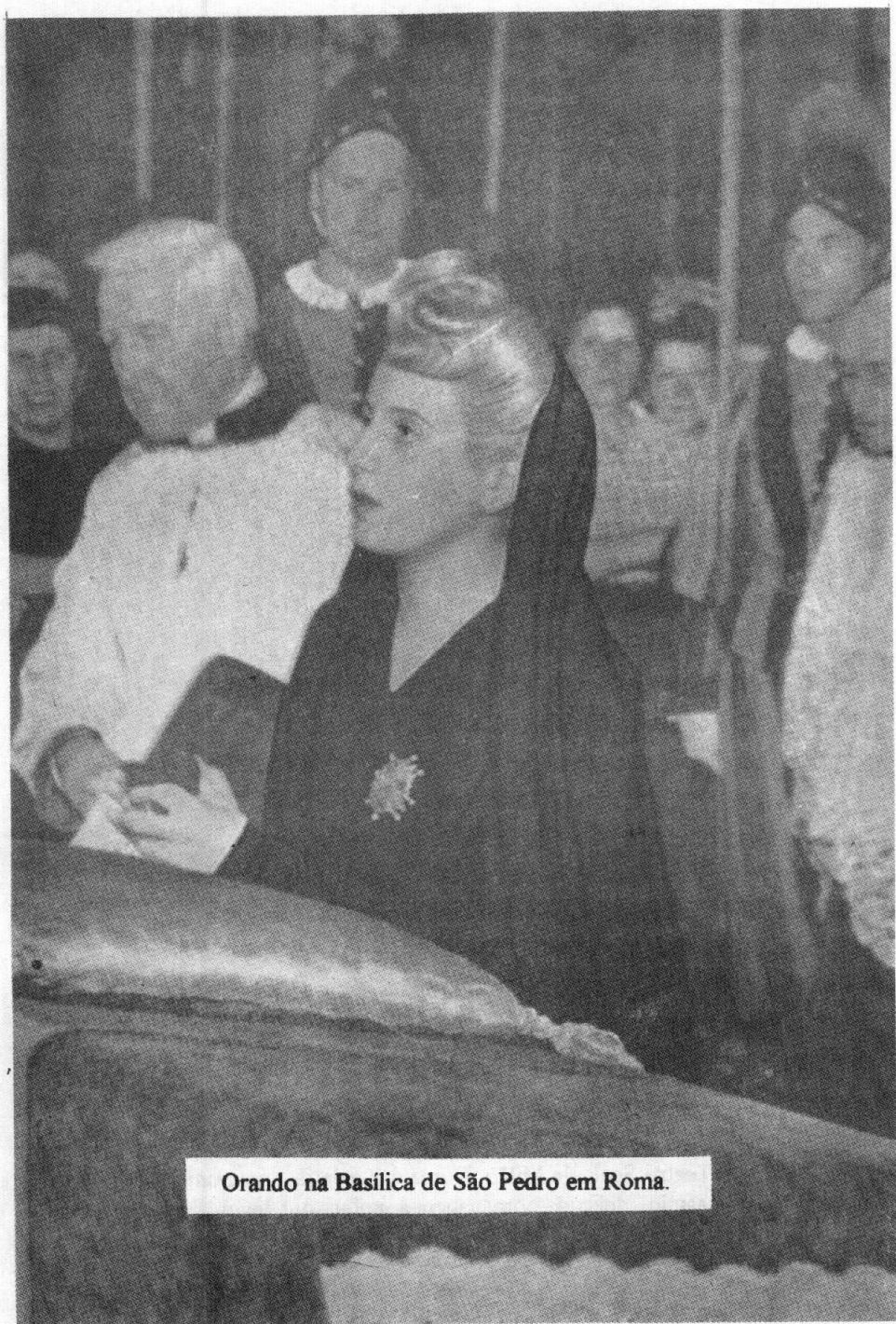
Durante sua visita à Europa, em 1947, Portugal acolheu com profunda simpatia a esposa do Presidente Argentino. Na foto o encontro com o Presidente de Portugal, Marechal Carmona, e o Presidente do Conselho, doutor Oliveira Salazar.



Eva Perón em companhia do Presidente da Confederação Suíça, Dr. Felipe Etter e do Ministro das Relações Exteriores, Max Petitpierre.



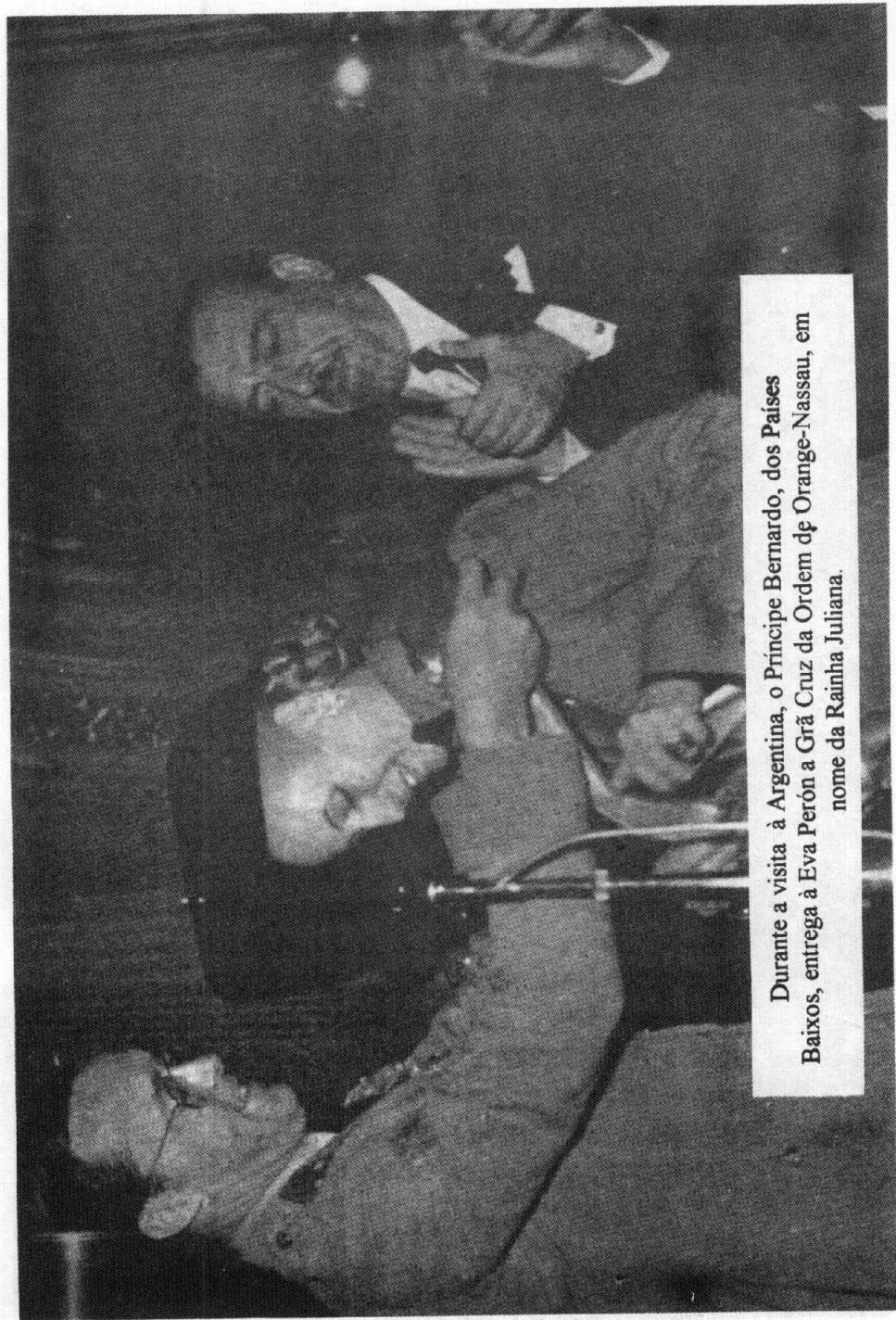
Roma acolheu Eva Perón com carinho e regozijo . Aqui aparece em companhia do Dr. Alcides de Gasperi, Presidente do Conselho de Ministros, e do Chanceler Conde Carlos Sforza, durante uma recepção.



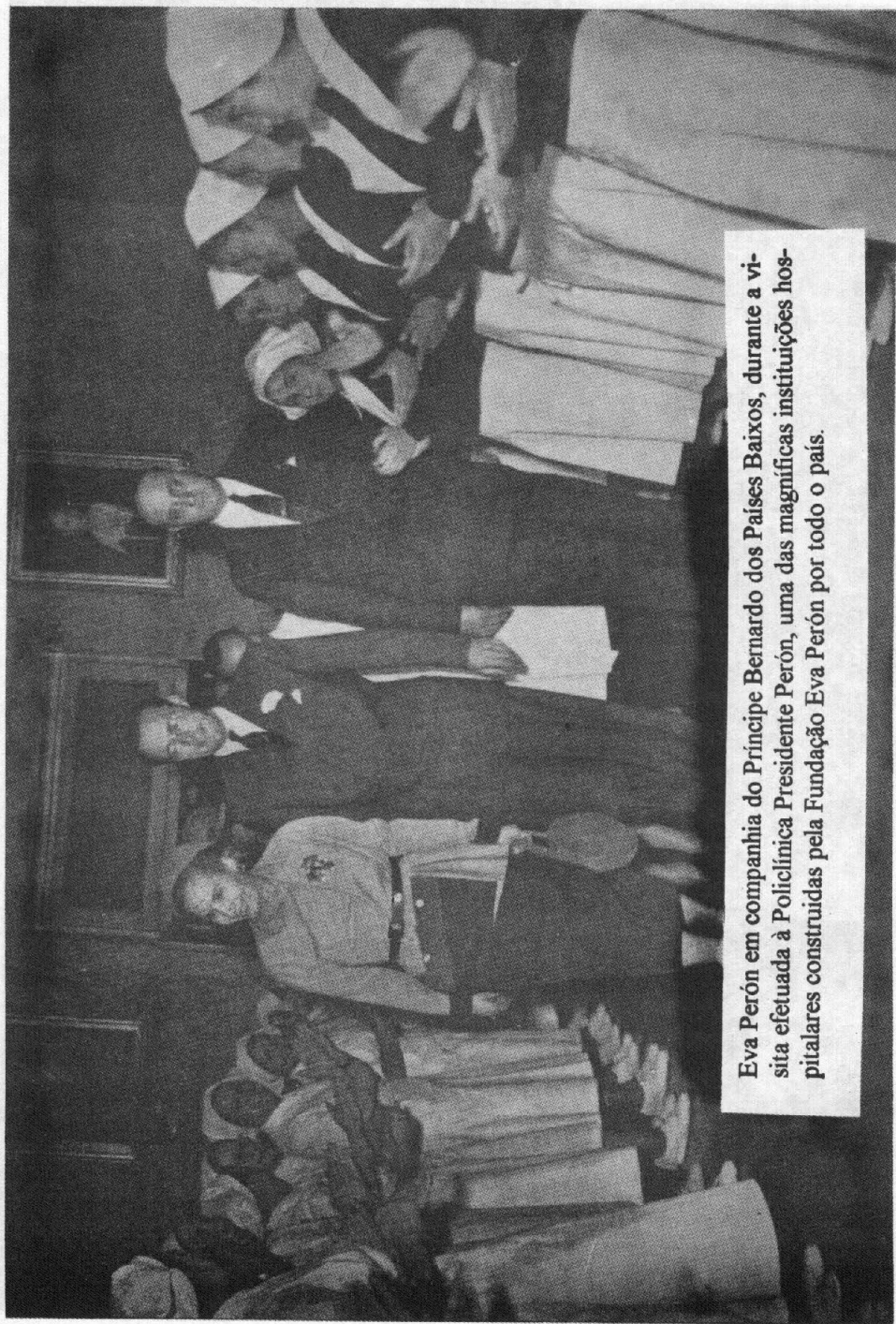
Orando na Basílica de São Pedro em Roma.



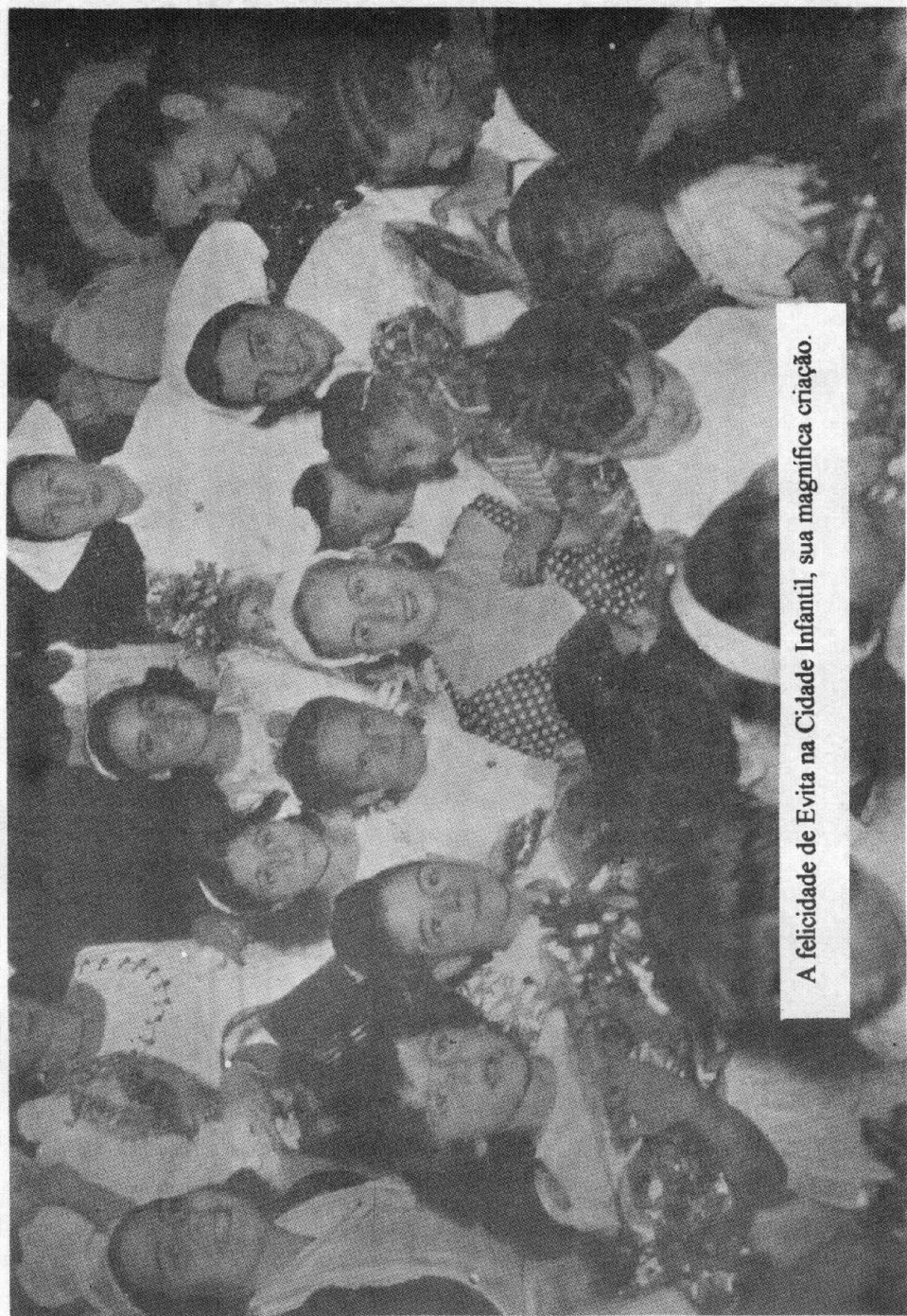
Eva Perón no Teatro Scala de Milão. Duma das galerias, um homem do povo atirou-lhe um jasmim, delicada homenagem à mulher que levou à Europa a imagem de um mundo mais perfeito e uma mensagem de paz e fraternidade.



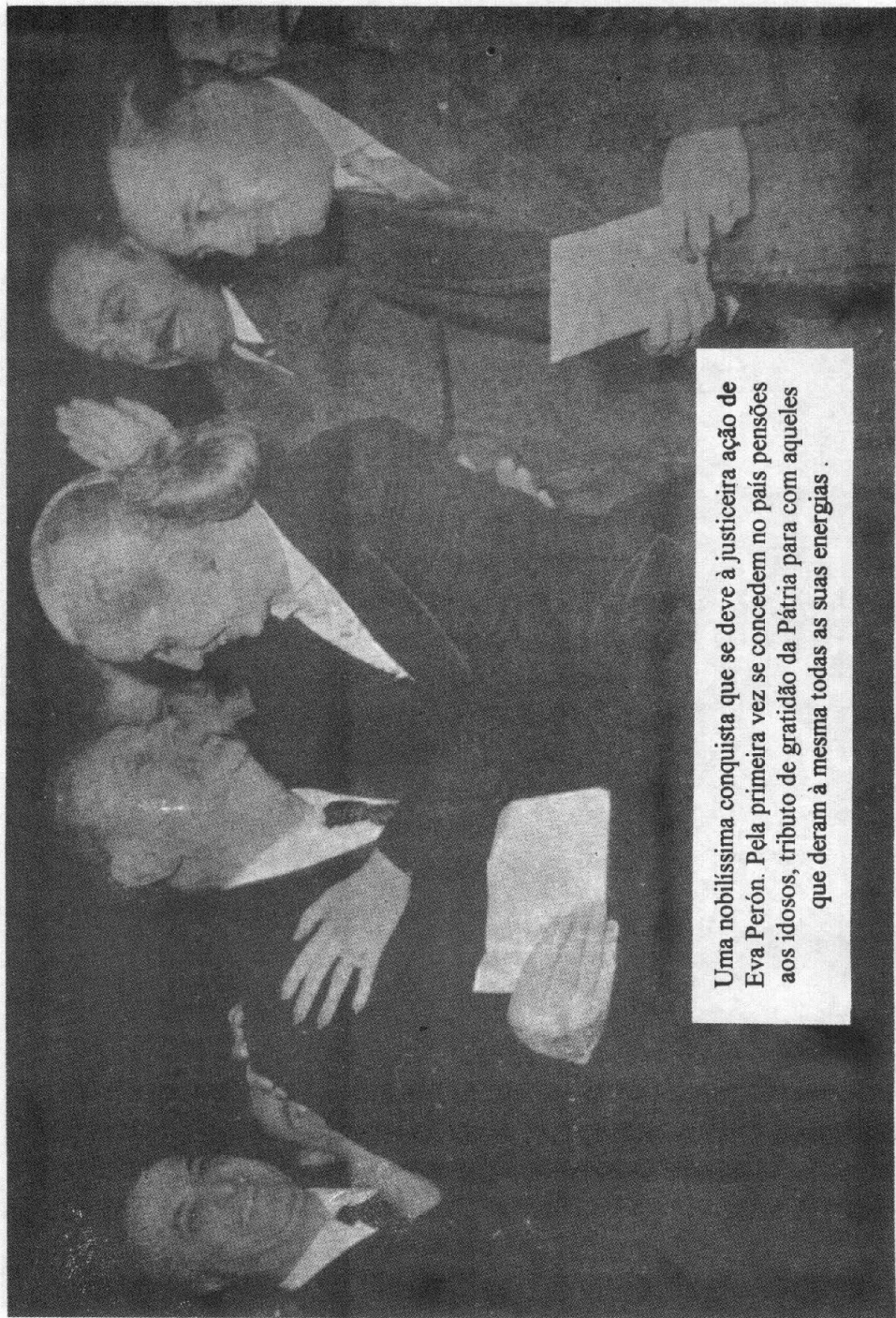
Durante a visita à Argentina, o Príncipe Bernardo, dos Países Baixos, entrega à Eva Perón a Grã Cruz da Ordem de Orange-Nassau, em nome da Rainha Juliana.



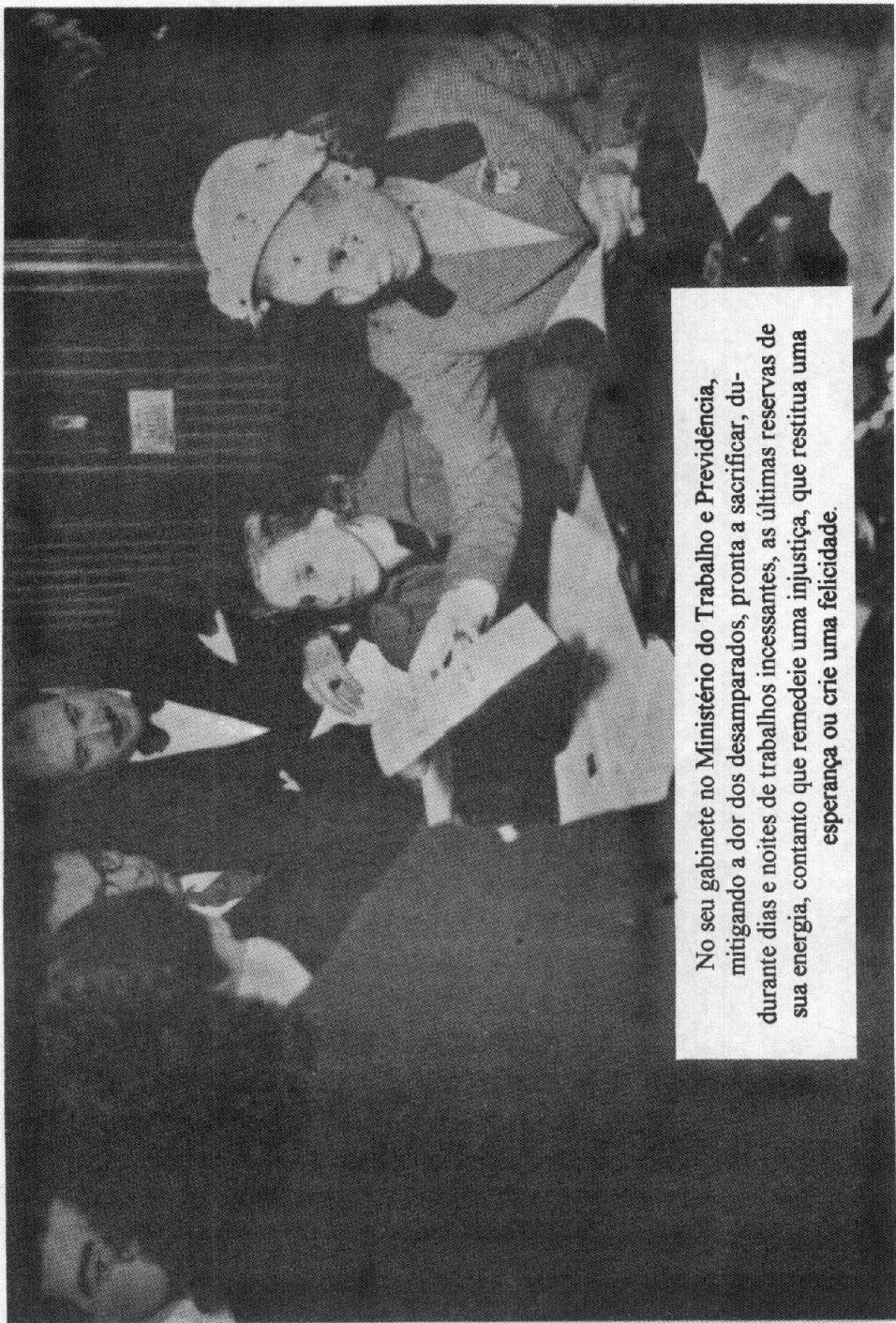
Eva Perón em companhia do Príncipe Bernardo dos Países Baixos, durante a visita efetuada à Policlínica Presidente Perón, uma das magníficas instituições hospitalares construídas pela Fundação Eva Perón por todo o país.



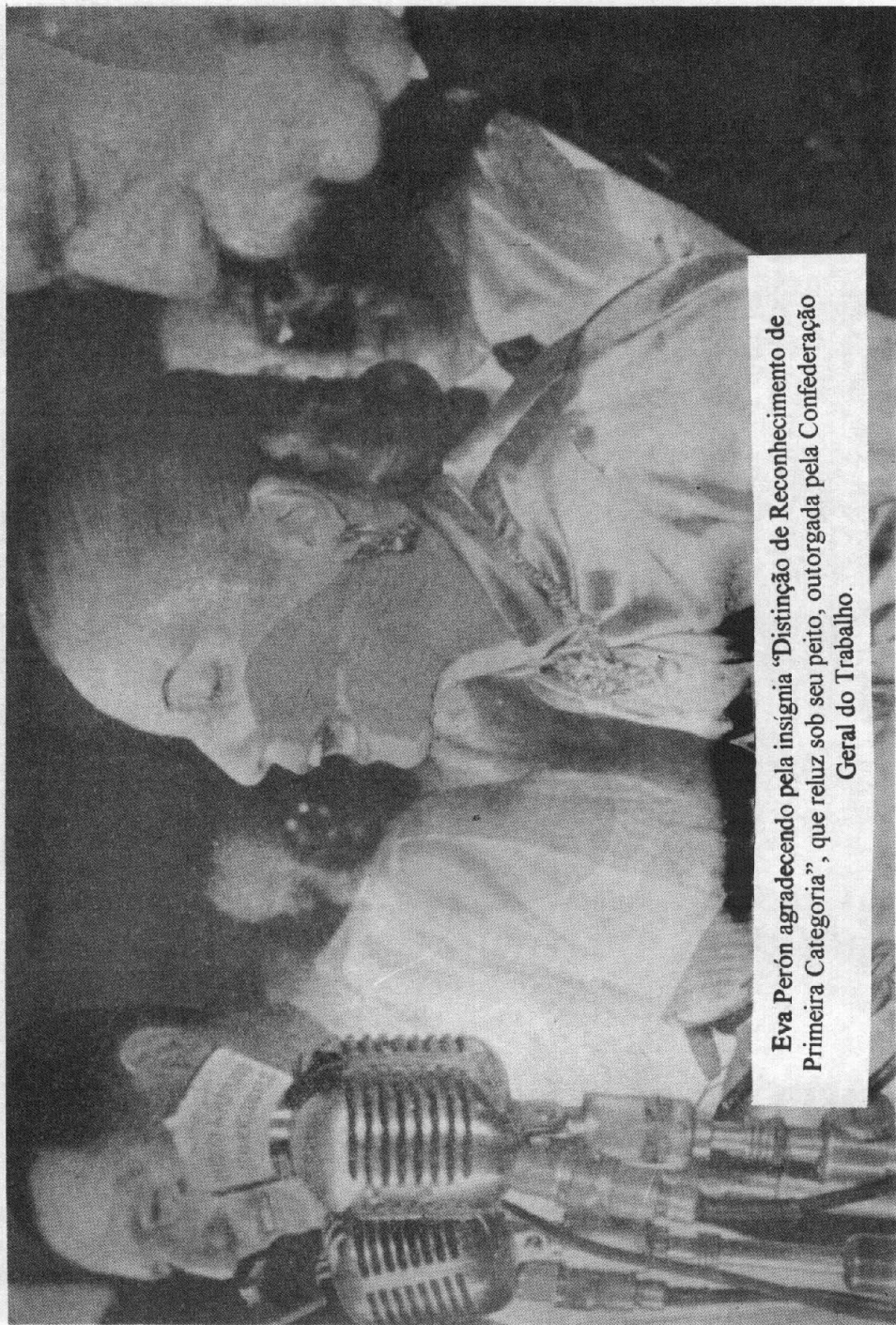
A felicidade de Evita na Cidade Infantil, sua magnífica criação.



Uma nobilíssima conquista que se deve à justa ação de Eva Perón. Pela primeira vez se concedem no país pensões aos idosos, tributo de gratidão da Pátria para com aqueles que deram à mesma todas as suas energias .



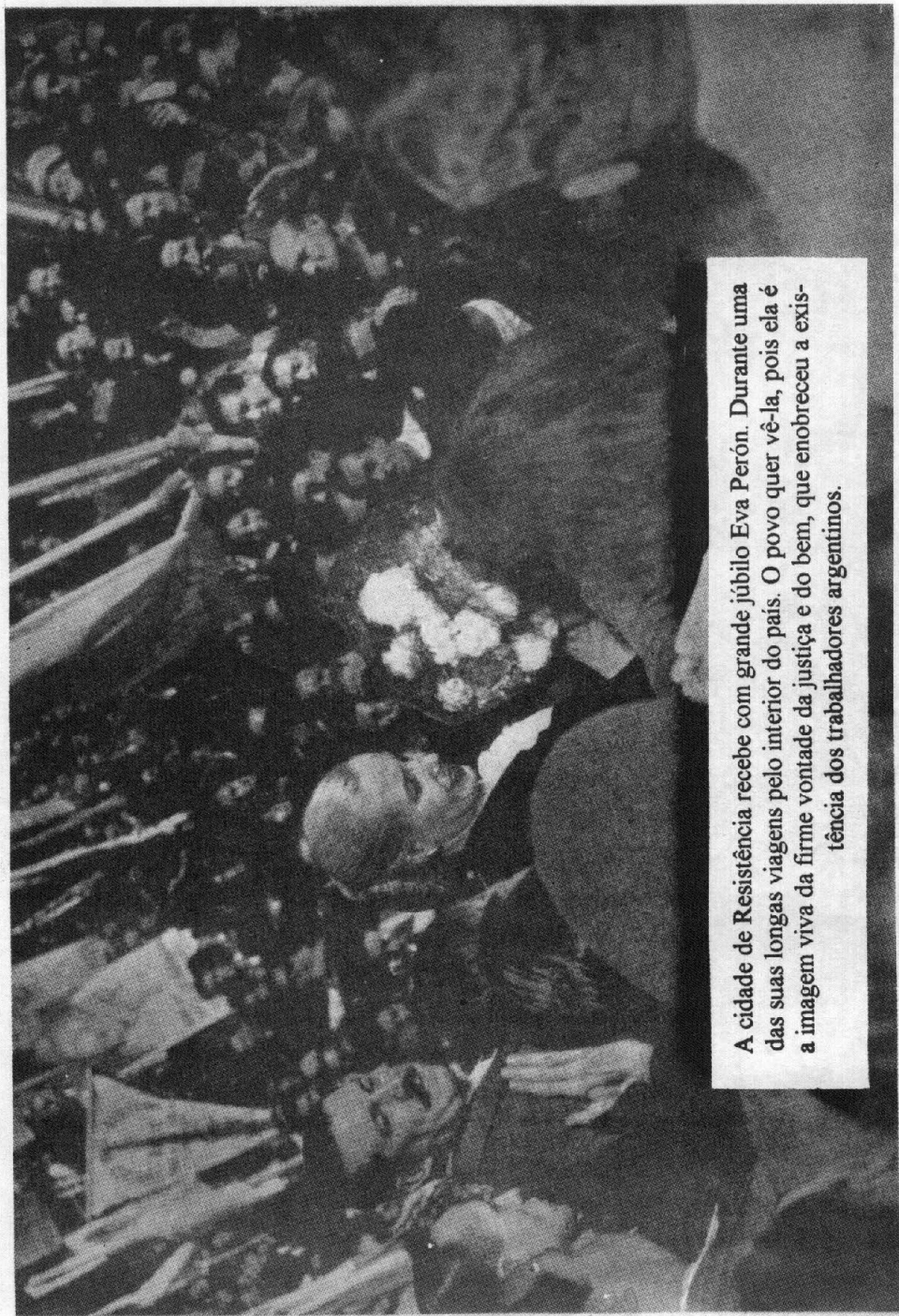
No seu gabinete no Ministério do Trabalho e Previdência, mitigando a dor dos desamparados, pronta a sacrificar, durante dias e noites de trabalhos incessantes, as últimas reservas de sua energia, contanto que remedeie uma injustiça, que restitua uma esperança ou crie uma felicidade.



Eva Perón agradecendo pela insígnia “Distinção de Reconhecimento de Primeira Categoria”, que reluz sob seu peito, outorgada pela Confederação Geral do Trabalho.



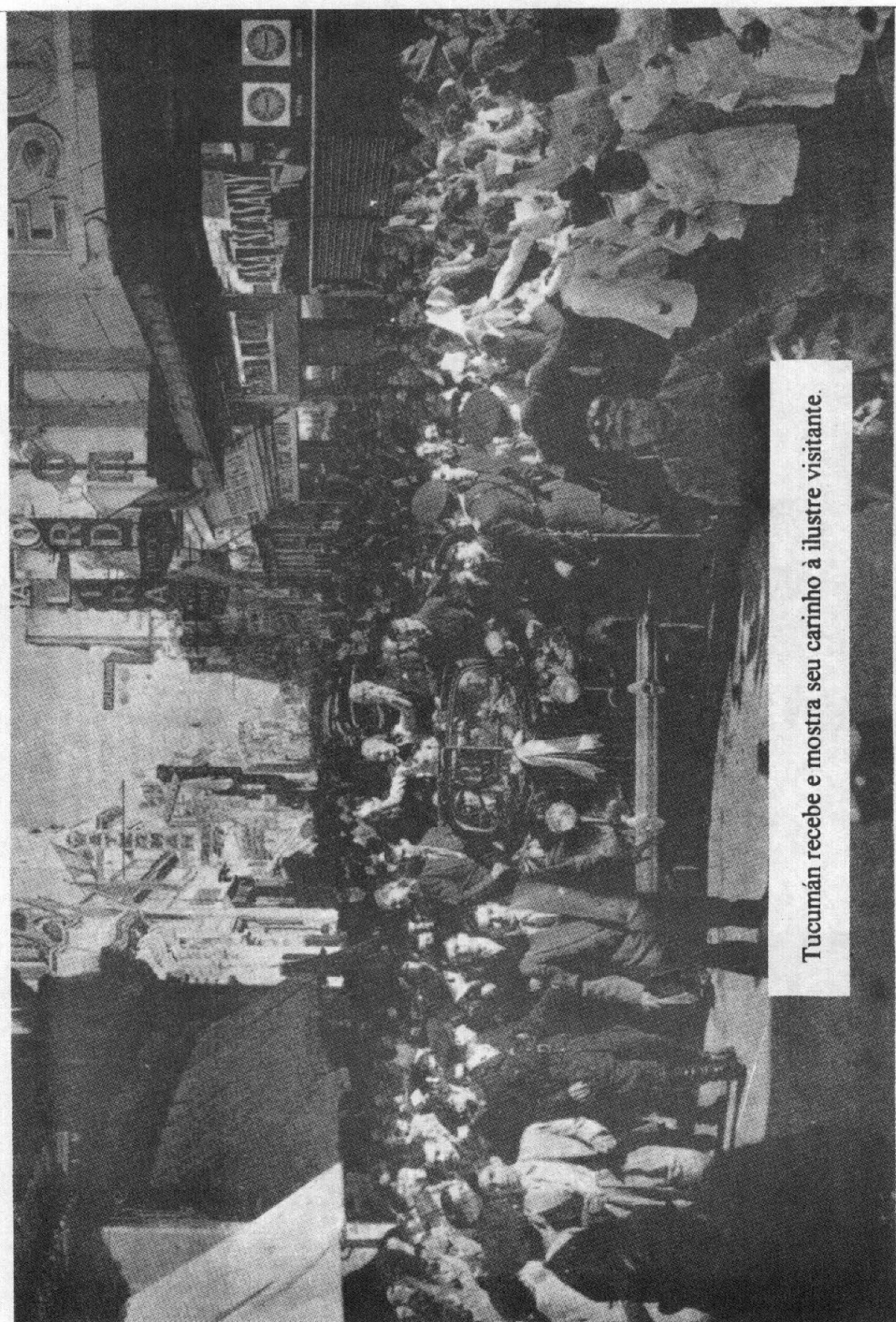
- O General Perón e sua esposa, com os membros do Poder Executivo e
- outros altos funcionários, durante um sarau de gala no Teatro Colón
- de Buenos Aires, por ocasião de celebração de data histórica.



A cidade de Resistência recebe com grande júbilo Eva Perón. Durante uma das suas longas viagens pelo interior do país. O povo quer vê-la, pois ela é a imagem viva da firme vontade da justiça e do bem, que enobreceu a existência dos trabalhadores argentinos.



Eva Perón retribui as cálidas ovações do seu povo, que contempla nessa mulher mais que um ser humano, é uma bandeira e uma chama.

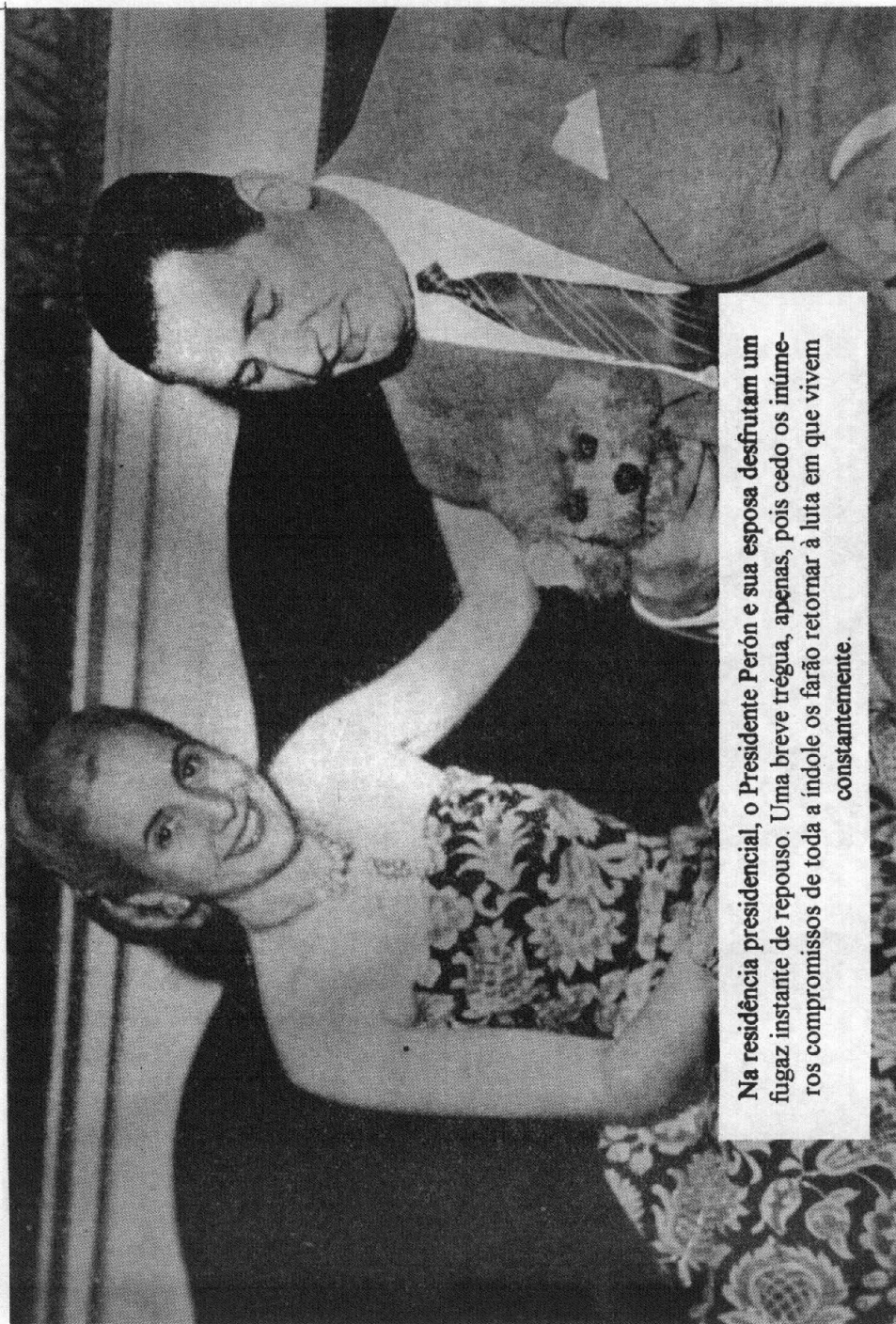


Tucumán recibe e mostra seu carinho á ilustre visitante.



O povo escuta Eva Perón no 1º de Maio de 1951. A sua voz é a voz da Pátria

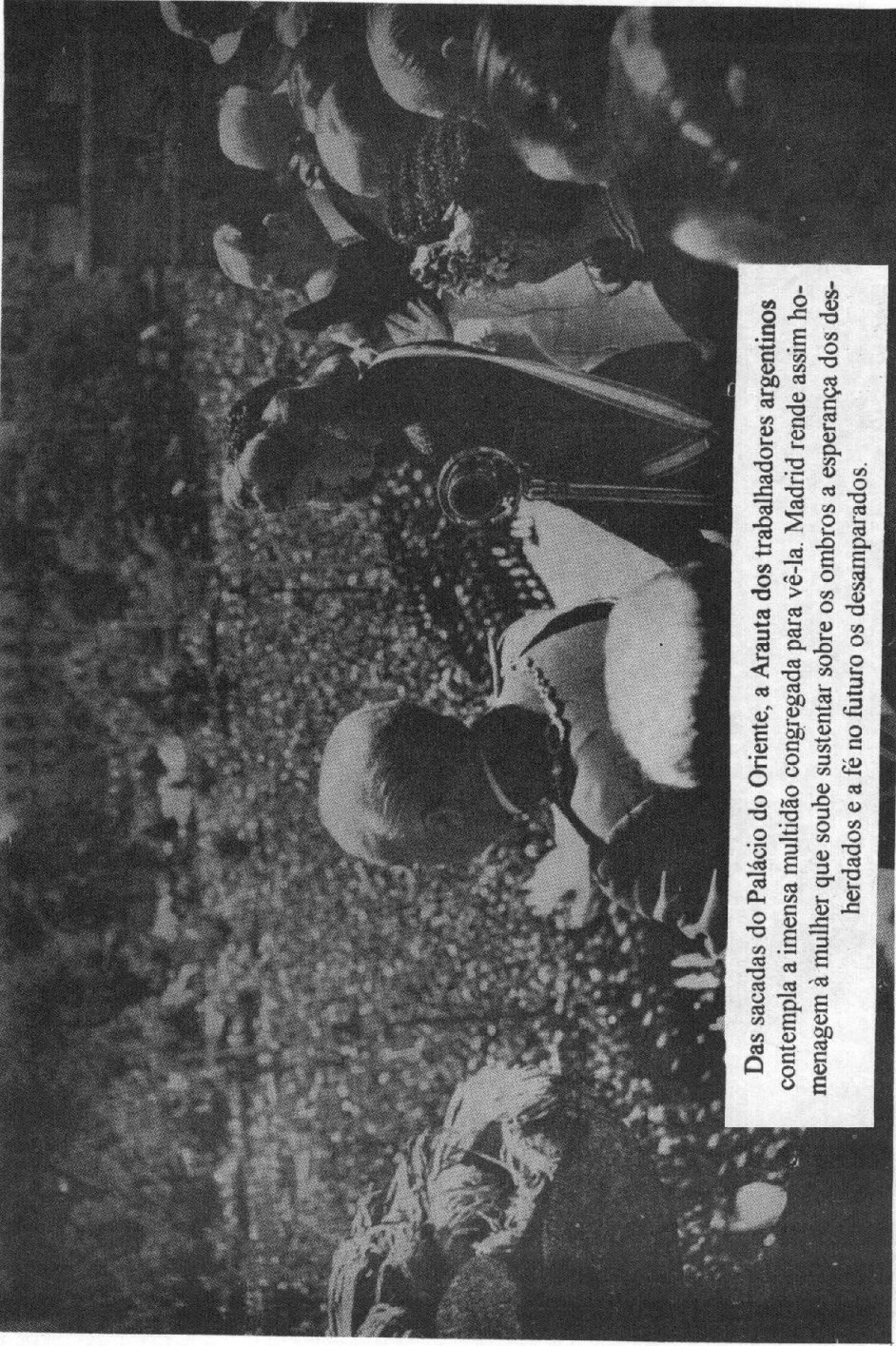
- recuperada, justa, livre e soberana, graças a Perón, Libertador da República
- e a Eva Perón, Chefe Espiritual da Nação.



Na residência presidencial, o Presidente Perón e sua esposa desfrutam um fugaz instante de repouso. Uma breve trégua, apenas, pois cedo os inúmeros compromissos de toda a índole os farão retornar à luta em que vivem constantemente.



As figuras mais representativas da política mundial escutam com profundo interesse a palavra de Eva Perón, durante sua visita à Europa em 1947. Na fotografia aparece em companhia do Sr. Eduardo H. Herriot, Presidente da Assembléia Nacional da França.



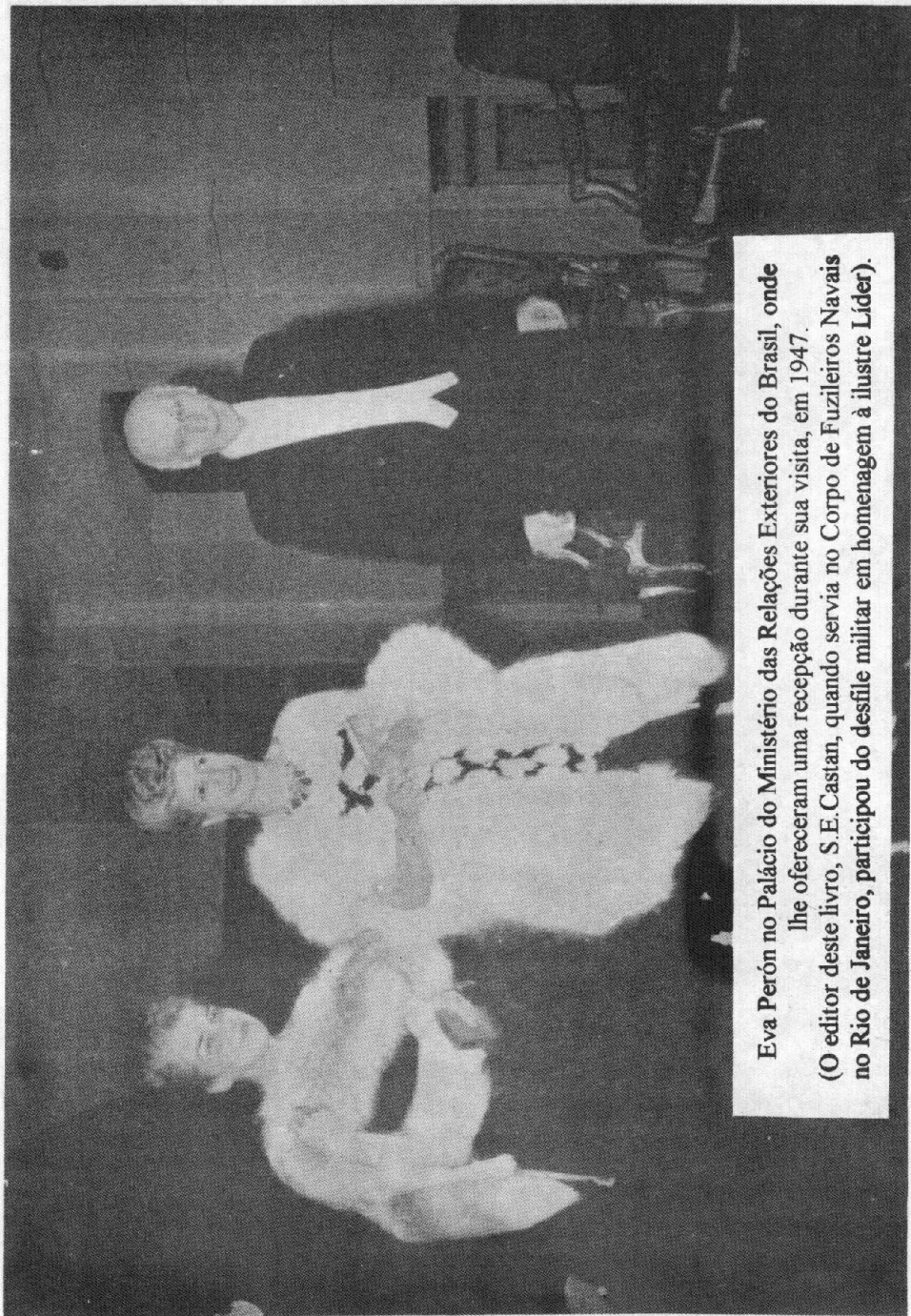
Das sacadas do Palácio do Oriente, a Arafta dos trabalhadores argentinos contempla a imensa multidão congregada para vê-la. Madrid rende assim homenagem à mulher que soube sustentar sobre os ombros a esperança dos desherdados e a fé no futuro os desamparados.



Em Madrid, no Palácio do Oriente, durante a cerimônia em que o Generalissimo Franco entrega a Eva Perón a Gran Cruz de Isabel a Católica.



Em Toledo, Espanha, Evita agradece com gesto cordial as ovações da multidão, que nela vê a digna intérprete dos excelsos princípios da civilização cristã.



Eva Perón no Palácio do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, onde lhe ofereceram uma recepção durante sua visita, em 1947.

(O editor deste livro, S.E. Castan, quando servia no Corpo de Fuzileiros Navais no Rio de Janeiro, participou do desfile militar em homenagem à ilustre Líder).

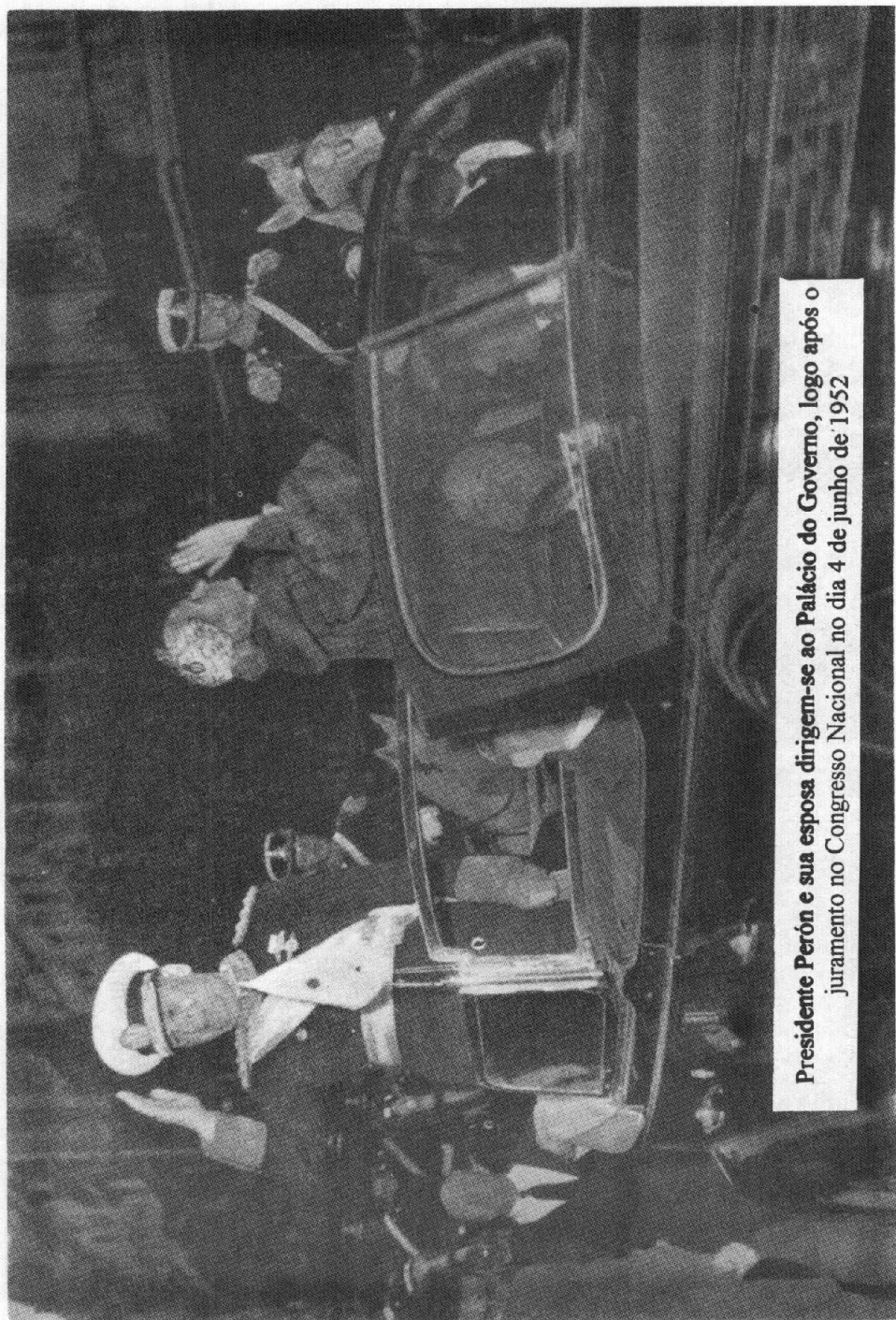


No Salão Branco, na presença o Presidente Perón, dos Ministros do Poder Executivo, membros do Corpo Diplomático e altos funcionários, Eva Perón recebe as insígnias da Ordem do Cruzeiro do Sul, no grau d Grã Cruz, do Governo do Brasil.





A foto de um momento muito emocionante na vida de Eva Perón. Enorme multidão clama para que ela aceite a candidatura à Vice-Presidência. A inspiradora dos mais nobres sentimentos e exemplos da Nova Argentina pede ao povo que lhe seja concedida uma pausa para meditação. (Evita, posteriormente, não aceitou a candidatura para qual certamente seria eleita, dando ao mundo um exemplo de simplicidade sem precedentes.N.E.)



Presidente Perón e sua esposa dirigem-se ao Palácio do Governo, logo após o juramento no Congresso Nacional no dia 4 de junho de 1952



Eva Perón lê, para convidados especiais,
o original do presente livro **A Razão da Minha Vida**, que como-
veu o mundo, pois foi traduzido para muitos idiomas e em toda parte é aco-
lhido como uma grandiosa mensagem de esperança e de fé, que ilumina no-
vos caminhos aos homens e aos povos.



Eva Perón e o General Perón, inspiradores das mais nobres conquistas da nacionalidade, dirigem-se para o Teatro Colón, momentos antes da festa de gala em comemoração do dia 9 de julho, data da independência política e da independência econômica argentina, que haviam atingido.